

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Graciele Soares de Carvalho

Estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais:
um estudo da Série Fome

Juiz de Fora

2024

Graciele Soares de Carvalho

Estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais:

um estudo da Série Fome

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Soares de Carvalho, Graciele.

Estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais : um estudo da Série Fome / Graciele Soares de Carvalho. -- 2024.
118 f.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

1. Linguagem. 2. Memória. 3. Série Fome. 4. Telejornalismo Literário. 5. Estratégias Sensíveis. I. de Albuquerque Thomé , Cláudia, orient. II. Título.

Graciele Soares de Carvalho

Estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais:

um estudo da Série Fome

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
Graduação em
Comunicação
da Universidade Federal
de Juiz de Fora como
requisito parcial à
obtenção do título de
Mestre em Comunicação.
Área de concentração:
Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 26 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Claudia de Albuquerque Thomé - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof Dr Marco Aurelio Reis

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Ana Paula Goulart de Andrade

Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 26/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Claudia de Albuquerque Thome, Professor(a)**, em 26/03/2024, às 20:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANA PAULA GOULART DE ANDRADE, Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 20:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCO AURELIO REIS, Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 23:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1764628** e o código CRC **4E023220**.

AGRADECIMENTOS

A paixão pelas histórias começou ainda na infância por influência de minha avó materna, que não sabe ler, mas sempre foi uma narradora nata. Essa paixão transcendeu-me e desde jovem, cresci focada em me tornar jornalista ou professora, acreditando que qualquer uma das duas profissões me daria a oportunidade de praticar o que mais amo: escrever e claro, contar histórias. Do interior, me mudei para uma cidade um pouco maior, e assistindo a Série Fome no Brasil, exibida no Jornal Nacional, que fiz a minha primeira escolha. Começava, ali, minha relação com o jornalismo e a busca em entender o porquê aquelas reportagens focadas na “Fome”, depois de tantos anos, ainda me deixavam angustiada e ao mesmo tempo fascinada.

Na profissão como repórter, Marcelo Canellas se tornou a minha referência, e enquanto trabalhava, tentava aplicar as técnicas voltadas para o jornalismo literário, mas ainda sem maturidade para compreender o impacto da linguagem no texto e na vida do outro. Em busca de respostas, depois de alguns anos, também fiz Letras. O curso me ajudou a melhorar a escrita e trouxe bagagens principalmente voltadas para as relações humanas. E neste processo, também comecei a compreender um pouco mais sobre a condução das reportagens, mas faltava entender qual era a “anatomia narrativa” que envolvia todo o processo.

Interessada em continuar a busca, dei mais um passo, me inscrevi no mestrado em Comunicação, na Universidade Federal de Juiz de Fora e viajava cerca de 330 km toda semana para as aulas presenciais, ainda assim, com a possibilidade de fazer grande parte das disciplinas online. Apesar da correria e do equilíbrio para conciliar trabalho e estudos em uma cidade um pouco distante, o cansaço sempre deu lugar a alegria e gratidão pelo deleite de ter uma oportunidade tão grande. E tudo isso não seria possível sem o apoio de muita, muita gente.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Mônica e Rafael, que me incentivaram sempre a estudar e ao apoio em todas as fases de minha vida. Ao meu noivo, Lucas, pela paciência e entendimento por eu estar ocupada com os estudos e parceria, por muitas vezes, compartilhar os textos comigo, discutir e ensinar. As minhas irmãs Livea e Ana Carolina que sempre me apoiaram em todas as escolhas. Aos amigos André e Willian que me ajudaram principalmente no começo de todo o processo do mestrado. As colegas de mestrado, Franciane e Beatriz, que tiravam todas as minhas dúvidas e respondiam minhas mensagens até de madrugada. Agradeço a todos os meus amigos pela compreensão por

eu estar ausente nos últimos meses, aos colegas de trabalho da TV Integração, produtores, repórteres, cinegrafistas, editores de texto, editores de imagens, gestores, que há mais de dez anos me ensinam e comemoram comigo todas as conquistas.

Agradeço aos professores do curso que sempre dividiram com tanto amor o conhecimento e principalmente a minha orientadora Cláudia de Albuquerque Thomé, que tive a sorte de ter ao meu lado nos últimos dois anos. Professora, obrigada pela generosidade e gentileza com as quais sempre me tratou, dando conselhos e compartilhando conhecimento. Você me fez enxergar o jornalismo com um olhar principalmente mais humano, agradeço por todos os ensinamentos.

Já são mais de vinte anos desde a exibição da Série Fome no Brasil, e apesar do jornalismo ter passado por tantas transformações, os textos de Marcelo Canellas continuam sendo exemplos de condução e técnicas para qualquer profissional do meio. As reportagens carregam muito mais do que uma linguagem, refletem os anseios e a dor de um povo que merece ter o sofrimento aplacado por esperança e políticas públicas.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Quem não vê bem uma palavra não pode
ver bem uma alma

Fernando Pessoa

RESUMO

A Série Fome composta por cinco reportagens e exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo, do dia 18 a 22 de junho de 2001, ainda é lembrada como um documento histórico que colocou em foco um problema social daquela época e que infelizmente ainda permanece atual. O trabalho investiga quais são as estratégias sensíveis na reportagem telejornalística da série Fome, observando os recursos que fazem o material audiovisual ser rememorado na tela da TV e em outros espaços midiáticos. O estudo examina também de que forma o repórter Marcelo Canellas articulou estas estratégias presentes em uma anatomia narrativa (Thomé, Piccinin e Reis, 2020) marcada pela subjetividade impressa principalmente na linguagem, que traz recursos linguísticos, como as figuras de construção; e ainda a inserção de características do jornalismo literário como, por exemplo, o uso da conotação que teve o potencial de tornar o texto mais humanizado e envolvente. O objetivo foi compreender em que medida as séries jornalísticas utilizam estas estratégias sensíveis para narrar a dor do outro em temáticas que envolvem tragédias como o caso da fome e ainda como a série do jornalista Marcelo Canellas foi capaz de resistir ao tempo com potencial de criação de memória, além de ser a origem de ramificações que ganharam a tela ao longo dos anos. Entre os referenciais teórico-metodológicos também estão Sodré (2016), Moraes (2015), Becker (2016, 2021), Thomé e Reis (2017, 2022, 2023), Coutinho (2016), Fernandes (2016), Sontag (2003), Musse e Viana (2018) e Barbeiro e Lima (2002). A análise foi feita pelo percurso metodológico da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016), que indicou pelo menos sete figuras de linguagem na série, além de estratégias sensíveis marcadas pela linguagem subjetiva, humanização e outros recursos do jornalismo literário como estilo e voz autoral.

Palavras-chave: Linguagem; Memória; Série Fome; Telejornalismo Literário; Estratégias Sensíveis;

ABSTRACT

The TV News séries “Fome”, consisting of five episodes aired on Rede Globo's Jornal Nacional, from June 18 to 22, 2001, is still remembered as a historical document that called attention to a subject of that time and that, unfortunately, still remains current. This research investigates the sensitive strategies in the television news reporting of the Fome series, observing the resources that make the audiovisual material remembered on the TV screen and in other media spaces. The study also examines how reporter Marcelo Canellas articulated these strategies present in a narrative anatomy marked by subjectivity printed mainly in language, which brings linguistic resources, such as construction figures; and also the insertion of characteristics of literary journalism such as, for example, the use of connotation that had the potential to make the text more humanized and engaging. The objective was to understand to what extent journalistic series use these sensitive strategies to narrate the pain of others in themes involving tragedies such as famine and also how the Canella's series was able to resist time with the potential to create memory, in addition to being the origin of ramifications that have come to light over the years. Among the theoretical-methodological references are also Sodré (2016), Moraes (2015), Becker (2016, 2021), Thomé and Reis (2017, 2022, 2023), Coutinho (2016), Fernandes (2016), Sontag (2003), Musse and Viana (2018) and Barbeiro and Lima (2002). The analysis will be carried out following the methodological path of Audiovisual Materiality Analysis (Coutinho, 2016), which indicated at least seven figures of speech in the series, in addition to sensitive strategies marked by subjective language, humanization and other resources of literary journalism such as style and authorial voice

Keywords: Language; Memory; series Fome; Literary Television Journalism; Sensitive Strategies;

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A repórter Marcela Mesquita e a criança que interrompeu o link	20
Figura 2 - Reportagem sobre a morte e a história de Gabriel García Márquez.....	26
Figura 3 - Programa Fantástico mudou o nome para Fantástica em homenagem a Glória Maria.....	30
Figura 4 - Pedro Bial faz homenagem por meio de versos a Glória Maria	31
Figura 5 - Capa da reportagem especial sobre O Nascimento de Joicy	34
Figura 6 - Imagem do momento do rompimento da barragem de Brumadinho	37
Figura 7 - Fotografia do repórter Marcelo Canellas exibida no Memória Globo.....	44
Figura 8 - Reportagem da série sobre o aumento do número de casos envolvendo abusos de crianças e adolescentes	50
Figura 9 - Vítima relatando os abusos sexuais na reportagem da série.....	51
Figura 10 - Atendimento especializado às vítimas de violência sexual no Complexo de Saúde São João de Deus	52
Figura 11 - Maria Rita, uma das personagens mais marcantes, durante entrevista para a série Fome	59
Figura 12 - Grupo de pessoas se reúne em orações em um pequeno cemitério de crianças	71
Figura 13 - Lavrador Evangelista dos Santos no momento em que questiona o repórter de que forma poderia resolver a desnutrição da filha.....	72
Figura 14 - Duas crianças em situação miserável aparecem em cena para ilustrar um trecho em que o repórter diz que crianças compartilham favas	73
Figura 15 - Tempo nublado e um arco-íris ilustram a cena trazendo esperança de chuva	74
Figura 16 - Imagem 1 da vinheta de abertura da Série Fome	75
Figura 17 - Imagem 2 da vinheta de abertura da Série Fome.....	76
Figura 18 - O agente de saúde, Cirene, durante a série Fome, exibida em 2001, no Jornal Nacional.....	84
Figura 19 - O agente de saúde, Cirene, na entrevista para o Fantástico, em 2023	85
Figura 20 - Ana, viúva de Evangelista, na entrevista para o Fantástico, em 2023.....	85
Figura 21 – Marta, filha de Evangelista, na entrevista para o Fantástico, em 2023.....	86
Figura 22 - Personagem João que deu um dos testemunhos mais marcantes na reportagem.....	88
Figura 23 - Imagem postada no feed do Jornal Nacional no Instagram como forma de lembrar a série Fome no Brasil.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Reportagens especiais seriadas exibidas no JN.....	54
Tabela 2 - Projetos e reportagens especiais desenvolvidos ao longo da história do JN .	56
Tabela 3 - Eixo de avaliação e questionamentos direcionados ao objeto que é a Série Fome, exibida no Jornal Nacional, em junho, de 2001	79
Tabela 4 - Figuras de linguagem na Série Fome	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ESTRATÉGIAS DE SUBJETIVAÇÃO NO TELEJORNALISMO	18
2.1 O SENSÍVEL NA COMUNICAÇÃO	19
2.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA TV	24
2.3 GUINADA SUBJETIVA NO TELEJORNALISMO.....	29
2.4 COMO NARRAR A DOR DO OUTRO?	35
2.5 MORTES, TRAGÉDIAS E FOME EM MEMÓRIA.....	39
3 SÉRIES DE REPORTAGENS NO JORNALISMO AUDIOVISUAL	46
3.1 PROXIMIDADE E AUTORREFENCIALIDADE NA SÉRIE LOCAL.....	49
3.2 MAPEAMENTO DE REPORTAGENS SERIADAS EXIBIDAS NO JN.....	54
3.3 A SÉRIE FOME	57
4 ANÁLISE – PERCURSO METODOLÓGICO.....	62
4.1 FIGURAS DE LINGUAGENS COMO ESTRATÉGIAS NARRATIVAS.....	63
4.2 ESTRATÉGIAS NARRATIVAS EXPLANADAS EM IMAGENS E OUTROS RECURSOS.....	69
4.3. UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS SENSÍVEIS NA SÉRIE FOME	77
4.4 A SÉRIE FOME E SEUS DESDOBRAMENTOS	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A - Decupagem Série “FOME” - Exibida no Jornal Nacional em junho de 2001	99
APÊNDICE B - Entrevista com Bruna Carriço	117

1 INTRODUÇÃO

A evolução do telejornalismo, nos últimos anos, possibilitou, entre outras inovações, novas formas de narrativas voltadas, por exemplo, para uma linguagem mais subjetiva. Em meio aos exemplos, o destaque fica para o presente estudo das séries, em especial a Série Fome no Brasil¹, exibida pela TV Globo, que apresenta estratégias com potencial de gerar audiência, comoção e despertar a solidariedade. O material audiovisual revisitado, mais de vinte anos depois, reafirma um problema social que assola o país e que está longe de ser atenuado, já que dados de um relatório do Governo Federal² apontam que 70,3 milhões de pessoas estavam, em 2022, em estado de insegurança alimentar moderada, que é quando possuem dificuldade para se alimentar. O levantamento também aponta que 21,1 milhões de pessoas no país estavam, no mesmo ano, em insegurança alimentar grave, caracterizado por estado de fome. Um cenário que contraria o direito humano à alimentação, que é norma, pois a Emenda Constitucional nº 64 incluiu a alimentação entre os direitos sociais, fixados no artigo 6º da Constituição Federal de 1988³, e por este motivo, esta temática tão sensível merece ser destacada.

No Brasil, imagens de famílias inteiras vivendo na miséria são mais do que comuns na televisão. Ao reportar esse cenário, o jornalista Marcelo Canellas, seja na primeira narrativa da série por volta dos anos 2000 ou 20 anos depois, com uma linguagem diferenciada, colocou o assunto em destaque. Para compreender de que forma foi explorada a anatomia narrativa (Thomé, Piccinin e Reis, 2020), a análise irá se concentrar na descrição das estratégias sensíveis das séries jornalísticas audiovisuais com foco principal na série Fome. A hipótese trabalhada é de que forma o telejornalismo pode utilizar estratégias sensíveis nas narrativas com temáticas de tragédias para atingir com maior eficácia o telespectador? E de que forma essa utilização pode ser observada na série Fome?

¹ A Série Fome no Brasil, exibida em 2001, no Jornal Nacional, será tratada neste estudo também como série Fome.

² Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/fome-no-brasil-piorou-nos-ultimos-tres-anos-mostra-relatorio-da-fao#:~:text=Segundo%20o%20relat%C3%B3rio%2C%2070%2C3, caracterizado%20por%20estado%20de%20fome>. Acesso em 27 jan 2023.

³ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 14 jun. 2023.

Este estudo contribui para a sociedade e a comunidade acadêmica no sentido de oferecer esclarecimentos sobre como o telejornalismo tem se reconfigurado, inclusive dando espaço para a subjetividade que traz, entre outras interpretações, as perspectivas pessoais na forma de ver o mundo. Como metodologia escolheu-se a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) proposta pela pesquisadora Iluska Coutinho (2016;2018), com o foco em algumas unidades de avaliação como texto+som+imagem+tempo+edição com a intenção de descrever e investigar o objeto a partir de algumas etapas. Com este objetivo, optou-se ainda pela revisão bibliográfica de autores como Fabiana Moraes, Mônica Martinez, Muniz Sodré, Nelson Traquina, Suzan Sontag, Cláudia Thomé, Fabiana Piccinin, Marco Aurélio Reis, Livia Fernandes, Beatriz Becker, além de pesquisadores e participantes de congressos como o Intercom. Ainda no caminho metodológico a ser percorrido, o estudo contou com entrevista semiestruturada de uma produtora de jornalismo do interior de Minas Gerais, além do mapeamento e decupagem da série Fome. A averiguação também foi realizada com o auxílio do Google Acadêmico, assim como livros físicos e virtuais para expor analiticamente essa reconfiguração da narrativa no telejornalismo.

A investigação também partiu de um raciocínio crítico-analítico, uma vez que estuda criticamente os conceitos das estratégias sensíveis e das figuras de linguagem buscando analisar de que forma são utilizadas na série Fome e também em formatos audiovisuais que estão exemplificados na dissertação. Percorreu-se ainda os fundamentos do jornalismo e deste aliado à literatura, e são utilizadas fontes diretas e indiretas, pois trata-se de uma análise multidisciplinar com uma pesquisa teórico-bibliográfica com base em conhecimento científico profundo, além de contar com pesquisa em vídeo. Para contextualização do assunto, foi ainda necessário um mergulho na história e memória do telejornalismo, por meio do site Memória Globo e também do livro que narra os 50 anos do Jornal Nacional, além da obra JN Jornal Nacional- Modo de Fazer.

O segundo capítulo, intitulado: Estratégias de subjetivação no telejornalismo, tem o aporte do autor Muniz Sodré (2016), reconhecido no meio acadêmico como referência no assunto, que traça um vínculo entre o termo e a linguagem, essa, externada muitas vezes por meio da sensibilidade se configurando como uma forma de valorização do humano principalmente quando compreende o profissional de comunicação (Thomé, 2021). Ainda caminhando pela análise exploramos o conceito da Sociedade 5.0, que ressalta ser cada vez maior a tendência da valorização das histórias individuais evidenciando um estilo de contar uma história e dando abertura principalmente para

empatia (Thomé e Reis, 2022). Na sequência, é feita uma abordagem sobre o que se entende por Jornalismo Literário (Martinez, 2009), qualificado por características como estilo e criação de sentidos e exemplificado com escritores e jornalistas que utilizam os recursos na construção de narrativas, além de descrever de que forma o estilo ganhou o terreno em vários veículos de comunicação e como se tornaram perceptíveis em formatos considerados como “videoteratura” (Thomé e Reis, 2017) (Távola, 1981), dando espaço para o que é classificado também como subjetividade nos relatos jornalísticos. A narrativa sobre a dor do outro também é explanada por meio de situações que marcaram a história do telejornalismo brasileiro, além de uma abordagem referente às mortes, tragédias e fome em memória. Temáticas que trazem na narrativa televisual o olhar da escritora, cineasta e filósofa Susan Sontag (2003).

Exploramos, no terceiro capítulo, as séries de reportagem no jornalismo audiovisual, que é um formato definido pela pesquisadora Fernandes (2009) como um subgênero televisivo do gênero telejornal e que tem ganhado cada vez mais espaço na televisão brasileira, e ainda fizemos um mapeamento de reportagens especiais seriadas que foram exibidas no JN, que tem mais de cinquenta anos de história e é um dos mais assistidos no Brasil. Busca-se explorar ainda o estudo da autorreferencialidade e a anatomia narrativa, compreendendo o termo como construção do material audiovisual e na sequência, aborda-se o conceito na estrutura da série Fome, apresentada aqui, como objeto de estudo da pesquisa.

Já no quarto capítulo é delineada a análise do percurso metodológico da pesquisa, desde as ferramentas científicas até as técnicas de seleção para a abordagem e referências. Na sequência, tem-se um estudo das figuras de linguagem usadas como recursos narrativos nos textos das cinco reportagens da série Fome. E ainda nesta seção, também são avaliados outros recursos audiovisuais tais como imagem, vinheta, trilha, além dos depoimentos dos personagens. A próxima abordagem traz uma exposição da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, buscando algumas conclusões e caminhando para o fechamento a que se propõe a pesquisa. Mas, antes, são trazidos alguns desdobramentos da série Fome, como, por exemplo, reportagens que foram feitas vinte anos depois e o impacto disso nas redes sociais.

Na conclusão é feita uma recapitulação dos temas abordados ao longo da dissertação fazendo-se uma amarração teórica das referências utilizadas aos resultados obtidos. Destaca-se como perspectiva fundamental para a dissertação os estudos da pesquisadora da Universidade Federal de Juiz de Fora e orientadora Cláudia de

Albuquerque Thomé, que direcionou os estudos, além de contribuir também como fonte de pesquisa em suas próprias análises.

O estudo justifica-se como contribuição para a Universidade Federal de Juiz de Fora e para os profissionais que fazem TV atualmente. Afinal, debruçou-se sobre questões que envolvem a reconfiguração do jornalismo nos últimos anos explorando principalmente os recursos marcantes da subjetividade na narrativa. Com este pensamento, a pesquisadora, jornalista e também com formação em Letras, traz a experiência de quase vinte anos do campo da televisão como apoio para hipóteses do presente estudo, que mobiliza principalmente aspectos voltados para a linguagem, a sensibilidade e a valorização do humano.

2 ESTRATÉGIAS DE SUBJETIVAÇÃO NO TELEJORNALISMO

A imparcialidade, atributo tão cobrado em manuais de jornalismo, tem sido considerada sob outra ótica nos últimos tempos, já que mesmo sendo ferramenta para um trabalho sério e de credibilidade, é possível, muitas vezes, perceber na notícia traços de valores pessoais, já que, o jornalista também externa convicções, além da influência da empresa que tem uma linha editorial específica. Nos dias de hoje, o profissional de comunicação precisa saber muito mais do que dominar as técnicas de trabalho, tem que ter sensibilidade para se colocar no lugar do outro e não apenas descrever, mas se tornar testemunha do fato.

Para compreender melhor este cenário que também pode estar dotado de empatia e que aqui envolve principalmente o telejornalismo, o presente capítulo traz embasamento teórico da pesquisa que busca analisar as estratégias sensíveis nas séries audiovisuais. Para compreender a subjetivação no Jornalismo, tem-se como ponto de partida o aporte da autora Fabiana Moraes (2015), que defende que a subjetividade deve ser reconhecida como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Para isso, serão consideradas as Estratégias Sensíveis delineadas por Muniz Sodré (2016) para se referir às relações e afetações dos sujeitos a partir da linguagem com técnicas narrativas, mais humanizada, que se enquadram no jornalismo literário e serão abordadas pela autora Mônica Martinez (2009).

O trabalho também traz o reflexo da literatura no audiovisual a partir do conceito de Videoteratura, que é classificada pelos pesquisadores Cláudia Albuquerque Thomé e Marco Aurélio Reis (2017) como uma produção audiovisual que está na fronteira entre o Jornalismo e a Literatura, além das considerações da pesquisadora Livia Fernandes (2016), que trata a série como um subgênero especial dos telejornais brasileiros que têm ganhado cada vez mais espaço na televisão brasileira. O estudo traz ainda outros fundamentos dos autores citados acima, como Thomé (2021), que ressalta a valorização do humano no jornalismo como uma das estratégias narrativas mais atuais. E ainda dentro desta abordagem, Piccinin, Reis e Thomé (2020) conceituam as estratégias de autenticação da notícia, que pode estar, por exemplo, no comportamento do jornalista ao narrar a dor do outro principalmente em coberturas de mortes, tragédias e fome que serão pontuadas no estudo a partir de casos que marcaram a história do telejornalismo brasileiro.

2.1 O sensível na Comunicação

Um dos maiores desafios do jornalista é escrever de forma atrativa sem esquecer princípios como ética, boa apuração e simplicidade para que o texto seja compreendido por qualquer tipo de público, já que a principal função do profissional da Comunicação é informar com clareza. Mas, escolher bem as palavras e escrever de forma elegante esbarra em situações que devem ser evitadas tais como: adjetivos em excesso, repetições, linguagem vulgar, clichês, uma busca que envolve a objetividade e, muitas vezes, também o “belo”, essa última já usada como ferramenta pelos grandes oradores da Grécia Antiga.

[...] uma retórica tem como objetivos persuadir – objetivo racional se tomado no sentido “pascaliano” de convencer mediante um argumento impecável – e agradar (aspecto afetivo ou irracional), ou seja, emocionar. Dessa arte foram mestres na Antiguidade ateniense sofistas como Górgias, Protágoras, Trasímaco, Prodicó, Hipias e outros, que hoje se conhecem por intermédio da crítica platônica e aristotélica. Havia mais de uma retórica, porém. A psicagogia (*psychagogein* = conduzir ou incitar a alma), por exemplo, representava no século V a.C. uma escola à margem da primeira retórica oficial de Tísias e Córax: em vez de tentar convencer pela verossimilhança, buscava atração emocional pela palavra adequada. (Sodré, 2016, p. 44).

A oratória entusiasmada e cheia de paixão se tornou marco do povo grego, que colocou em prática no discurso habilidades que podem ser aplicadas até hoje, inclusive pelos jornalistas que têm a palavra, falada ou escrita, como instrumento de trabalho. Mas, percebe-se que, no caso de quem trabalha com TV, a narrativa precisa ser ainda mais abrangente, isso porque, como pontuam Barbeiro e Lima (2002, p. 17), “as imagens pesam mais do que as palavras, daí a conquista de público da televisão, o veículo mágico do século XX.”

Compreende-se que nesta narrativa composta pelo casamento entre texto e imagem, muitas reportagens exploram o campo dos afetos que, como destaca Sodré (2016), sempre esteve aí, com os artistas, os poetas, os amantes e os visionários. É o caso dos jornalistas como se percebe em algumas situações a exemplo do ocorrido em janeiro de 2020, quando a repórter do MG1, da TV Integração em Divinópolis, Marcela Mesquita, encerrava uma entrada ao vivo com um entrevistado sobre promoções no comércio, quando foi interrompida por uma criança enquanto reforçava o endereço do local onde as pessoas deveriam procurar os serviços do Procon. A profissional então se abaixou, abraçou e conversou com a menina enquanto devolvia para o estúdio. Pouco

tempo depois, o assunto viralizou e já estava em vários sites de notícias, entre eles: o TV Foco, Veja SP, O Dia, Meia Hora, Uol, além de perfis de redes sociais. Só no Twitter da jornalista foram mais de sessenta mil curtidas, além dos milhares de comentários, atitude que se tornou uma estratégia de autenticação da notícia que segundo Piccinin, Reis e Thomé (2020, p. 169) segue “em movimento oposto àquele em que repórteres precisavam manter a aura de isenção, como garantia de perícia, é atravessado por atuações de seus profissionais nas redes sociais que reconfiguram esse fenômeno.”

Figura 1 - A repórter Marcela Mesquita e a criança que interrompeu o *link*



Fonte: Print do site do Uol, Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/fez-o-meu-dia-ficar-melhor-conta-reporter-que-interrompeu-link-para-abracar-crianca>. Acesso em 29 de jan. 2023.

Mas, por que um fato que durou vinte e cinco segundos teve um impacto tão grande a ponto de vários jornais noticiarem e milhares de telespectadores serem mobilizados? Para a pesquisadora Thomé (2021), a emoção externada, principalmente ao vivo, produz sentimento de humanidade e é uma forma de aproximação com a audiência.

Em entrevista ao Observatório da TV do UOL, Marcela Mesquita disse que a reação foi espontânea e relatou ainda: “fiquei impressionada de ter viralizado, pois tomei

uma atitude que pra mim é normal”⁴. Analisando o vídeo é possível perceber que a repórter poderia simplesmente ter ignorado a presença da criança e que a imagem não iria ser transmitida ao telespectador, mas a profissional foi carinhosa e teve flexibilidade para não comprometer a abordagem do material que tinha acabado de noticiar.

Há mais de setenta anos, o telejornalismo brasileiro tem incorporado novas estratégias adotando uma anatomia narrativa que varia de acordo com o profissional de comunicação e também o público, conceito que é reforçado pelos pesquisadores Thomé, Piccinin e Reis:

As narrativas do telejornal estariam, dessa maneira, baseadas em estratégias de convencimento que investem em discursos que promovem o sentido de transparência e cumplicidade, buscando a efetiva vinculação entre as duas dimensões. Assentam-se no fortalecimento das interações entre o telejornal e as audiências, marcando a proximidade entre o narrar e o mundo empírico, como necessária desconstituição exigida por este processo de autenticação do dizer. (Thomé, Piccinin e Reis, 2020, p. 163).

E justamente em função de um novo ecossistema midiático, que a televisão precisou se reinventar, para não só atrair a audiência, mas também a manter conectada. Observa-se que programas, jornais, e comerciais de TV diversificaram as estratégias no discurso por meio da manipulação de afetos, proposital ou não, para atingir com eficácia o telespectador, desenvolver a empatia, e a proximidade como já foi ressaltado pelos pesquisadores Thomé, Piccinin e Reis (2020, p. 169) quando se referem a áurea de isenção que acaba sendo rompida. Isso acontece também por meio de uma emoção editorializada intensificada nos telejornais após a pandemia e, comum nos testemunhos pessoais dos profissionais durante a transmissão ao vivo de uma notícia de dor (Thomé e Reis, 2022).

No caso da publicidade, fica perceptível ao telespectador, por exemplo, como algumas marcas de bebida, em destaque a Coca-Cola, que sempre aborda a temática natalina despertando um misto de sentimentos, como alegria e comoção, a partir de uma narrativa que, na maioria das vezes, valoriza o contexto familiar. De outro lado, muitas campanhas de cerveja buscam o humor como uma forma de cativar quem está do outro lado da tela, por exemplo, a marca Skol que sempre faz sátiras envolvendo os amigos. Em meio aos exemplos também é possível destacar as telenovelas, que usando de recursos

⁴ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/fez-o-meu-dia-ficar-melhor-conta-reporter-que-interrompeu-link-para-abracar-crianca>. Acesso em 12 de fev. 2023.

publicitários são capazes de envolver quem acompanha por meio da sedução em torno de um discurso e até um produto. “O jogo entre necessidade e desejo, característico da publicidade, invadiu os folhetins televisivos, transformando objetos, peças de roupas, nomes, comportamentos e até relações humanas em produtos a serem consumidos pelo telespectador” (Thomé, 2005, p. 57).

Thomé (2005) ainda destaca que, por meio do envolvimento, a telenovela lançou modismo e retratou personagens com capacidade de mobilizar telespectadores, já que muitas vezes as histórias abordadas ali se aproximavam de situações da vida real, sendo capazes de transmitir dramas dotados de emoções. São muitos os exemplos que aqui se enquadram, tais como *Laços de Família* (2000), de Manoel Carlos, que tratou sobre a leucemia, *Mulheres Apaixonadas* (2003), do mesmo autor, que abordou sobre violência doméstica e sobre transtornos de amor em excesso, e ainda em 2017, a autora Glória Perez, na novela *A Força do Querer*, abordou a transexualidade. A lista é extensa, visto que esse recurso de aproximação da audiência mostrou-se eficiente e capaz de lidar com as mais variadas emoções. Ainda tratando da temática, a palavra emoção é melhor definida por Sodré (2016).

Fixemo-nos no estado designado da palavra “emoção”, por sua alta frequência no vocabulário moderno da afetividade e por um certo consenso teórico no sentido de que ela dá unidade aos fenômenos sensíveis, fazendo que o estado afetivo dominante permeie todos os estados de consciência. *Emoção* deriva do latim *emovere*, *emotus* – donde, *commuovere*. Infinito e passado verbais a “movimento” energético ou espiritual desde um ponto zero ou um ponto originário na direção de um outro, como consequência de certa tensão capaz de afetar organicamente o corpo humano. *Emotus* significa abalado, sacudido, posto em movimento. (Sodré, 2016, p. 29).

Entre os programas que merecem destaque nessa busca por despertar sentimentos pela vivência narrada está também um que foi marco na Rede Globo depois dos anos de 1990 e voltou às telas em 2023. A partir de depoimentos, o programa *Linha Direta*, que teve vários apresentadores como Domingos Meirelles e por último Pedro Bial, traz reconstituições de crimes e incentiva os telespectadores a ligarem fornecendo denúncias. As simulações baseadas em acontecimentos reais mostram entrevistados que vivenciam a história, mas também atores que interpretam o contexto, o que deixa o enredo mais dramático, despertando principalmente indignação e até medo a partir dos fatos relatados, no gênero audiovisual denominado docudrama (Aronchi, 2004).

Outro programa que também esteve em foco por mais de vinte anos no SBT foi o Casos de Família apresentado, entre outras apresentadoras, por Christina Rocha, com a abordagem voltada para os conflitos das relações, o que muitas vezes gerava discussões e até brigas no palco, despertando desconcertos, inquietação e risadas no telespectador e na plateia que acompanhava a exposição pública dos relacionamentos e da vida privada na tela da TV.

Exemplos como os destacados acima são pontuados por pesquisadores como uma valorização do espaço biográfico, a partir de uma exposição de vivências e experiências, “uma particularidade da memória na contemporaneidade está ligada à centralidade do individual, que se expressa, entre outros aspectos, na valorização da biografia, da história de vida, do relato pessoal, do testemunho e da confissão.” (Ribeiro e Sacramento, 2020, p.31).

Outro exemplo que merece ser destacado, foco do presente estudo, é a Série Fome no Brasil que, mesmo tendo sido exibida há cerca de 20 anos, permanece atual pela forma como retratou as dificuldades dos mais pobres e pela sensibilidade com a qual foi abordada a linguagem oral e visual. Durante a análise, percebe-se que o casamento entre os recursos imagem e texto foi feito de forma criativa e de maneira estratégica, com potencial de gerar comoção em quem assiste. De fato, durante a exibição das histórias, houve uma mobilização para ajudar quem precisa, como mostra a última reportagem da série que trazia depoimentos de pessoas dispostas a colaborar de alguma maneira, sugerindo assim telespectadores dotados de solidariedade e, mais do que isso, desenvolvimento do afeto, característica conceituada por Sodré (2016) como:

Hoje, termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *affectio* entendem-se como um conjunto de estados e tendências dentro da função psíquica denominada afetividade, mais especificamente uma mudança de estado e tendência para um objetivo, provocadas por causa externa. Afeto, por sua vez, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B, que é um ser necessariamente vivo. A ação de afetar (no latim clássico, podia corresponder a *commuovere*) contém o significado de *emoção*, ou seja, um fenômeno afetivo que, não sendo tendência para um objetivo nem uma ação de dentro pra fora (a sensação, vale lembrar, é de fora pra dentro), define-se por um estado de choque ou de perturbação da consciência. (Sodré, 2016, p. 28).

A partir do que foi contextualizado, sugere-se que há uma guinada subjetiva presente na Série Fome no Brasil, aqui analisada, que segundo Thomé e Reis (2022) tem

características editoriais e de engajamento de público. Também é importante destacar que o objeto aqui tratado foca no humano se encaixando no que é compreendido como Sociedade 5.0. (Deguchi e Kamimura, 2020). Esse conceito de sociedade valoriza as biografias e a forma como são relatadas, evidenciando um estilo de narrativa que acaba abrindo espaços para empatia e opiniões.

A valorização da história individual, dos micro relatos, da busca por temáticas afirmativas, da permissão para evidenciar estilo autoral e da adoção de estratégias sensíveis em unidades informativas, fora dos quadros opinativos ou cronísticos. (Thomé e Reis, 2022 p. 5).

Outra estratégia narrativa importante está vinculada à qualidade do texto, que tem absorvido cada vez mais características da literatura, o que tem sido denominado como Jornalismo Literário, assunto estudado por Mônica Martinez e exemplificado a partir de profissionais como Graciliano Ramos, Gabriel García Márquez, Gay Talese, além de outros, sobre o qual nos debruçamos no próximo item.

2.2 O Jornalismo Literário na TV

A literatura tem a capacidade de aflorar sentimentos distintos nas pessoas e sua manifestação pode vir de várias formas e nela pode estar o posicionamento do artista diante do mundo. Partindo do entretenimento como as telenovelas e filmes até a informação, o papel da literatura muda de acordo com o autor e a proposta almejada. No texto literário, o sentido da palavra depende do contexto em que está inserida.

A literatura é uma forma de linguagem que tem uma língua como suporte. O texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso, colocado a serviço da criação artística reveladora. (Proença Filho, 1987, p. 28).

No texto literário, as palavras são escolhidas para dar um sentido impactante à mensagem, recurso refletido principalmente em uma estética mais acentuada. Além disso, verificam-se outros elementos caracterizadores de um trabalho que se enquadra neste estilo, encontrados nas obras literárias e também perceptível em outros tipos de texto.

Como exemplo do uso desses artifícios literários com maestria está Graciliano Ramos que em 1929 aplicou estes recursos em um relatório encaminhado ao governador quando renunciou à prefeitura da cidade. O material está no livro *Viventes das Alagoas* e

era uma prestação de contas de gestão da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas. No texto, as explicações sobre as obras públicas, receitas e despesas, iluminação pública, além de outros tópicos, são abordadas de uma maneira pouco convencional. Dotado de ironia e senso de humor, o escritor, na ocasião prefeito, brinca a todo o momento com as palavras (ironicamente) para relatar situações burocráticas que geralmente aparentam ter um discurso pouco acessível. Ao abordar a questão do cemitério, Ramos (2002, p. 169) diz: “enterrei 189\$000”, referindo-se de forma conotativa ao dinheiro que não volta mais. Para justificar a falta das leis municipais, o autor usa elementos para deixar o trecho leve e até engraçado:

Constava a existência de um código municipal, coisa inatingível e obscura. Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo, convenci-me de que o código era uma espécie de lobisomem”. (Ramos, 2002, p. 175).

Assim como Graciliano Ramos usou de recursos literários para fazer um relatório de gestão, o emprego dos recursos também é percebido em muitas reportagens. Vários jornalistas que usam ou usaram esse recurso de contar uma história de forma diferente também se dedicaram à carreira literária. O colombiano Gabriel García Márquez, um dos mais influentes nomes da literatura no século XX, trabalhou como jornalista em veículos do seu país e foi correspondente na Europa e nos Estados Unidos. O também escritor tem como marco um trabalho considerado por pesquisadores como realismo mágico, com um estilo derivado do movimento surrealista.

Pelo livro *Cem Anos de Solidão*, o colombiano recebeu o prêmio Nobel de Literatura, em 1967. Entre as características desse trabalho de ficção, personagens com características fantásticas. Mas García Márquez também foi autor de obras de não-ficção, como *Notícias de um Sequestro*, que é um trabalho jornalístico investigativo feito a partir de depoimentos sobre sequestros registrados na Colômbia.

Na reportagem documental: *Gabriel García Márquez transcendeu o mundo das letras*, de 2014, há uma retrospectiva da vida do autor lembrando que ele criou a Fundação Ibero-americana para Novo Jornalismo. Essa instituição oferece treinamento e competições para elevar o padrão da narrativa e do jornalismo investigativo na América Latina. Nessa reportagem também há a informação de que em 1998, já aos 70 anos, García Márquez realizou o antigo sonho da compra de uma participação majoritária na revista colombiana *Cambio* com o dinheiro proveniente do Nobel. Ainda é possível saber que

Márquez sempre defendeu a importância do jornalismo ao afirmar que seus livros não existiriam se ele não fosse um jornalista, “porque todo o material foi retirado da realidade”. (Gabriel, 2014)

Figura 2 - Reportagem sobre a morte e a história de Gabriel García Márquez



The image shows a screenshot of a news article from the website 'exame.'. At the top, there is a search icon and the word 'exame.' in red. To the right, there are buttons for 'Assine' and 'Entrar'. Below this is a navigation bar with the word 'Casual'. The article title is 'Gabriel García Márquez transcendeu o mundo das letras'. Below the title, there is a short paragraph: 'Além de ser o mais conhecido praticante da literatura de realismo mágico, o homem conhecido como "Gabo" tornou-se um herói para a esquerda latino-americana'. There are social media sharing icons and a 'Modo escuro' toggle switch. The main image shows Gabriel García Márquez smiling, wearing a hat, with another person's face partially visible next to him.

Fonte: Print do site da Exame. Disponível em: <https://exame.com/casual/gabriel-garcia-marquez-transcendeu-o-mundo-das-lettras/>. Acesso em 29 de nov. 2023.

Além de García Márquez, é possível destacar outros escritores com uma relação profunda com o jornalismo literário. Entre eles os brasileiros Luis Fernando Veríssimo, Machado de Assis e Euclides da Cunha. Esse último publicou em 1897 os artigos com relatos da Guerra de Canudos, no interior do estado da Bahia, enquanto trabalhava como correspondente de guerra. Em 1898, Euclides da Cunha publicou, n’O Estado de S. Paulo, o artigo Excertos de um livro inédito, trabalho que se transformou alguns anos depois no livro: Os Sertões, obra apontada como o primeiro livro-reportagem brasileiro. Segundo Martinez (2009, p. 77): “Um dos pontos de ligação de Cunha com o Jornalismo Literário contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações.”

Uma reportagem da BBC online de dezembro de 2022, relembra a cobertura da guerra e o estilo de escrita de Euclides da Cunha, que misturou na obra elementos jornalísticos e literários⁵. Cabe lembrar também o estadunidense Gay Talese, que defende que o jornalista pode empregar recursos literários para noticiar melhor a realidade coberta no dia a dia profissional.

“[...] O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio” (Talese apud Valim, 2016, p. 28).

Talese se mostrou adepto da técnica em uma reportagem que posteriormente se transformou inclusive em livro. “Frank Sinatra está resfriado” serviu como marco para mostrar a ligação profunda entre as duas áreas, jornalismo e literatura. O trabalho de Talese tornou-se referência porque ele usou técnicas para traçar o perfil do cantor com criatividade. Por volta da década de 1960, o jornalista marcou uma entrevista com o cantor, mas ele argumentou que não poderia recebê-lo para a entrevista porque estava gripado. O jornalista não desistiu e contou a história. Entrevistou mais de cem pessoas e traçou o perfil do cantor sob o ponto de vista delas. Ele foi fiel às informações e, ao mesmo tempo, levou para o mercado editorial uma maneira inusitada de contar uma história que se enquadra no jornalismo literário, que:

[...]tem todos os elementos de uma boa narrativa. A começar, pelo conflito. Há quem seja arrebatado por esse gênero, que agrega técnicas literárias às boas práticas jornalísticas para produzir textos informativos e cativantes. (Martinez, 2009, p. 72).

Mas, enfim, o que caracteriza o jornalismo literário? Martinez parte da visão de Mark Kramer, co-autor de *Literary Journalism*, e pontua como sendo o alto nível de exatidão de informação e outro aspecto é a apuração.

A apuração precisa, segundo Kramer, também implica a questão ética do autor tanto com o leitor quanto com a fonte – afinal há apurações que levam a um longo período de tempo para serem feitas, o que pode gerar bastante vinculação pessoal. Em ambos deve ficar claro que jornalismo está no local como um profissional, não sendo nem amigo,

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63820746>. Acesso em 12 de nov. 2023.

mas uma testemunha da realidade. Essa atuação ética é a segunda característica apontada por Kramer. (Martinez, 2009, p. 81).

Outros pontos dentro do Jornalismo Literário também são levantados pela pesquisadora a partir da visão de Kramer, como por exemplo: veracidade, voz autoral, além de estilo e criação de sentidos. Essas duas últimas particularidades são identificadas na série objeto aqui de estudo, já que se percebe que Canellas escolhe cuidadosamente as palavras que serão usadas no discurso, como em um trecho que usa para anteceder a entrevista de um médico, que fala de como a altura das crianças pode ser prejudicada se não tiverem a nutrição adequada: “A deficiência de vitamina A, estaciona o crescimento de famílias inteiras”. Neste caso, o termo “deficiência” foi usado como sinônimo da palavra “falta”. Outra colocação na frase foi “estaciona” no lugar de “para” ou “impede”, mais do que uma adequação vocabular, ele delinea, quase desenha mesmo o texto.

Todo o trabalho do jornalista é perdido se o leitor não tiver ideia do que ele está falando e também, se não souber de onde e para onde está sendo conduzido. A história precisa ter um fio condutor e ressoar na experiência pessoal do leitor, que tem de se sentir a catarse de chegar a algum lugar depois de ter aceitado acompanhar o protagonista da história por várias cenas, ordenadas de forma a revelar gradativamente a situação (Martinez, 2009, p. 82).

Esse conceito de fio condutor dá a segurança necessária ao jornalista que acaba atribuindo inclusive veracidade aos fatos narrados e para além disso, destaque para a experiência pessoal do leitor, que leva em consideração a bagagem de vivências, que é algo bastante subjetivo. Outra característica apresentada por Martinez (2009) a partir da visão de Kramer é a arte de conferir uma estrutura adequada da história que seria a narrativa, que segundo Proença Filho (1987, p. 52) é “a designação genérica atribuída aos textos em que se caracteriza uma sequência de acontecimentos ou uma história”.

As características do jornalismo literário, apontadas pelos teóricos, também podem ser encontradas em reportagens televisivas especiais, em que pode ser detectada uma linguagem mais poética e humanizada, para atingir o telespectador de forma efetiva, seguindo uma nova guinada subjetiva (Reis e Thomé, 2022) no jornalismo audiovisual. E é justamente a conceituação do que vem a ser entendido como guinada subjetiva no telejornalismo o tema sobre o qual a presente análise se debruça na sequência.

2.3 Guinada subjetiva no telejornalismo

O jornalismo literário começou no impresso, foi adaptado para o rádio e na sequência ganhou destaque na TV e até na internet, e, apesar de cada um desses veículos de comunicação carregarem particularidades, percebem-se características em comum que reiteram algumas narrativas voltadas para o jornalismo literário. Entre essas, destaca-se a crônica que está “na fronteira entre o Jornalismo e a Literatura desde seu nascimento, e flana pelos diversos meios de comunicação há décadas”. (Thomé e Reis, p. 565, 2017). Ciente dessa possibilidade, muitos telejornais inclusive trazem quadros com uma linguagem mais leve, como o Crônicas do Jornal Hoje, que segundo o Memória Globo, começou em 2010, em Nova York, logo depois foi explorado por outros correspondentes internacionais da Rede Globo. Em meio as crônicas, histórias da tradição do Natal em Roma, o tango na Argentina e o Carnaval no Japão⁶.

No caso do audiovisual, percebe-se que além do texto ser informativo, o formato pode carregar outras estratégias narrativas como por exemplo uma linguagem mais simples, irreverência e um casamento simétrico entre *off* e imagem, numa verdadeira simbiose.

Aplicando tal distinção, podem ser consideradas crônicas na televisão aquelas cuja forma apresenta colagens de imagens e até mesmo trechos de depoimentos (as sonoras do telejornalismo) ou atores encenando. Elas se distanciam das reportagens por não requererem passagem de repórter e se afastarem da forma do noticiário referencial. A crônica pode incluir BG (som de fundo em *off*) ou mais de um BG e adotar texto leve, com ritmo de bate-papo, mais coloquial, sendo aceito o texto em primeira pessoa, nada usual no telejornalismo convencional. (Thomé e Reis, 2017, p. 577).

Thomé e Reis (2017), durante pesquisa, traçam uma categorização sobre o cronismo a partir do que Távola (1981) conceitua como “videoteratura” e ainda recorrem ao teórico Coutinho (1984) que traz uma classificação em cinco categorias: narrativa (episódio próximo ao conto e relacionado ao cotidiano), metafísica (reflexões sobre acontecimentos, pessoas e com inspirações filosóficas), poema-em-prosa (lirismo e expressão de sentimentos e olhares próprios do autor), comentário (crítica de acontecimentos) e de informação (relato dos fatos). Em meio aos exemplos de materiais

⁶ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal- hoje/quadros-e-colunas/noticia/cronicas-do-jh.ghtml>. Acesso em 12 de nov. 2023.

audiovisuais, que se encaixam no conceito da videoteratura, estão as homenagens feitas a Glória Maria, no Fantástico do dia 05 de fevereiro de 2023. Para enaltecer e lembrar da importância da jornalista que morreu no dia 2 de fevereiro daquele ano, em decorrência de um câncer, o programa recontou histórias de Glória Maria e reuniu no estúdio ex-colegas de trabalho que conviveram com ela por muito tempo como Zeca Camargo, Pedro Bial, Tadeu Schmidt, Renata Ceribelli e Patrícia Poeta. Outro detalhe foi em relação ao nome do programa que pela primeira vez passou de “Fantástico” para “Fantástica” (Figura 3).

Figura 3 - Programa Fantástico mudou o nome para Fantástica em homenagem a Glória Maria



Fonte: Print do site Globoplay, Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11342303/>. Acesso em 29 de nov. 2023.

Durante a exibição das reportagens, em meio às homenagens, a mensagem de aproximadamente cinco minutos, de Pedro Bial, refletiu características do conceito da “videoteratura”, como percebemos em parte do texto abaixo.

Glória, minha rainha, olha eu aqui de novo, pra variar esperando você. Agora só falta o boa noite! Só que desta vez, sua peste, você não tá atrasada, desta vez, você foi embora antes da hora, logo você que não largava uma boa festa. Eu vou seguir como se você ainda estivesse ao meu lado, deveria estar, deve estar. Agora que você foi morar nas nuvens, com outras deusas, e elas que se cuidem, você lembrar sua condição terrena, de musa, avatar de geral. Avatar é alguém que encarna

o outro, abriga o desejo do outro, Glória avatarizava a sede de liberdade do povo, e para uma musa, uma musa eu tenho que me dirigir em versos (...) (Bial, 2023).

Durante a transmissão da mensagem de Pedro Bial foram inseridas imagens da jornalista dançando, apresentando o jornal, correndo, pulando de *bungee jump*, além de outras. Também foi usada a sonora de Carlos Drummond de Andrade que foi entrevistado na calçada, durante o dia de Natal, por Glória Maria que fazia uma reportagem sobre compras. Outro recurso utilizado foi por meio de arte em que havia citações destacadas ao lado da imagem de Bial (Figura 4), como por exemplo: “palavras” “afastar o frio”, “silêncio!”, e “espaço não vazio”. Enfim, uma costura de imagens, momentos e frases não contumazes no jornalismo diário.

Figura 4 - Pedro Bial faz homenagem por meio de versos a Glória Maria



Fonte: Print do site Globoplay, Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11342303/>. Acesso em 29 de nov. 2023.

Percebe-se que o exemplo destacado acima se enquadra no que Reis e Thomé (2017, p. 575) conceituam: “uma crônica imagética já traduz diretamente o que está sendo dito”. Nos estudos, os autores identificam características da videoteratura que se aproximam do jornalismo literário, apontando “critérios de cronicabilidade”, entre eles: uso do BG, que também foi usado no exemplo de Pedro Bial em homenagem a Glória Maria; e a metafísica, já que Pedro Bial trouxe um olhar sobre alguém que foi inspiração

para profissionais da comunicação e telespectadores; além de poema-em-prosa uma vez que no texto é possível perceber um olhar individualizado, no momento em que Glória é retratada como alguém que adorava festas.

Situação que também traz um olhar subjetivo, termo que tem sido foco de estudiosos do campo da comunicação há muitos anos. Para a jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes (2016, p. 160) “reconhecer que não somos capazes de guiar comportamentos, falas, sentimentos e situações, aliás, não prejudica a narrativa jornalística; ao contrário, pode enriquecê-la”.

Esse contexto é perceptível no livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem” (2015), que surgiu a partir de uma série de reportagens especiais feita pela jornalista Fabiana Moraes e que posteriormente foi vencedora do Prêmio Esso. No trecho abaixo, percebemos o estilo de narrativa com o foco no humano, traço da subjetividade:

Joicy Melo da Silva nasceu no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava 74 quilos e media 1,63 metro de altura. Naquele dia, mais sete partos foram realizados no Hospital das Clínicas (HC), na cidade Universitária, Recife. O de Joicy foi, sem dúvida, o mais complicado de todos: durou quase sete anos e envolveu uma série de especialistas. (Moraes, 2015, p. 31).

O livro traz o contato da repórter com Joicy, de 51 anos, que ainda tentava se despir de seu passado e deixar para trás o João, ex-agricultor de Alagoinha. Durante meses, Fabiana Moraes virou espectadora da vida da cabeleireira e passou acompanhá-la na rotina árdua, além de relatar cada passo dela que, depois de muita luta, conseguiu a cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Durante a produção das reportagens, a jornalista acompanhou a entrevistada em momentos delicados que iam desde o comunicado à família sobre o procedimento até a cirurgia em si, momento em que a personagem estava completamente desamparada e vivenciando uma experiência de extrema intimidade.

Durante a produção do texto jornalístico houve uma valorização da narrativa pessoal, em que a jornalista pontua a relação conturbada com a fonte, as cobranças por parte de Joicy que depositava na repórter uma carga de expectativas, para que sua vida tomasse um caminho diferente, em trechos dotados de emoções, que para pesquisadores “fazem parte da realidade, desempenham papel relevante nos processos cognitivos e

podem ampliar a compreensão de notícias e das aflições dos próprios indivíduos a partir da observação da experiência do outro”. (Becker, 2021, p.13)

[...] aquelas lágrimas não nasceram da dor, medo da morte, perda de um bem ou de dinheiro. Eram sintomas, sobretudo, da percepção de que a ausência de um amor, ao contrário do que havia sido sugerido, permaneceria. Percebi que precisava ser ainda mais delicada com ela, que estava em carne viva. Esse cuidado precisou se estender até a minha própria paciência, que teve de ser elástica para dar conta da personalidade barroca de Joicy. De todo jeito, e é um sentimento bastante diferente da pena, não há como não identificar com alguém que é abandonado – a maioria de nós já foi. Quase todos nós já montamos um triste e às vezes patético castelo que precisava apenas de um ‘até mais’ para desaparecer. (Moraes, 2015, p. 114).

No caso analisado, a intimidade da repórter com a fonte transcendeu as páginas do jornal e atingiu quem acompanhava, teve gente que também se sentiu abandonada, o que fica perceptível quando na última reportagem, o depoimento de um colega de trabalho relata: “Estou triste porque a série acabou. Eu fiquei íntimo de Joicy”. (Moraes, 2015, p. 132).

A forma como a jornalista retratou a história, em alguns momentos em primeira pessoa e explorando a emoção, contribui, segundo Becker (2021), para dar autenticidade ao relato e aflora uma relação afetiva entre repórter/fonte e entrevistado/leitor/telespectador.

Estes processos trazem mais intimidade e subjetividade aos relatos jornalísticos, que acentuam o interesse humano e a presença de histórias pessoais até mesmo na cobertura do hard news, e fomentam diferentes formas de solidariedade. (Becker, 2021, p. 18).

Esta solidariedade destacada surtiu reflexo assim que a reportagem começou a circular, isso porque Joicy tornou-se paixão e assombro “dois sentimentos que, quando tratados com cuidado pelo jornalismo, mudam a perspectiva do mundo, das coisas, da gente” (Moraes, 2015, p. 131). Uma rede foi criada em torno da cabeleireira que sensibilizou leitores dispostos a ajudá-la, mas também aqueles que disseminavam comentários repletos de preconceitos principalmente depois de se sentirem impactados pela história e a fotografia que ilustrou o jornal.

Assim como para mim, aquela capa era essencial, era necessária, era um manifesto, era Joicy olhando de frente e nos olhos de todos aqueles

que sempre, durante toda a sua vida, estranharam a sua presença no mundo. (Moraes, 2015, p. 129).

A capa (Figura 5) faz uma referência a Vênus de Botticelli, mas sem os cabelos grandes, e mostra a cabeleireira nua, orgulhosa em seu novo corpo.

Figura 5 - Capa da reportagem especial sobre O Nascimento de Joicy



Fonte: Print do site Academia. Disponível em: https://www.academia.edu/43954361/O_Nascimento_de_Joicy_Reportagem_Especial.

Acesso em 30 abr. 2023.

Para a autora Susan Sontag (2003), que traz uma análise no livro “Diante da dor dos outros” com o objeto central sendo a fotografia, “Há muitos usos de inúmeros oportunidades oferecidas pela vida moderna de ver – à distância, por meio de fotografia – a dor de outras pessoas” (Sontag, 2003, p. 16).

Esse conceito nos tempos atuais pode se estender para as imagens expostas em redes sociais, documentários e nas reportagens audiovisuais, como já se observava na Série Fome no Brasil, que, ao fazer o recorte da realidade, permitiu essa aproximação

pela dor de quem vivia em extrema miséria. E é justamente essa narrativa sobre a dor que será mais bem explorada no próximo capítulo e de que forma deve se dar esse recorte jornalístico da dor alheia?

2.4 Como narrar a dor do outro?

Muitos telejornais, principalmente da Rede Globo e afiliadas, habitualmente veiculam reportagens em dezembro com as imagens e histórias dos principais fatos que marcaram o ano. Muitas delas de esperança, como por exemplo, em 2021, quando o Globo Repórter, exibido no fim do ano, lembrou a primeira vacina aplicada contra a Covid-19, no Brasil, em janeiro de 2021, e ainda repórteres tirando a máscara de proteção e externando sentimentos de alívio e gratidão. Rememorar a imagem da primeira brasileira, a enfermeira de 54 anos, recebendo a dose traz também à tona um período em que milhares de mortes eram registradas e familiares ainda choravam as perdas como também foi retratada na retrospectiva⁷. Outras lembranças também permeiam o jornalismo, ao longo da história, como o acidente que tirou a vida de Ayrton Senna, em maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, na Itália. Na época, a imagem era transmitida ao vivo e retransmitida pela TV Globo e mostrava o momento exato em que o piloto perdeu o controle do carro em uma curva e atingiu um muro. Em meio a reportagens marcantes também estão aquelas referentes ao Incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que matou cerca de duzentas e cinquenta pessoas e deixou mais de cem feridas, a maioria jovens, em janeiro de 2013. Até hoje imagens do incêndio que começou depois de um artefato pirotécnico ser acionado são revisitadas, inclusive recentemente ensejou um documentário no Globoplay.

Estas imagens aqui exemplificadas trazem uma narrativa televisual que se enquadra em contexto de sofrimento e dor. Para a escritora, cineasta e filósofa Susan Sontag (2003, p. 96), as imagens atroz nos perseguem e exercem uma função essencial, porque dizem “é isto o que os seres humanos são capazes de fazer – e ainda por cima voluntariamente, com entusiasmo, fazendo-se passar por virtuosos”. A escritora ainda reforça que “a fome de imagens que mostra corpos em sofrimento é quase tão sôfrega quanto o desejo de imagens que mostram corpos nus” (2003, p. 38).

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10163214/>. Acesso em 12 de nov. 2023.

Percebe-se que nas reportagens destacadas acima, mesmo depois de tantos anos, existe o potencial de impactar o telespectador. Ainda no livro “Diante da dor dos outros”, Susan Sontag (2003) faz uma análise do papel da fotografia, que também se encaixa no que se compreende como imagens em movimento, já que estas servem como testemunhas do real, considerando que alguém estava ali para registrá-las. Mas a escritora traz uma reflexão congruente:

(...) Recrutadas como parte do jornalismo, contava-se com imagens para atrair a atenção, o espanto, a surpresa. Como dizia o antigo lema da revista *Paris Match*, fundada em 1949: “o peso das palavras, o choque das fotos”. A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor (Sontag, 2003, p. 24).

Na contemporaneidade, outro exemplo impactante no jornalismo é o registro do rompimento da barragem de Brumadinho em Minas Gerais, que deixou cerca de 270 mortos, causando dor nos familiares das vítimas e até em quem acompanhava o fato por meio da televisão. Neste caso, a ausência da equipe de reportagem no local não limitou o telespectador a ter acesso às imagens, já que, com o avanço da tecnologia, os registros são feitos a todo momento, seja por meio de celulares ou pelo circuito de câmeras de segurança.

Em vários telejornais brasileiros, as imagens do dia 25 de janeiro de 2019 são rememoradas até hoje para lembrar que, mesmo depois de cinco anos, familiares das vítimas ainda buscam por justiça, rios permanecem contaminados e moradores sem casa. Na maioria das reportagens, o arquivo traz o registro das câmeras da Vale que mostram o momento exato em que a barragem da Mina Córrego do Feijão cede e, em segundos, tudo que estava no entorno é tragado pela lama e os rejeitos de mineração.

Figura 6 - Imagem do momento do rompimento da barragem de Brumadinho



Fonte: Print do site G1, disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/01/video-mostra-o-momento-exato-em-que-barragem-da-vale-rompe-em-brumadinho.ghtml>. Acesso em 25. Ago. 2023

No livro “Como Nascem os Jornalistas”, em que o repórter Thiago Carvalho expõe experiências vivenciadas durante a cobertura de histórias na profissão, é relatado o apoio que a equipe dele na época da TV Integração, afiliada da Rede Globo, em Divinópolis, deu na cobertura da tragédia. O jornalista pontua a postura do profissional diante de um fato deste e enfatiza: “é preciso estar preparado psicologicamente para uma cobertura onde 300 pessoas estavam desaparecidas e possivelmente mortas. Os parentes estavam desesperados. A maior lição dessa cobertura é que é preciso, antes de tudo, ter respeito” (Carvalho, 2021, p. 83).

Para Negrini e Redü (2021, p. 157) cobrir tragédias no jornalismo é um trabalho complexo e que exige muito das equipes, porque estas “se deparam com a difícil tarefa de levar ao público informações de um tema que gera tristezas nos espectadores”. As pesquisadoras ainda enfatizam que neste tipo de reportagem o testemunho tem uma importância diferenciada e cabe ao profissional apurar o fato e ao mesmo tempo ter uma extrema sensibilidade para lidar com a fonte. E ainda enfatizam que nesta abordagem a narrativa nos telejornais trouxe vários pontos de vistas e uma perspectiva emocional:

No dia da tragédia, 25 de janeiro de 2019, e nos dias seguintes, os meios de comunicação fizeram ampla cobertura ao caso, convocando o olhar do público para o ocorrido. No âmbito televisivo, diversos ângulos do fato foram levados aos olhos dos espectadores. E os telejornais acionaram, em seu espaço, diversos aspectos acerca da tragédia, como: o número de mortos e a retirada dos corpos; o resgate dos sobreviventes em meio à lama; a tentativa de explicações sobre o motivo da ocorrência do desastre; e a posição de políticos sobre o ocorrido. A dor dos enlutados foi enfocada e a incerteza dos familiares dos desaparecidos também teve grande ênfase. (Negrini e Redü, 2021, p. 145).

Ainda sobre as experiências relatadas no livro *Como Nascem os Jornalistas*, durante a cobertura do rompimento da barragem, o repórter Thiago Carvalho destaca que, apesar do jornalista precisar aprender a controlar os sentimentos, como ser humano ele sentiu necessidade de dar um abraço em uma jovem que havia acabado de descobrir que o pai estava morto. Para ele, seria uma forma de chorar a perda do pai daquela jovem. Atitude que integra uma linha de “humanismo solidário” que, segundo Becker (2020), traz estratégias que envolvem, por exemplo, solidariedade às vítimas de tragédias que pode ser explanada por meio de atitudes, enunciação, e, no caso de jornais como *Jornal Nacional*, a partir de outros meios, “o principal recurso sonoro do JN é a vinheta do telejornal, a assinatura do noticiário. A vinheta sem áudio é usada em momentos de luto e de demonstração de respeito e solidariedade”. (Becker, 2020, p. 213).

A atitude do repórter diante da entrevistada também se configura como uma estratégia de subjetivação que, para Thomé (2021), traz elementos como a valorização do humano e a exposição de sentimentos nas reportagens, e, no caso do depoimento do repórter Thiago Carvalho, fora delas. A pesquisadora reforça que a atual reconfiguração “faz surgir elementos de subjetivação, agora como sinal de autenticidade e uma forma de aproximação com a audiência, em que os jornalistas atuam como sujeitos que sentem e vivem o cotidiano noticiado”. (Thomé, 2021, p. 2)

Durante o trabalho, em algum momento o jornalista vai precisar lidar com a cobertura de um velório, seja pelo motivo da pessoa ter sido uma figura pública ou ter morrido de forma trágica em decorrência de um crime ou acidente. Nestes momentos, o profissional terá que lidar com o compartilhamento da dor por meio dos testemunhos. Para o escritor e jornalista Thiago Carvalho (2021), quando a cobertura envolve pessoas comuns que morrem em decorrência de eventos trágicos, o trabalho se torna mais delicado:

(...) Numa avaliação meramente jornalística, faz-se necessária a cobertura de velório para mostrar a dor da família que perdeu aquela pessoa. Eu sei que muitos vão achar isso desumano, muitos podem achar até sensacionalista, mas o fato é que esse tipo de cobertura faz parte do jornalismo. Por meio destas reportagens as autoridades públicas são cobradas, ações são mobilizadas para evitar que outros acidentes aconteçam e crimes fiquem impunes (Carvalho, 2021, p. 95).

No caso do rompimento da barragem, a situação tomou uma proporção histórica e política, ensejou a criação de uma nova legislação que ficou conhecida pela expressão “mar de lama nunca mais”, que trouxe ferramentas que dificultam o licenciamento de barragens, exigem a participação da população e traz cobranças mais incisivas de quem as mantém. (Minas Gerais, 2019)

O jornalista Thiago Carvalho (2021) também ressalta no livro que cobrir despedidas de pessoas públicas é mais fácil, porque, além de outros veículos de comunicação estarem no local, os familiares estão acostumados com o holofote. Inclusive, muitas redações, sejam do interior ou de uma capital, já estão preparadas para este momento, já que diante do dinamismo das notícias e o *Deadline*, que é o limite de tempo, imposto principalmente pelo jornal diário, ter o obituário pronto é praticamente uma regra. Além do texto, no caso das TVs, as imagens de arquivo já ficam separadas para serem usadas, caso seja necessário.

Michele e Neto (2018), em uma pesquisa que aborda a cobertura de mortes, enfatizam o quanto é importante que os mediadores, repórteres, apresentadores e outros profissionais envolvidos no trabalho, saibam tratar a notícia sem esquecer o lado humano que move este tipo de fato. “Os mediadores sempre serão os principais responsáveis pela qualidade da transmissão. A medida de emoção e profissionalismo que for utilizada fará com que o público sinta a dor, mas seja acalentado por aqueles que levam a informação.” (Michele e Neto, 2018, p. 53)

Fatos e imagens que tratam de tragédias, miséria, mortes são os ingredientes do jornalismo dos quais não há como fugir e são a temática do próximo capítulo, que se debruçou sobre o site Memória Globo para o recorte metodológico aqui encontrado.

2.5 Mortes, tragédias e fome em memória

Em um levantamento no Memória Globo, site que traz um pouco da história e da cobertura, programação e curiosidades da emissora, identificamos algumas notícias envolvendo falecimentos que tiveram grandes repercussões na imprensa, isso porque

envolviam mortes trágicas ou a perda de personalidades que se destacaram nacionalmente e até internacionalmente. A partir da busca pelas palavras-chave “morte” e “dor” identificamos materiais audiovisuais que, além do jornalismo, são apresentados em outros formatos como novelas e minisséries. Por isso, selecionamos alguns usando como aporte a comoção social com o objetivo de compreender como se configura a narrativa telejornalística em temáticas que envolvem tragédias.

Em meio aos exemplos selecionados, destaque para a cobertura da morte do político Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985. O momento foi de repercussão nacional, porque a posse do político representava para grande parte do povo brasileiro um momento de esperança, uma sinalização do fim da Ditadura Civil-Militar. O documentário disponível no Memória Globo traz relatos de jornalistas que trabalharam no período, além de imagens de manifestações de alegria durante a vitória nas eleições e pouco depois o impacto da notícia do adoecimento do político. Durante os depoimentos, os jornalistas manifestavam a preocupação da época sobre como administrar a frustração popular sem gerar uma comoção que poderia acarretar consequências políticas. Carlos Tramontina, um dos repórteres que atuou de forma direta na cobertura, conta que assuntos que eram técnicos começaram a fazer parte da rotina das pessoas como “os níveis de potássio, de creatinina, que tinham no organismo do Presidente”. Em uma entrada ao vivo, do mesmo repórter, a notícia da morte de Tancredo Neves veio por meio do anúncio de Antônio Britto, então, secretário de Imprensa da Presidência da República. No documentário, enquanto algumas palavras são proferidas por ele, imagens de arquivo são resgatadas como pessoas chorando e uma multidão acompanhando o caixão. Tônico Ferreira relembra dizendo: “Nós ficamos não sei quanto tempo – para mim, pareceu uma eternidade – na frente daquele hospital. Foi muito difícil aquela cobertura e muito dramática: as pessoas ali na frente, o país parado”. (Memória Globo, 2021, sem paginação).⁸

Outros casos também foram identificados nesta fonte de pesquisa, por isso, com objetivo de filtrar as amostras, recorreremos à pesquisa de Raíza Ribeiro Halfeld, que traz o levantamento no Memória Globo sobre as notícias mais recorrentes na linha do tempo no site, entre o período de 1965 a 2018: “foram listados 166 fatos, sendo que desse total,

⁸ MEMÓRIA GLOBO. Eleição e morte de Tancredo Neves. Coberturas, [S.l.], 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicao-e-morte-de-tancredo-neves/noticia/eleicao-e-morte-de-tancredo-neves.ghtml>. Acesso em 30 abr. 2023.

99 estavam relacionados à temática morte, ou seja, as coberturas fúnebres foram as predominantes durante todo o período analisado”. (Halfeld, 2020, p.104).

Tendo em vista esse resultado, foi importante fazer um refinamento da análise, a fim de verificar quais foram os tipos de mortes mais lembradas. Assim, foram inseridos nessa categoria todos os fatos relacionados às tragédias, às guerras e aos conflitos internacionais, aos assassinatos, às rebeliões, aos atentados e aos falecimentos por problemas de saúde. A partir dessas coberturas, a presente pesquisa estabeleceu então nova análise em subcategorias, para apontar que tipos de mortes foram lembradas pelo Grupo Globo. (Halfeld, p. 104, 2020).

A análise, que consta da dissertação de Mestrado realizada no PPGCOM/UFJF, se concentrou nas coberturas jornalísticas no site que são relacionadas às tragédias como enchentes, seca no Nordeste, tsunami na Ásia, morte dos Mamonas Assassinas, incêndio da Boate Kiss, tragédia em Mariana, além de outras, totalizando 41 fatos. Ainda segundo Halfeld (2020), os assassinatos aparecem em segundo lugar na posição de 27 fatos. Entre eles, os que envolveram Lamarca, John Lennon, Chico Mendes, Isabela Nardoni, e as chacinas da Candelária e do Vigário Geral, entre outros. Na sequência, de acordo com a pesquisa, notícias fúnebres com o foco no falecimento de personalidades por condições de saúde: João Goulart, Tancredo Neves, Carlos Drummond de Andrade, Roberto Marinho, João Paulo II, e várias outras somam dez acontecimentos. Na quarta posição, estão as guerras e os conflitos internacionais em uma soma também de dez fatos lembrados, entre eles, os de El Salvador, do Irã/ Iraque e a queda do Muro de Berlim. O estudo pontua ainda dez fatos lembrados envolvendo os atentados como 11 de Setembro nos Estados Unidos e ao jornal Charlie Hebdo na França, além do ataque ao Papa João Paulo II e outros. Já na subcategoria de rebelião foi lembrada a do presídio de Jacareí, em São Paulo. A pesquisadora ainda reforçou no levantamento que os assuntos fúnebres estão entre os mais citados.

Diante desses dados, pode-se dizer que a morte foi o principal valor-notícia no processo de lembrança e ressignificação da memória elaborada pela Rede Globo nessa linha do tempo proposta. (Halfeld, p. 107, 2020).

Apesar da temática “fome” não ter sido contextualizada na pesquisa acima, no presente estudo, vinculamos a pauta também à temática da morte, já que segundo especialistas, a fome pode acarretar doenças que se agravam e ceifam vidas. Na pesquisa

buscamos, então, entender como a fome se caracteriza como uma tragédia, diante do que está por trás dela, como graves questões sociais, políticas e econômicas, e sobretudo de suspensão de direitos humanos. A ligação entre morte e tragédia é recorrente em discursos veiculados na mídia, sendo também feito por autoridades, da Igreja Católica, como o Papa Francisco ao afirmar em um vídeo, encaminhado para a Organização das Nações Unidas, exibido durante no Dia Mundial da Alimentação, que “A fome não é só uma tragédia, mas também uma vergonha.”⁹

A tragédia da fome também é contextualizada por pesquisadores como Josué de Castro, estudioso do campo da medicina, filosofia, antropologia, além de outros, que acreditava que o problema era influenciado principalmente por falta de políticas públicas com o foco na distribuição de alimentos e no subdesenvolvimento. Por meio de livros, como *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*, que inclusive serviu de referência para o repórter Marcelo Canellas contextualizar a série, o cientista social debate a questão. Outra referência no estudo do problema é Herbert José de Souza, Betinho, sociólogo que atuava como defensor dos direitos humanos e que fundou o projeto Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

A gravidade do problema chegou a ser pauta de uma reportagem exibida pelo Jornal Nacional no dia seis de julho de 2022¹⁰, que mostrou que o Brasil estava de volta ao Mapa da Fome. Os números foram abordados em um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Alimentação e a Agricultura (FAO) que retratava que cerca de 61 milhões de pessoas enfrentaram dificuldade para se alimentar entre 2019 e 2021. Desses, mais de 15 milhões passaram fome. Durante a reportagem, Daniel Balaban, diretor e representante do Centro de Excelência contra a Fome no Brasil (WPF), disse que o país é um dos mais desiguais do mundo e a população precisa do apoio de políticas públicas para serem incluídas na cidadania. Ele ressaltou que a situação começou a piorar muito antes da pandemia da Covid-19. Durante a exibição do material, o repórter Paulo Renato Soares destacou que em 2015, o Brasil tinha conseguido sair da classificação que

⁹ BECK, Júlia. Fome é uma tragédia e vergonha para a humanidade, afirma Papa. **Canção Nova (Notícias/Mundo)**, [S.l.], 16 out. 2020. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/fome-e-uma-tragedia-e-vergonha-para-a-humanidade-afirma-papa/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

¹⁰ JORNAL NACIONAL. Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. **G1**, [S.l.], 06 jul. 2022. Disponível em: g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml. Acesso em 30 nov. 2023.

representa uma situação grave, mas voltou ao mapa em 2018, isso porque a fome crônica no Brasil atingiu 4,1% e um país só entra no mapa quando mais de 2,5% da população enfrentam falta crônica de alimentos. A Rede Globo já abordou este problema social inúmeras vezes, e no próprio Memória Globo identificamos o assunto sendo rememorado por meio da série especial sobre a Fome, exibida em 2001, e que aqui, está sendo tratada como objeto de estudo. No conteúdo da plataforma datado em 12/01/2022 é destacado um pequeno histórico, em texto, com detalhes da série sugerida pelo próprio repórter, Marcelo Canellas, que ficou três anos reunindo material e argumentando a favor da produção¹¹. (Memória Globo, 2022)

Em outra página, o site traz também a biografia do repórter, que deixou a Rede Globo em 2023, e aborda a marca dele estampada principalmente em assuntos de direitos humanos e sociais. Sobre a Série Fome no Brasil, o repórter relembra que inclusive foi impulsionado ao tema por causa do livro de Josué de Castro. “Um livro escrito em 1946 e que causou grande impacto e muita curiosidade de saber se as suas premissas ainda estavam presentes mais de 50 anos depois”¹² (Memória Globo, 2021b)

¹¹ MEMÓRIA GLOBO. Fome no Brasil. **Jornalismo e Telejornais - Jornal Nacional - Séries**, [S.l.], 12 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml>. Acesso em 30 abr. 2023.

¹² MEMÓRIA GLOBO. Marcelo Canelas. **Marcelo Canellas**, [S.l.], 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marcelo-canellas/noticia/marcelo-canellas.ghtml>. Acesso em 30 abr. 2023.

Figura 7 - Fotografia do repórter Marcelo Canellas exibida no Memória Globo

globo.com g1 ge gshow globoplay tv globo história globo Assine Já Conta Globo

MENU memória globo MARCELO CANELLAS BUSCAR

Marcelo Canellas

O repórter Marcelo Canellas nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, em 16 de outubro de 1965. Entrou para a Globo em 1990. Fez reportagens premiadas para o 'Jornal Nacional' e para o 'Globo Repórter'. Deixou a empresa em 2023.

Por Memória Globo
28/10/2021 23h50 · Atualizado há 8 meses

Facebook Twitter WhatsApp

Fonte: Print do Memória Globo. Disponível em: memoriaglobo.globo.com/perfil/marcelo-canellas/noticia/marcelo-canellas.ghtml. Acesso em 30 abr. 2023.

Rememorar a série é refletir sobre um problema de política pública que engloba a história trágica de uma população que precisa conviver com a dor física, mental e espiritual de não saber quando e se terá um prato de comida. A produção audiovisual, aqui em destaque, possui uma grande influência nas memórias dos telespectadores, isso porque por meio do formato é possível explorar melhor o conteúdo, como foi destacado por Canellas no livro *JN 50 Anos de Telejornalismo*:

A importância de uma série de reportagem está em sua capacidade de dissecar um assunto e aprofundá-lo durante uma semana inteira. Ganha o repórter, que trabalha melhor o tema escolhido; ganha o telespectador que o entende com mais facilidade. O jornalismo diário tem uma limitação de tempo que, às vezes, põe obstáculos ao pleno entendimento de um contexto. Os fatos, para além de sua mera aparência, podem ter nuances ocultas que necessitam ser elucidadas. Nada melhor do que uma série para buscar, com mais profundidade, os antecedentes, as consequências e os movimentos internos que regem um fato. (Canellas, 2019, p. 232).

O livro e a plataforma Memória Globo ainda abordam um pouco mais as séries, que começaram a ser exibidas no Jornal Nacional em 1996 tendo como referência programas televisivos do tipo documental, que se permitem a exploração dos assuntos jornalísticos em um viés mais aprofundado e com linguagem própria, abordagem que será mais bem tratada nos próximos capítulos.

3 SÉRIES DE REPORTAGENS NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

Desde a década de 1950, quando a TV começou a se consolidar no Brasil, e o telejornalismo absorveu características do impresso e do rádio com uma influência externa de outros países, principalmente os Estados Unidos, as técnicas adotadas pelos profissionais de comunicação do audiovisual estão em constantes transformações. Isso ocorreu pelo perfil do telespectador, que mudou influenciado principalmente pela tecnologia midiática. A narrativa, antes, aplicada de forma pretensamente objetiva, hoje tem incorporado cada vez mais aspectos de uma linguagem subjetiva centrada no ser humano e na resolução de problemas, que na atualidade e na visão dos pesquisadores Thomé e Reis (2023) está em harmonia com a abordagem humana da Sociedade 5.0.

(...) inúmeras reconfigurações das narrativas midiáticas estão ocorrendo no contexto da Sociedade 5.0. cuja meta é equilibrar o avanço econômico com o enfrentamento dos problemas sociais emergentes, tais como o racismo, a xenofobia e os obstáculos para inclusão e para uma vida com qualidade, longa e sustentável. Momento para expansão dos direitos sociais, tal sociedade já pode ser observada no jornalismo, inclusive no audiovisual. (Thomé e Reis, 2023, p. 261).

Thomé e Reis (2023) trazem um levantamento a partir de entrevistas com profissionais de webjornalismo que apontam para a existência nas redações de movimentos que combinam com o conceito trazido pela Sociedade 5.0, como por exemplo: o jornalismo de soluções e o jornalismo investigativo - com o foco nos problemas da sociedade. Os autores reforçam que estes elementos que abrangem o conceito podem ser encontrados ainda no jornalismo audiovisual.

Nesse contexto social, ainda marcado, como dito no trabalho, por caos social, ambiental e político, narrativas midiáticas emergentes apontam para narrativas éticas, cidadãs e inclusivas, tanto na web quanto nas telas da TV, marcadas pela subjetividade do afeto, da emoção, da valorização das diversidades culturais em franca dialogia com os pilares da Sociedade 5.0 no que diz respeito aos direitos humanos. (Thomé e Reis, 2023, p. 262)

Apesar do conceito da Sociedade 5.0 ter ganhado destaque depois dos anos 2000, percebe-se que as abordagens relacionadas a temas que focam nas relações humanas têm sido exploradas principalmente por meio de reportagens especiais, de forma mais aprofundadas, e que tiveram como ponto de partida no Brasil os programas Globo Shell Especial, e logo depois o Globo Repórter, que se destacaram por uma linguagem

diferenciada. As construções remetiam a documentários uma vez que traziam características parecidas com o formato e, inclusive, são pontuadas como uma discussão importante para Chiarioni e Sacramento (2022): “a pergunta não poderia soar diferente: como estabelecer a diferença entre a grande reportagem, feita para televisão, do documentário televisivo?” (Chiarioni e Sacramento, 2022, p. 118). Os autores enfatizam que a grande reportagem faz parte de um programa de TV que tem uma estruturação como um espelho com abertura, apresentador e encerramento e que “diferentemente do documentário, sedimentado com reflexões e divagações acerca dos assuntos, o programa de grande reportagem está, em sua maioria, vinculado a acontecimentos cotidianos de dimensão social denominados notícia”. (Chiarioni e Sacramento, 2022. p. 121). Essa narrativa foi ganhando força e se tornando estratégia de fortalecimento da marca Globo: “a emissora passa a produzir e a exibir no telejornal reportagens especiais seriadas, o que acaba por se tornar uma tendência e a marca da inserção do jornalismo interpretativo em um formato que, até então, pretendia-se estritamente informativo” (Costa, 2005, p. 63).

Quanto às séries, Fernandes (2016) define como um subgênero televisivo do gênero telejornal. Durante um levantamento, a autora analisou como objeto três jornais da: Rede Record, Rede Bandeirantes e Rede Globo. Verificou que esse tipo de subgênero tem ganhado cada vez mais espaço na televisão brasileira. Ela usou como metodologia uma pesquisa estatística que aponta os problemas que mais preocupam os brasileiros e se destacam na construção das séries.

Assim, acreditamos que o enfoque das séries para problemas relacionados à segurança e saúde se pauta não somente por seu interesse público, mas se deve também a uma configuração do gênero. Pois essas possibilitam com maior facilidade a construção de narrativas dramáticas, marcada por emoções, com histórias de personagens que enfrentam problemas como violência, drogas, abusos ou doenças como câncer, depressão, AIDS, entre outras, e superam esses desafios. (Fernandes, 2016, p. 9).

Entre as séries que Fernandes (2016) destaca estão: Caminhos do Brasil, de 1996, sobre economia; Intolerância, dos anos 2000, que abordou a guerra civil em Angola; e a Série Fome no Brasil, de 2001, que é o objeto pontuado nesta pesquisa. A pesquisadora investiga traços que fazem este tipo de material audiovisual se tornar especial nos telejornais do Brasil “propomos avaliar como a esfera institucional nos permite ver estratégias de comunicabilidade na tentativa de construir as séries de reportagens como um subgênero especial do telejornalismo” (Fernandes, 2016, p. 3).

Neste quesito da esfera institucional, a autora, a partir do aporte de Mittell, averigua as linhas jornalísticas, as perspectivas das empresas de comunicação e os valores que envolvem a produção das séries de reportagens.

Fernandes analisa o que considera um subgênero televisivo, a partir da divulgação do material na página na internet, de cada emissora e avalia os temas que mais aparecem para que seja possível caracterizar o gênero, “pois nos permite observar quais são as expectativas das emissoras em relação a essas produções e a compreender como determinadas temáticas são melhores abordadas neste formato do que outras”. (Fernandes, 2016, p. 5)

Outros autores também analisam as séries como Cunha (2020), que as entende como inovadora e complexa, seguindo o fluxo contrário do imediato, base fundamental para o jornalismo televisivo diário.

As séries estudadas apontam para um coletivo profissional unido por um sentimento participativo voltado para o desenvolvimento de um tema de maneira mais profunda em contraste com o superficial e acelerado relato diário dos fatos. (Cunha, 2020, p.16).

Verifica-se que esse tipo de narrativa trata de assuntos próximos do telespectador, muitas vezes, com uma linguagem e características do jornalismo literário. Para Thomé, Reis e Carvalho (2023, p. 4) as séries permitem que o tema seja aprofundado de forma a realçar o produto, estilo e sentido, como no caso da série Fome, objeto de estudo aqui. Os autores lembram que a Rede Globo exibe séries jornalísticas no Jornal Nacional desde 1996 e a primeira foi “O Futuro do Emprego”. Outras também se destacaram no jornal de maior audiência do Brasil, e algumas serão tratadas no estudo.

A busca pela proximidade com o telespectador, em abordagem e temáticas sensíveis, é uma das características também do telejornalismo local, que desliza para as séries jornalísticas em rede. Para entender essa proximidade em série local, a presente pesquisa observou uma produção do MG1 de Divinópolis, que abrange a área de cobertura do Centro-Oeste e Alto Paranaíba, com o objetivo de exemplificar como se dá tal produção.

3.1 Proximidade e autorreferencialidade na série local

Distante das capitais, onde reportagens que dominam o cenário nacional focam em política, economia e crimes que ganham repercussões externas, é possível haver também telespectadores interessados em notícias que circulam em suas próprias regiões e os afetam diretamente. De fato, o papel do meio de comunicação local que busca reportagens nas quais os telespectadores da região se identifiquem e estejam inseridos aumentou “quando as notícias longínquas nos chegam à hora dos noticiários da noite, apercebemo-nos de que nada sabemos do que se passou ao fundo da nossa rua” (Camponez, 2002, p. 15). Mas, o que define a notícia? Para Traquina (2005), entre os valores-notícias estão relevância, novidade, notabilidade e “proximidade, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais”. (Traquina, 2005, p. 62)

Com o foco neste último valor-notícia, os telejornais locais têm dado cada vez mais abertura para o telespectador por meio de notas secas, que é quando o apresentador lê uma notícia curta sem imagens, reportagens e também séries, que exploram mais profundamente o assunto independentemente da exibição ser a nível local ou nacional. Pode-se trazer como exemplo, no caso do jornalismo diário regional, o MG1 da TV Integração, afiliada Globo, em Divinópolis, que, nos últimos dois anos, investiu em séries com temáticas ligadas principalmente a campanhas de conscientização, como Outubro Rosa, que traz informações sobre a prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer de mama, além da Semana Nacional do Trânsito, em setembro, que aborda os acidentes com estatísticas locais.

Para Thomé, Reis e Carvalho (2023), as séries telejornalísticas são reportagens seriadas produzidas a partir da linha editorial da empresa e que explora assuntos complexos e que requerem envolvimento financeiro e humano.

Pressupõem uma construção narrativa com ganchos entre as reportagens, que seguem uma lógica de “suíte” para tecer a narrativa, entremeada com dados jornalísticos, inserção de personagens, repercussões, passagens de repórteres, videografismo, e demais recursos do telejornalismo contemporâneo. São conteúdos jornalísticos em capítulos ou em episódios, a depender da proposta da série jornalística. (Thomé, Reis e Carvalho, 2023, p. 2).

Dentro deste ponto de vista, verificamos que o telejornal local MG1, em Divinópolis, também foca em assuntos mais delicados como os estupros na região que, pela abordagem, ganham ainda mais repercussão. A partir do dia 10/04/2023, o MG1 em

Divinópolis exibiu uma série de três reportagens mostrando o aumento do número de casos envolvendo abusos de crianças e adolescentes, que também foram disponibilizadas na plataforma do Globoplay. O telejornal trouxe o cenário das cidades da região Centro-Oeste de Minas Gerais como Divinópolis, Pará de Minas, Carmo do Cajuru e Itaúna.

Em entrevista semiestruturada para a pesquisa, a produtora responsável pelo material audiovisual, Bruna Carriço, que está no mercado há treze anos e há sete na mesma empresa, destacou que o processo de produção de uma série de reportagens é longo e cheio de detalhes, que podem mudar ao longo da apuração dos fatos. Segundo ela, a apuração foi motivada por vários questionamentos levantados durante uma reunião de pauta, que é realizada com todos os editores e produtores da TV Integração.

O número de ocorrências de violência contra criança e adolescentes vinha sendo registrado com frequência nos nossos noticiários. A crueldade em cada caso, muitas vezes cometidos por membros da família da vítima, nos assustava. (Carriço, 2023, sem paginação).

Figura 8 - Reportagem da série sobre o aumento do número de casos envolvendo abusos de crianças e adolescentes



Fonte: Print do MGTV 1ª Edição – Centro-Oeste no Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11529426/>. Acesso em 29 de jan. 2024.

Valendo-se deste panorama, percebemos uma anatomia narrativa diferenciada na construção do material e também na formação de sentidos autorreferenciais, já que foi construído diante do atual cenário local. A primeira reportagem expôs o panorama do

crime com números, entrevistas com autoridades, um delegado e um juiz, além do depoimento de um personagem, que não foi identificado, relatando de que forma foi abusado. Uma entrevista externa com um promotor de justiça da Infância e Juventude completou o material evidenciando de que forma e em quais ambientes as vítimas ficam mais vulneráveis. Durante a reportagem, em *off*, o repórter, Thiago Carvalho, que conduziu toda a série, destaca:

Na escuridão do anonimato, este homem, hoje com 34 anos conta como foi o abuso que sofreu quando ainda era criança. Aos 7 anos, foi abusado dentro do banheiro de uma escola por um vigia. O depoimento é forte por isso deixo um alerta: a linguagem não é adequada para as crianças. (Carvalho, 2022, sem paginação)

Piccinin e Soster (2012), que analisaram os apontamentos de autorreferencialidade no veículo TV Folha, trazem evidências do termo que podem ser aplicadas no exemplo acima como [...] “as dinâmicas marcadas pelo dizer e pelo mostrar de si, onde tanto o apelo de quem narra quanto os próprios recursos de linguagem – como a imagem ícone da prova testemunhal – produzem grande impacto.”(Piccinin e Soster, 2012, p. 123) Neste caso, a imagem ícone testemunhal vem por meio do personagem que, apesar de estar no anonimato, ganha destaque em um vulto acentuado com um fundo que mistura tons alaranjados e avermelhados. Outro detalhe é a voz sem identificação, recurso de linguagem, que dá autenticidade ao que está sendo dito, mesmo que a voz do entrevistado esteja distorcida.

Figura 9 - Vítima relatando os abusos sexuais na reportagem da série

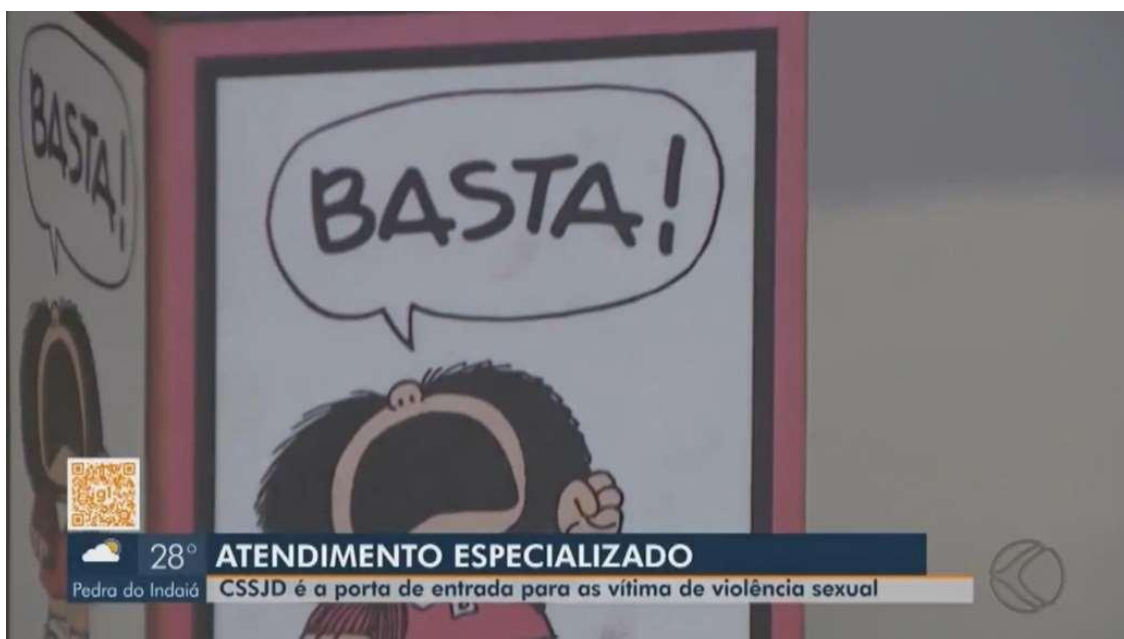


Fonte: Print do MGTV 1ª Edição – Centro-Oeste no Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11529426/>. Acesso em 29 de jan. 2024.

Outro elemento apontado por Piccinin e Soster (2012) está na presença do repórter que é enfatizada na linguagem quando escutamos no *off*: “o depoimento é forte, por isso, deixo um alerta”. (Carvalho, 2022, sem paginação). Esse exemplo também se enquadra em uma estratégia de anatomia narrativa adotada de acordo com o perfil de cada jornalista “há formas de narrar uma história, portanto que influenciam e são influenciadas pela tecnologia midiática e pelas linguagens que lhe são correspondentes”. (Piccinin, Reis e Thomé, 2020, p. 160).

Já a construção da segunda reportagem abordou o protocolo para receber vítimas de estupros, destacando o Complexo de Saúde São João de Deus em Divinópolis-MG como referência (Figura 10), e retratou ainda a equipe multidisciplinar envolvida no processo. Além de um delegado e uma psicóloga da Polícia Civil, os repórteres escutaram representantes do hospital e explicaram de que forma o aborto é realizado de forma legal em caso de estupro. Outra vez, o complemento veio por meio de um vivo externo com um diretor de políticas de Direitos Humanos, que enfatizou sobre o acolhimento também da família nos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

Figura 10 - Atendimento especializado às vítimas de violência sexual no Complexo de Saúde São João de Deus



Fonte: Print do MGTV 1ª Edição – Centro-Oeste no Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11529426/>. Acesso em 29 de jan. 2024.

A terceira e última reportagem da série enfatizou o ambiente escolar como um dos grandes responsáveis pela proteção e denúncia de vítimas de abuso sexual. O episódio chamou a atenção para a importância do educador no cenário como observador das mudanças de comportamento de crianças e adolescentes em decorrência da violência sexual e mostrou ainda que um protocolo é aplicado pela Secretaria Municipal de Educação de Divinópolis para acolher as vítimas. Depois da reportagem, uma entrevista externa com um psicólogo trouxe uma análise sobre o impacto físico e emocional da vítima diante do abuso e como pode ser feito um trabalho para minimizar o trauma.

Bruna Carriço (2023) ainda destacou que o primeiro passo para a produção da série foi o levantamento de dados. No site da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (Sejusp/MG) foi possível obter as estatísticas dos crimes de estupro de vulnerável registrados em todas as cidades da área de cobertura da TV Integração.

Ainda segundo a produtora, os registros em algumas cidades chamavam mais a atenção. Com os dados em mãos, ela relata que entrou em contato com a Polícia Civil e a partir de recortes das investigações conduziu o material com envolvimento de vários órgãos atuantes no processo, desde a denúncia do crime, até o acolhimento da vítima. Ainda destaca que as produções eram limitadas em termos de imagens e que foi necessária muita sensibilidade da equipe para a condução dos vts.

Por se tratar de um tema relevante, porém muito delicado, as imagens foram reproduzidas sem expor os menores de idade. Nessa série de reportagem contamos com o depoimento de um jovem que foi vítima de abuso sexual. Um relato forte e impactante. Em casos como esse, a identidade da vítima sempre será preservada. A reportagem tem como finalidade cobrar uma punição por esses crimes cometidos, mas também trazer um alerta. Quem assiste uma reportagem com essa narrativa e está passando por algo parecido ou conhece alguém que esteja numa situação como essa, conhece os caminhos de como fazer a denúncia e como a vítima será acompanhada por todos os profissionais. O papel do jornalista é esse: trazer informações relevantes para sociedade (Carriço, 2023, sem paginação).

A produtora ainda enfatizou a importância do depoimento da vítima de abuso para sensibilizar e chamar a atenção para o tema. Para Cunha (2020, p. 152) a pauta de séries

ganha força com o problema, mas é preciso contextualizar a temática “bem como ouvir protagonistas que possam revelar experiências humanas e arrematar com uma fundamentação embasada em diagnósticos e prognósticos dos especialistas no assunto”, assim como percebemos que foi feito no exemplo citado da série sobre o aumento do número de casos envolvendo abusos de crianças e adolescentes. A partir da exemplificação da anatomia narrativa da referida série, compreendendo o termo como um estudo minucioso da construção do material audiovisual, continuamos refletindo sobre este tipo de material, que traz uma reconfiguração que dá espaço para a subjetividade.

3.2 Mapeamento de reportagens seriadas exibidas no JN

Levando em consideração a relevância do Jornal Nacional para o telespectador brasileiro, como um dos mais assistidos no país, mapeamos algumas séries produzidas e que foram fortalecidas nas últimas décadas. “A adoção desse procedimento teve início no ano de 1996, e atualmente foi intensificado por conta de pesquisas de audiência que apontam para uma necessidade do público de aprofundamento dos temas”. (Costa, 2005, p.12).

O Memória Globo, site que traz informações sobre a empresa e curiosidades, destaca que O Futuro do Emprego, do jornalista Joelmir Beting, foi a primeira série a ser exibida pelo JN. O site ainda destaca outras produções de destaque na Globo como as da lista na Tabela 1.

Tabela 1 - Reportagens especiais seriadas exibidas no JN

Série	Ano
Caminhos do Brasil	1996
Intolerância	2000
História Recontada	2001
Fome no Brasil	2001
JN na Estrada	2002
Fronteiras	2002
Série Eleições	2002
Brasil Bonito	2002
Cerrado	2004
Caravana JN	2006
Festas Juninas	2008
Educação no Brasil	2008
JN no Ar	2010
Amazônia	2010

Manguezais Brasileiros	2013
Perfis na Seleção	2014
Transplanta de Órgãos	2014
O Quinze	2015
50 Anos de Jornalismo da Globo	2015

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Apesar de não estarem entre os exemplos em destaque, disponíveis na página destinada a temática no site, é possível verificar outras séries produzidas pela equipe de jornalistas da TV Globo que ganham evidência no livro *Jornal Nacional Modo de Fazer*, tais como a produção *Brasil Bonito*, que foi exibida entre os dias 12 e 14 de agosto de 2002. Na época, Sônia Bridi e Paulo Zero mostraram ações de voluntários em prol do outro e que, em 2003, recebeu o Prêmio Unesco e o Prêmio Imprensa Embratel, na categoria Responsabilidade Social.

Brasil Bonito é a marca que o JN põe em reportagens que apresentem exemplos de ações baseadas no conceito de responsabilidade social. Porque é verdade que as ‘más notícias’ abundam. Mas muita gente boa por aí rema contra a maré. (Bonner, 2009, p. 96).

Na série, a equipe de reportagem mostra entre as narrativas: o trabalho voluntário de uma atriz que grava livros para deficientes visuais; uma fisioterapeuta que faz massagem terapêutica em pessoas com Aids; uma professora que ensina yoga para pacientes com câncer, etc. No texto, Sônia Bridi usa termos, muitas vezes, dotados de comoção e com uma linguagem subjetiva como no *off*: “no outono da vida em meio ao sofrimento, ela encontrou um sentido pra existência”. Em uma das passagens, que é quando a repórter aparece, também fica perceptível o estilo sendo aplicado:

São muitas as experiências mostrando que um pouco de dinheiro diminui o abismo de oportunidade que existe entre quem nasce na parte rica e quem vem ao mundo nas favelas brasileiras. São casos em que o dinheiro traz felicidade e nem custa tanto tirar as crianças desse ciclo de miséria e violência (Bridi, 2022, sem paginação)

Outro exemplo já realçado e também lembrado por Bonner no livro foi a série JN na Estrada, em que duas equipes de reportagens percorreram o Brasil para mostrar a situação das rodovias. “As reportagens seriam uma espécie de diário de viagem. Registrariam pontos negativos e positivos de cada trecho percorrido: buracos, sinalização deficiente, uma parada confiável” (Bonner, 2009, p. 190).

O editor-chefe do jornal ressalta que as reportagens que teriam algo em torno de 45 segundos foram estendidas para mais tempo por causa da qualidade do material, e o resultado foi a produção de nove reportagens que foram ao ar entre os dias 21 e 29 de janeiro de 2022, e um prêmio da Confederação Nacional de Transportes, em 2003. Por meio do levantamento é possível perceber que o JN tem investido em produções com temas variados que demandam tempo e dinheiro. “Entre 1997 e 1999, foram ao ar de cinco a nove séries por ano. Esse número ultrapassou uma dezena nos anos seguintes: foram 17 em 2000 e 13 em 2001. Em 2002 esse número subiu para 25 séries exibidas.” (Costa, 2005, p. 125)

No livro JN 50 Anos de Telejornalismo, alguns capítulos são destinados a abordagem de projetos e reportagens especiais desenvolvidos ao longo da história do Jornal Nacional. Em um deles, Maria Thereza Pinheiro e Teresa Cavalleiro, diretoras de programas e projetos especiais, lembram das coberturas das eleições presidenciais e de que como “a introdução de outras formas de narrativa enriqueceu a cobertura, despertou uma curiosidade maior do público e inaugurou uma nova maneira de tratar de assuntos que podem ser áridos” (Pinheiro e Cavalleiro, 2019, p. 125). Em meio aos projetos, um que trazia um panorama do cenário no Brasil com o foco nas eleições presidenciais em 2002. Segundo as profissionais, além da mobilização financeira, houve um fortalecimento na equipe de jornalistas, como produtores, editores de texto e imagens, sendo alguns emprestados de outros telejornais da Globo. Durante o projeto especial foram desenvolvidas oito séries:

Tabela 2 - Projetos e reportagens especiais desenvolvidos ao longo da história do JN¹³

Títulos da série	Repórter	Data
O poder do cidadão	Edney Silvestre	5 a 10 de agosto
As contas do governo	Tonico Ferreira	12 a 17 de agosto
Concentração de renda	Marcelo Canellas	19 a 24 de agosto
Educação e emprego	Sônia Bridi	26 a 31 de agosto
Saúde de saneamento	Vinícius Dônola	2 a 7 de setembro
Desigualdades regionais	Marcelo Canellas	9 a 14 de setembro
Meio ambiente e grandes cidades	Willian Waak	16 a 20 de setembro
O valor do voto	Ernesto Paglia	30 de setembro a 5 de outubro

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

¹³ Fonte: JN 50 ANOS DE TELEJORNALISMO, p.130.

Ainda no livro, as construções, estruturas e compromisso de outras séries também são abordadas, entre elas, a série Fome que será explorada de forma mais sistemática.

3.3 A Série Fome

A informação de que “O Brasil está de Volta ao Mapa da Fome” ganhou destaque em um relatório da Organização das Nações Unidas, ONU, para a Alimentação e a Agricultura (FAO). O documento retrata que cerca de 61 milhões de pessoas enfrentaram dificuldade para se alimentar entre 2019 e 2021. Destes, mais de 15 milhões passaram fome. Os números foram apresentados em uma reportagem exibida pelo Jornal Nacional no dia seis de julho de 2022. Durante a reportagem, Daniel Balaban, diretor e representante do Centro de Excelência contra a Fome no Brasil, o WPF, disse que o país é um dos mais desiguais do mundo e a população precisa do apoio de políticas públicas para serem incluídas na cidadania. Ele ressaltou que a situação começou a piorar muito antes da pandemia da Covid-19. Durante a exibição do material, o repórter Paulo Renato Soares destacou que, em 2015, o Brasil tinha conseguido sair da classificação que representa uma situação grave, mas voltou ao mapa em 2018, isso porque a fome crônica no Brasil atingiu 4,1%, e um país só entra no mapa quando mais de 2,5% da população enfrentam falta crônica de alimentos.

Esse problema social que carece de mais políticas públicas é retratado nos noticiários frequentemente, geralmente em reportagens factuais que podem ficar percíveis e sem desdobramentos, com exceção de algumas produções do audiovisual marcantes, em projetos especiais da emissora que ganham status de série jornalística em formato de documentário histórico. Um dos exemplos foi em 2001, quando os repórteres Marcelo Canellas e Lúcio Alves percorreram vários estados do Brasil, além do Distrito Federal, e traçaram o panorama do problema social. Eles entrevistaram cidadãos em situação de extrema pobreza e, por meio dos depoimentos, produziram cinco reportagens que foram exibidas entre os dias 18 e 22 de junho de 2001, no Jornal Nacional. E mesmo tendo sido exibida há mais de 20 anos, a Série Fome no Brasil, que aqui nesta pesquisa está sendo abordada, permanece atual pela forma como se aprofundou e retratou as dificuldades dos mais pobres e pela sensibilidade com a qual foi abordada por meio da linguagem oral e visual.

Na primeira reportagem é pontuada a fome como uma tragédia que leva à morte. O repórter destaca o número de pessoas afetadas pela situação e mostra que, diante do

problema, ninguém encontra a solução que poderia simplesmente vir com um prato de comida. Na segunda reportagem, é abordada a relação da fome com a loucura, e ainda as pesquisas da deficiência da alimentação brasileira com foco nas crianças que já nascem desnutridas e crescem enfrentando o mesmo problema. Na reportagem seguinte, Marcelo Canellas mostra a fome que está presente independentemente do estado da federação, invariavelmente ser um estado rico ou pobre, e aborda também o comportamento das pessoas ao vivenciar a dor de um ente querido diante da falta do que comer. Já no quarto episódio, estão retratadas as alternativas adotadas pela comunidade para sair dessa realidade, como por exemplo, os moradores de uma comunidade pobre de Fortaleza que conseguiram do governo dinheiro para reforçar a merenda. Há também os projetos criados no interior da Bahia, como a construção de cisternas, para amenizar a falta da água, tão importante na irrigação. Por último, o jornalista traz o impacto da série de reportagens na vida das pessoas. Canellas mostrou a mobilização do povo desde que os episódios começaram a ser exibidos. Ele explicou como colaborar para amenizar um problema tão próximo de todos, como demonstra este trecho: “A tragédia onipresente tocou o país. Centenas de telespectadores ligaram para tentar ajudar”. (Canellas, 2001, sem paginação).

Na série Fome, sugere-se que o repórter Marcelo Canellas construiu a reportagem a partir do que observou, de sua interpretação, como se fosse uma narrativa televisual capaz de despertar sentimentos como indignação diante de uma situação tão cruel. Um exemplo do impacto gerado pode ser percebido na última reportagem que enfatizou as ligações de centenas de telespectadores para tentar ajudar. Em um dos áudios reproduzidos, o telespectador diz “a agonia de você vê uma pessoa chorando e você não ter um pedacinho de pão ou alguma coisa para aquela pessoa comer”, em outro escuta-se o seguinte trecho “desde essa hora eu botei na minha cabeça que eu tenho que fazer alguma coisa pra ajudar porque se não, não vou me sentir bem nunca mais”. (Canellas, 2001, sem paginação).

Dentro da série, percebem-se vários protagonistas, mas vale destacar a lavadeira Maria Rita, uma das mais marcantes. Ela era do Vale do Jequitinhonha, uma região do estado de Minas Gerais, e aparece na primeira reportagem mal se segurando em pé. A sua situação era tão grave, que passadas duas semanas da reportagem ter sido gravada, a Globo informou sobre sua morte, vítima de falência múltipla de órgãos causada por desnutrição intensa. Segue o trecho, que foi transcrito no formato de um diálogo entre o narrador (repórter) e a personagem (Maria Rita):

_ Eu tô sentindo é, acho que anemia profunda.
 _ O médico disse que a senhora tem que se alimentar bem, é isso?
 _ É
 _ E a senhora diz o quê pra ele?
 _ Igual eu falei pra ele, onde que eu acho? (Canellas, 2001, sem
 paginação).

Figura 11 - Maria Rita, uma das personagens mais marcantes, durante entrevista para a série Fome



Fonte: Print do Youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

Até hoje, a condução das reportagens e a forma como foram recebidas na época são lembradas em entrevistas para programas, como por exemplo o “Conversa com Bial” exibida no dia 27 de junho de 2018 e que está disponível no Globoplay¹⁴. Durante a conversa com o apresentador Pedro Bial, Canellas destacou que a entrevista com a

¹⁴ MARCELO Canellas relembra a série que fez abordando o problema da fome no Brasil. **Conversa com Bial**, [S.l.], 27 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6837056/?s=0s>>. Acesso em 30 abr. 2023

lavadeira Maria Rita, uma personagem encontrada ao acaso, foi a mais desconcertante da vida dele e lembrou que a estreia da Série foi um estrondo no Brasil, indo ao ar no dia do aniversário do então ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que dava um banquete no palácio do Alvorada.

Outra entrevista que o repórter aborda a Série foi veiculada na TV Assembleia do Maranhão, feita em 2017¹⁵. Nela, Canellas reforça que a série foi um “divisor de águas” na carreira dele, e que era um tema que todos sabiam que existia, mas ninguém tinha feito um mergulho profundo. Na época, o repórter considerou que os conceitos de neutralidade e imparcialidade nem sempre servem para o jornalismo, isso porque quando você encontra uma situação injusta, inaceitável, não tem como se manter isento.

O trabalho marcante que acabou se configurando como um documento histórico da fome no país também foi abordado durante o programa “Encontro com a Fátima Bernardes”¹⁶, da Rede Globo, em 07/08/2012. Em um dos trechos do bate-papo, Fátima questiona o repórter sobre de que forma aquilo o impactou, ou seja, mostrar um Brasil tão perto e ao mesmo tempo tão longe. O repórter, na época, respondeu que o projeto era uma obsessão desde a faculdade, quando leu o livro Geografia da Fome, do professor Josué de Castro, e ressaltou mais uma vez que sempre acreditou que deveria fazer um mergulho mais profundo no tema. E foi nesse trabalho que encontrou os personagens mais marcantes da sua vida.

Além de Marcelo Canellas e o repórter cinematográfico Lúcio Alves, participaram do trabalho o técnico Luís Oliveira, a produtora Laura Fernandes e a editora de imagens, Cida Hipólito. No livro JN 50 Anos de Telejornalismo, Canellas conta que o processo de todo o trabalho durou dois meses e que as gravações partiram de um levantamento, mas sem marcação com personagens, que pelo estado de pobreza não tinham telefone de contato, e principalmente porque neste tipo de produção, preferia descobri-los no local.

A Série Fome recebeu vários prêmios, entre eles: a quinta edição do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo (março de 2002), na categoria Televisão, além do Imprensa-Embratel de Jornalismo com o grande prêmio Barbosa Lima Sobrinho

¹⁵ TV Assembleia recebe o jornalista Marcelo Canellas. **TV ASSEMBLEIA MARANHÃO**, São Luís, 17 de ago. de 2017. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=WxbMMMfXhJM>. Acesso em 30 abr. 2023

¹⁶ MARCELO Canellas relembra reportagem com Zé Merenda. **Encontro com Fátima Bernardes**, [S.l.], 07 de ago. de 2012. Disponível em:<https://globoplay.globo.com/v/2077449/?s=0s>. Acesso em 30 abr. 2023

(setembro de 2001), e o prêmio Vladimir Herzog (2001), honras que para o repórter não tiveram força para mudar a triste realidade.

Mas nem mesmo a mobilização solidária das pessoas que se organizaram em mutirões de distribuição de comida pelo país afora, nem as medidas paliativas e de emergência anunciadas pelo governo de então, nem os onze prêmios jornalísticos nacionais e internacionais que ganhamos com a série Fome conseguiram dar conta da tragédia que é a morte de uma pessoa por não ter o que comer. Nos restou o consolo de dar existência pública e um tema que se escondia por detrás do olhar cansado de quem tinha se acostumado a aceitar o inaceitável. (Canellas, 2019, p. 234).

Mesmo diante do cenário da fome que ainda é preocupante, Marcelo Canellas teve sensibilidade para lidar com o tema e aplicou recursos que deixaram o material audiovisual imperecível, estratégias que serão estudadas nos próximos capítulos e que irão abordar também o percurso metodológico explorado na pesquisa.

4 ANÁLISE – PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa analisa quais os recursos empregados no objeto que aqui se faz presente por meio da Série Fome e que o torna um retrato histórico com potencial de gerar aproximação e empatia a partir das histórias de vida. Durante a análise partimos de questionamentos que buscam estender quais as estratégias narrativas nas séries jornalísticas audiovisuais para narrar a dor do outro e em que medida o jornalismo utiliza os recursos da narrativa literária das temáticas de tragédias e de assuntos de grande comoção.

Parte-se do pressuposto que Canellas usou de elementos da literatura no texto, por isso, o estudo investiga as características que humanizam as cinco reportagens que são retratadas de forma impactante, cujos textos é possível conferir em decupagem presente no apêndice. Por meio da revisão bibliográfica, recordamos alguns conceitos do campo do telejornalismo e literatura, além das estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais e observamos também as transformações no trabalho do profissional diante da subjetividade, considerando que o jornalismo brasileiro, por muito tempo, teve como paradigma o mito da imparcialidade e a “objetividade como ritual estratégico”, nos termos de Tuchman (1999).

Ainda em revisão bibliográfica, para melhor entender o que se tem estudado na área, dentro da academia, foi feita uma busca nos anais do Intercom Nacional, SBPJor e Compós nos últimos anos (2018, 2019, 2020, 2021 e 2022) usando como metodologia a Análise de Conteúdo, traçada do Bardin (1977), explorando a categoria palavra-chave. Depois de filtrar alguns termos, definiu-se por adotar a pesquisa a partir de “Telejornalismo” e “Literatura”, com isso, resultaram algumas publicações que ajudaram a ter maior embasamento teórico sobre as discussões acerca dos temas e propor novas abordagens contribuindo com o campo. Também se consultou o buscador Google Acadêmico, que propiciou a localização de artigos recentes sobre a temática objeto do estudo. A revisão da literatura contou como fontes: livros, dissertações e teses, buscando os principais conceitos para fundamentar, por exemplo, o jornalismo e o jornalismo literário.

Durante o percurso da pesquisa, investigamos as séries jornalísticas exibidas no Jornal Nacional, tendo em vista que o jornal é referência no país, líder de audiência e serve como vitrine e até exemplo para outros veículos de comunicação. Além dos dois

livros publicados com a história e curiosidades do JN, recorreremos ao Memória Globo que resgata parte dos acontecimentos exibidos durante os mais de 50 anos de telejornal.

Considerando o papel do telejornalismo local na formação de sentidos, também adotamos o MG1 de Divinópolis, em parte da análise, que referencia as estratégias de autenticação e as séries jornalísticas com o foco na construção, além do aporte de uma entrevista semiestruturada de uma produtora responsável por um dos materiais. O acesso da pesquisadora que atua como editora no referido jornal, possibilitou esse recorte, buscando o olhar acadêmico para as produções.

Para delimitação do assunto e levantamento das hipóteses de pesquisa iniciais, foi feita uma análise documental da série do repórter Marcelo Canellas disponível no Youtube, por meio de uma decupagem das cinco reportagens, que, ao todo, têm aproximadamente 21 minutos e 30 segundos, e, após isso, as transcrições que resultaram em dezessete páginas. Na sequência, analisamos também o texto do repórter, a fala dos personagens, além de outros recursos utilizados no audiovisual como por exemplo, o BG, que pode ser o som ambiente, e as imagens. Importante salientar que a série Fome motivou a escolha da pesquisadora pela formação em Comunicação e mais tarde em Letras, propiciando um olhar mais aprofundado da construção textual jornalística.

Ainda dentro desta abordagem, e que será explanado a seguir, toda a série foi mapeada com o intuito de detectar as figuras de construção inseridas como recurso estratégico na narrativa, com análise crítica do sentido figurado contido no texto, por diversas vezes cheio de valores afetivos. A seguir, serão detalhadas estas estratégias de narrativa especificamente na Série Fome no Brasil.

4.1 Figuras de linguagens como estratégias narrativas

Dentro das reportagens da série, o jornalista Marcelo Canellas usa elementos do universo literário para contar uma história de maneira inusitada, mesmo retratando um problema social tão grave. Ele faz a junção literatura e jornalismo e exemplifica a partir da linguagem utilizada, que é possível usar de estratégias, como a escolha cuidadosa das palavras e da sensibilidade para chamar a atenção do leitor ou telespectador. Mesmo a linguagem denotativa sendo o foco do trabalho do jornalista, percebe-se na série traços de conotação e de subjetividade que quando bem aplicados têm o potencial de despertar emoções.

Além de desempenhar um papel fundamental na comunicação humana, a linguagem, bem utilizada no contexto do jornalismo, principalmente quando abrange figuras de linguagem, que incluem figuras de palavras, de construção e de pensamento, desempenha um papel importante porque torna os textos jornalísticos envolventes, persuasivos e informativos, “cabe lembrar que tais recursos são usados não só na prática espontânea da conversação do dia a dia, como na linguagem escrita e literária por deliberada intenção estética”. (Bechara, 2020, p. 523).

Tendo como foco o uso da linguagem utilizada pelo repórter Marcelo Canellas, na série Fome, exibida em junho de 2001, no Jornal Nacional, iremos explorar aqui como esse recurso estilístico tem potencial de ser eficaz na comunicação e na influência do público. Pretende-se, portanto, analisar e discutir os principais tipos de figuras de linguagem que “quando são bem empregadas no jornalismo expressam ideias e tocam na emoção de maneira subjetiva valorizando principalmente os personagens”. (Thomé, Reis e Carvalho, 2023, p.10).

Depois de observar a decupagem da referida série, optamos para a análise recortes, principalmente, com o foco em um discurso que vem enaltecido por meio de imagens, além de diálogos marcantes entre o repórter e os personagens, considerando assim um dos principais fundamentos do jornalismo de televisão, que é o casamento entre *off* e imagem. O levantamento aqui apontado também leva em consideração até que ponto as figuras de linguagem empregadas tornam o discurso informativo e cativante e traz ainda o olhar e a experiência da autora, características que apoiam hipóteses de interesse da dissertação e mobilizam alguns aspectos da realidade retratada.

Durante a verificação constatamos em meio as figuras de construção ou sintaxe identificadas nos textos das cinco reportagens, a anáfora, que é a repetição de palavra ou palavras no início das frases, ou quando um termo citado é retomado, justamente com o intuito de enfatizar uma ideia. Durante a análise percebemos esse recurso no texto, como na primeira reportagem, por exemplo, no *off* do repórter, quando a palavra maioria retoma a palavra criança: “No Brasil, a cada cinco minutos morre uma criança; a maioria, de doenças da fome”. Na segunda reportagem tem-se “médico com nome de profeta. O doutor Malaquias teme pelo que pode acontecer amanhã”, e ainda em *off* prossegue “Pesquisador de renome, especialista em nutrição, mais de trinta anos investigando as doenças do brasileiro”. Neste caso, Canellas usa sinônimos para voltar e reforçar a importância do profissional da medicina: médico, doutor Malaquias, pesquisador de renome e especialista em nutrição. Em continuação, verificamos outros trechos onde há

presença de anáfora como no primeiro *off* da terceira reportagem, “onde circula o dinheiro? onde corre a penúria?”, em que Canellas traz a palavra “onde” para designar o sentido de lugar. No quarto episódio da série também percebemos o uso do recurso ao salientar as palavras água e jorra: “[...] água para os bichos. Água para a casa” e “onde havia fome, jorra o leite, jorra o mel”, reforçando o sentido de abundância em um cenário onde a maior parte dos personagens convive com a miséria. E por fim, ressaltamos o uso do recurso na última reportagem focado na substituição de Zilda por brasileira “A pastoral da criança parceira do Unicef e da Rede Globo no projeto Criança Esperança é coordenada por Zilda Arns. Uma brasileira indicada para o prêmio Nobel da paz.”

Outra figura de construção identificada no texto foi elipse que é “a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. (Bechara, 2020, p. 523), como neste *off* da primeira reportagem “Povoado de Santa Úrsula, no sertão da Bahia”, frase que o termo “que fica” está omitido, mesmo assim, o contexto é claramente entendido. Ainda dentro da verificação, percebemos mais de uma figura de linguagem em destaque nos *offs* como neste: “No Brasil, a cada cinco minutos morre uma criança; a maioria, de doenças da fome”. Além da anáfora como foi explicada no parágrafo anterior, temos a presença de elipse já que o verbo morre, em destaque na primeira frase, está omitido na segunda. Em parte do *off* da segunda reportagem temos: “Equipes da Universidade Federal de Pernambuco tentam mudar o curso dessa história. Medindo, pesando, ensinando a amamentar. [...]”, percebemos mais uma vez a presença desta figura de linguagem já que na segunda frase, se omite o termo Equipes da Universidade Federal de Pernambuco.

Na sequência destacamos a zeugma, que para Bechara (2020) é uma forma de elipse, que traz a omissão de um ou vários outros termos já destacados anteriormente, exemplo que identificamos na quarta reportagem quando em *off* é destacado “Os moradores de um bairro pobre de fortaleza pressionaram o governo. Conseguiram mais dinheiro para reforçar a merenda. E de casa em casa, acompanharam os meninos mais desnutridos”, neste caso, percebemos que a omissão está relacionada ao sujeito: moradores, que está ausente na segunda e terceira frases.

Temos ainda o anacoluto que se apresenta por meio de uma estrutura gramatical sem regularidade, ou seja, há um rompimento na estrutura da oração, forma muito usada na linguagem coloquial como nestes trechos dos *off* na terceira reportagem: “É a decisão da vizinha, das Graças”, ainda na mesma reportagem da série verificamos uma

antecipação ou prolepse, que é quando se antecipa o acontecimento, no seguinte trecho: “Decisão extremada tomou dona Angelina de tanto ver os netos com fome, os levou para o juiz de menores”, sendo neste caso a decisão de Angelina.

Durante a verificação, identificamos também o uso das figuras de palavras, muitas vezes usadas pelo interlocutor com o propósito de impactar e trazer um sentido conotativo para o texto. Por exemplo, a metonímia ocorre quando se substitui uma palavra ou termo por outro desde que se tenha sentido e explora um sentido mais figurativo e costuma ser usada no discurso com a intenção de evitar repetição e até contextualizar uma informação. Na última reportagem, constatamos no *off*: “A FAO, o braço das Nações unidas para a agricultura e alimentação, diz que o empenho da sociedade é fundamental, mas erradicar a fome, só se melhorarmos a distribuição de riquezas”. Nesse caso, Canellas usou a palavra braço para se referir a uma parte ou setor das Nações Unidas.

Ainda dentro das classes das figuras de palavras, temos a metáfora que “é o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos (Cegalla, 2020, p. 614). Percebe-se nos textos das reportagens que a utilização específica do recurso deixa alguns trechos do texto ainda mais comoventes, com por exemplo neste *off* da primeira reportagem: “É a credice dos grotões, bebê que morre vira querubim”. Essa comparação entre dois seres descreve a gravidade do problema e transmite ideia de inocência, no caso, um bebê que vira anjo. Outro trecho em que os aspectos da tragédia da fome são capturados está neste *off*, também da primeira reportagem: “Santa Úrsula virou cidade fantasma, Maria só ficou porque recebe pensão”, que se nota uma comparação entre fantasma e o esvaziamento da cidade. O recurso aqui destacado será mais explanado, já que se verifica que Canellas usa a metáfora com mais frequência refletindo em uma informação mais acessível e impactante para o telespectador, como em parte do texto ao encerrar a primeira reportagem: “Na contagem regressiva da fome, mais luto, mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso óbvio tesouro esquecido em lugarejos e favelas”, trazendo um reconhecimento da dimensão da vida perdida, das oportunidades apagadas pela fome, em uma comparação mental necessária para caracterizar a dimensão do que se perde.

Na segunda reportagem temos em *off* “Esse ano nem Padre Cícero deu jeito” e “Na terra do padroeiro informal do sertão, o lado mais perverso da fome”, contextualiza-se uma alusão ao padre como um indivíduo que não poderia resolver os problemas e na sequência a fome é referenciada como uma pessoa ruim. Ainda dentro da análise metafórica verificamos que o desafio de combater essa tragédia custa muito àqueles que

se dedicam à batalha, devendo ser proativos, com no dito popular: arregaçar as mangas, e ainda neste contexto identifica-se uma ausência de ilusões tributárias da forma metafórica de manter os pés no chão, em destaques na passagem da quarta reportagem: “Primeiro pés no chão, caridade ajuda mas não resolve. Depois um sentimento de urgência. O estado é lento e a fome não espera. Aí vem o resultado, o engenho e a criatividade de brasileiros que arregaçam as mangas para vencer o desamparo”. Por fim, a potência expressiva da metáfora pode ser compreendida em um contexto de elevação da percepção.

Nessa busca do Graal, a metáfora tem um papel privilegiado, por integrar os sentidos à progressão intelectual. Pode-se até dizer que ela se situa exatamente a meio caminho entre o lugar ocupado pelo sentido na vida social e sua integração no ato de conhecimento. (Maffesoli, 2009, p. 27).

A partir desse ponto de vista, a metáfora cumpre com a demanda platônica de elevar o sensível ao nível do inteligível, assim como outras figuras de linguagem que são usadas nas cinco reportagens da série Fome. Outro exemplo é a hipérbole, que se encaixa na classificação das figuras de pensamentos e que envolve o uso de exagero para enfatizar uma ideia ou conceito. No jornalismo, a hipérbole é usada para destacar a importância de um evento ou situação. Como por exemplo na terceira reportagem que Canellas destaca em texto: “O grito dos milhões, o pregão das migalhas”, e, para ilustrar, mostra um local que parece ser um pregão da bolsa de valores e na sequência uma feira bastante humilde.

Ainda nas figuras de linguagem, destacamos outra de pensamento como a ironia, que envolve a expressão de uma ideia oposta ao que se pretende transmitir. No jornalismo, o recurso costuma ser usado para criticar ou comentar sobre situações contraditórias, como em um dos últimos *offs* da última reportagem: “O governo concorda, a causa principal da desigualdade é a concentração de renda. Mas o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas ligado ao Ministério do Planejamento diz que mesmo assim, há menos famintos”. Neste trecho em destaque sugere-se que o governo tem consciência do problema que é explanado de forma nítida na reportagem, mas ironicamente, considera que, mesmo diante de todas as estatísticas apresentadas na reportagem, existam menos pessoas passando fome.

O reconhecimento de uma vida perdida e das oportunidades apagadas pela fome tornam-se muito mais ponderadas já que se fazem por meio da presença do repórter no

local. Canellas deixa traços no texto e na condução das reportagens que presenciar a miséria e a dor do outro valorizaram a série.

Ao escrever sobre o factual cotidiano ou sobre um tema mais abrangente o jornalista deve detectar os sentimentos que emergem na mediação social e cultural entre ele sujeito repórter e os Outros sujeitos como os protagonistas e os especialistas, porque são os encontros presenciais que possibilitam a escrita da narrativa autoral plena de significados (Cunha, 2020, p. 15).

Essa narrativa autoral plena de significados é perceptível também nos diálogos com os personagens, uma vez, que envolvem o uso de figuras de linguagem para criar uma atmosfera de conversa envolvente e ressaltar as respostas dos entrevistados. Podemos perceber isso em alguns trechos dotados principalmente por traços conotativos como este que vem logo após um *off* da primeira reportagem:

- O que mais poderia fazer Evangelista, sem roça e sem emprego?
 - “O país força, o salário que ele tem é “os braço””, diz a dona de casa, Ana Cláudia (Canellas, 2001, sem paginação).

Neste trecho apontado acima verificamos a presença de metonímia, que é a substituição de um termo por outro e envolve o uso de uma parte de algo para se referir ao todo, como no caso da palavra “braços”, por exemplo, em que há uma referência ao “trabalho” ou “trabalhador”.

Outro exemplo é esta entrevista da segunda reportagem que traz traços de eufemismo e comparação:

- Médico com nome de profeta. O doutor Malaquias teme pelo que pode acontecer amanhã.
 - Nós estamos praticamente diante de um aviso prévio da morte quando encontramos determinadas formas de desnutrição. Diz o médico (Canellas, 2001, sem paginação).

No exemplo, compreende-se como a figura de palavra, que no caso trata-se de uma comparação, traz o médico como profeta que pode prever inclusive a morte. Além disso verifica-se um eufemismo, figura de pensamento expressa pela ideia de que apesar do signo da morte permear a atmosfera, o entrevistado usa a expressão “aviso prévio” para amenizar a situação, como se houvesse alguma forma de evitá-la.

_ O que acontece com povo pobre em terra fértil? Camponesa no Piauí, Maria compara gente e planta:
 _se tiver uma linda rosa na mão, e eu não tiver água pra botar nela, ela vai e murchar. O destino dela é secar e acabar, não é não?!". (Canellas, 2001).

Essa entrevista que verificamos em um trecho da terceira reportagem, percebemos que o repórter e a entrevistada valorizam uma linguagem mais metafórica, além de utilizarem um recurso da figura de palavras, a comparação, que “consiste em pôr em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar-se semelhanças, características, traços comuns, visando a um efeito expressivo” (Cegalla, 2020, p. 615). Ou seja, a camponesa faz um paralelo entre gente e planta durante a conversa.

Na quinta reportagem também verificamos diálogos que trazem um sentido metafórico e comparativo em que a entrevistada se compara a uma formiga e a força que o coletivo delas poderia realizar, como percebemos neste depoimento por telefone: “Eu sou uma formiguinha nesse universo todo. Mas eu acho que se nos unirmos forças, a gente pode estar ajudando esse pessoal. Como não?”. (Canellas, 2001, sem paginação).

Além da linguagem verbal, a linguagem não verbal e outros recursos como arte e BG engrandeceram o trabalho da equipe e serão abordados no próximo capítulo.

4.2 Estratégias narrativas explanadas em imagens e outros recursos

Nas imagens impactantes e nas entrevistas comoventes, muitos telespectadores puderam materializar palavras distantes das suas realidades como miséria, fome e morte. Exploradas em discursos oportunistas a exaustão, quando colocadas em série e narrada com cuidado literário, é difícil tomar como natural pessoas morrerem de fome, situação que é reflexo de um trabalho em conjunto já que o jornalismo se faz por meio de um trabalho em equipe. Marcelo Canellas trouxe a sensibilidade por meio da linguagem trabalhada nos textos e que ganhou mais impacto graças ao casamento dos *offs* e das imagens, “é a sensibilidade do jornalista que vai fazer essa “união” atingir o objetivo de levar ao ar uma informação que seja fácil de ser compreendida pelo telespectador.” (Barbeiro e Lima, 2002, p. 95). Casamento que inclusive é reforçado pelo gerente de cinegrafia e edição de imagens, Helio Alvarez, no livro JN 50 Anos de Telejornalismo. O profissional reforça a importância da parceria entre repórter e repórter cinematográfico em um capítulo intitulado O Olhar Por Trás da Notícia:

São eles que constroem juntos, a partir de competências diferentes, mas complementares, a narrativa. Na gravação de uma reportagem a sintonia entre os dois autores é primordial, quando afinados, pode ser quase uma dança, ambos devem estar no mesmo ritmo para que o trabalho flua. Os dois são responsáveis pela história que está sendo contada. Contar histórias com boas e belas imagens, é, afinal, o grande papel do repórter cinematográfico. (Alvarez, 2019, p. 392).

Analisando a série, percebemos que Canellas e Lúcio traçam uma parceria do começo ao fim durante o trabalho e que o repórter cinematográfico teve um papel importante na condução do telespectador ao trazer um olhar apurado onde foram retratadas imagens, com potencial de despertar desconcertos e mobilização. A sensibilidade na retratação do cotidiano miserável reafirmou o seu papel que “vai além da simples captação. É a sua imagem que vai ajudar a construir uma narrativa. Imagens, afinal, contam histórias. Na televisão, as imagens são o coração das histórias”. (Alvarez, 2019, p. 385).

Contar histórias por meio das imagens requer uma percepção estética e muita sensibilidade, e no caso da série, Lúcio Alves transformou um problema antigo em uma narrativa marcante por meio de cenas que tratavam paisagens desoladas, corpos esquálidos e pessoas em torno de rituais fúnebres enterrando suas crianças. Situação que já percebe-se no começo da primeira reportagem onde um grupo de pessoas se reúne em orações em um pequeno cemitério tomado pelo mato, onde é possível ver algumas cruces, e ainda poucas flores em meio a um amontoada de terra, cenas que vem acompanhadas de um *off* que enfatiza principalmente que ali existe um cemitério de anjos, um termo metafórico reforçado pela imagem.

Figura 12 - Grupo de pessoas se reúne em orações em um pequeno cemitério de crianças



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

A linguagem visual, captada por meio dos enquadramentos e a busca por novos ângulos, reforça a mensagem que a equipe quer passar referente à morte de inocentes em meio a um cenário desolado e miserável. A cena valoriza a narrativa que tem um potencial de ficar ainda mais próxima do telespectador. Verifica-se por meio da gravação, que ao selecionar os momentos e escolher os planos a serem aplicados, Lúcio Alves determina de que maneira o telespectador irá compreender aquele mundo. Ele usa um plano fechado para se aproximar dos entrevistados durante alguns depoimentos, e neste quesito ficam expostos os rostos dos personagens, onde é perceptível descortinar o olhar fundo de alguém que amarga o gosto da fome ou que não sabe como irá resolver o problema da desnutrição de uma criança. Imagens que cobrem inclusive um diálogo em que o lavrador Evangelista dos Santos, consternado, questiona o repórter de que forma poderia resolver a situação da filha.

Figura 13 - Lavrador Evangelista dos Santos no momento em que questiona o repórter de que forma poderia resolver a desnutrição da filha



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

No plano geral que é um ângulo mais aberto, vislumbra-se cenários que ganham mais destaque do que a figura humana, ou outros que nem figuras existem, como por exemplo ao retratar um cacto em meio a uma imensidão e uma cisterna em uma região sertaneja.

A "leitura cultural" feita pelo repórter cinematográfico Lúcio Alves oferecem ao telespectador imagens carregadas de nuances marrom-alaranjadas que emanam visualmente da perspectiva mediada pela matriz cultural ao conectar o fundo poeirento do rio seco com a aridez da terra em volta do povoado. Uma visão que busca contextualizar o mundo da escassez de alimentos e chuva, ao mesmo tempo do excesso de sol e da pobreza. (Cunha, 2020, p. 91)

No frame abaixo, temos parte de uma das imagens, que consideramos uma das mais marcantes em referência ao tema da fome. Duas crianças aparecem no quadro, sendo, uma delas agachada sem a parte debaixo da roupa e a outra, está com um prato

onde tem duas colheres, aparentemente “pescando” feijões em um punhado de água, retratação por meio de uma sensibilidade, onde não há fórmula, mas exige paixão pela notícia e um olhar diferenciado (Alvarez, 2019).

Figura 14 - Duas crianças em situação miserável aparecem em cena para ilustrar um trecho em que o repórter diz que crianças compartilham favas



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

A fome também mostra sua faceta mais dramática quando torna vítimas crianças, como estas, que percebemos nas imagens, cenas que podem potencializar sentimentos como revolta e tristeza, além de trazer à reflexão este problema social tão grave. Ainda na análise, em uma das reportagens, selecionamos uma imagem, frame abaixo, onde são destacados o céu nublado e um arco-íris, como se aquilo pudesse ser interpretado por uns como esperança, já que o tempo visto desta forma indica chuva, ou seja, água para o cultivo dos agricultores, além de um sinal da riqueza simbolizada pelo mito do pote de

ouro no fim do arco-íris, compreendendo-se aqui também como uma linguagem não verbal metafórica usada para cobrir parte do trecho:

Até que os pequenos agricultores de Campo Alegre do interior da Bahia decidiram, água que cai do céu não tem dono. Duas mil e oitocentas cisternas foram construídas. Um projeto com dinheiro da Holanda. Água para os bichos. Água para a casa. (Canellas, 2001, sem paginação).

Figura 15 - Tempo nublado e um arco-íris ilustram a cena trazendo esperança de chuva



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

Apesar desta imagem nos remeter a sentimentos de esperança, a maior parte da construção das reportagens é marcada pelo signo da morte presente também na vinheta de abertura usada para introduzir cada uma das cinco reportagens da série. Na vinheta, temos imagens que podem ser traduzidas em uma mensagem que dura quatro segundos. Nelas, tem-se em destaque uma mulher cozinhando um pouco de comida em uma panela em cima de um fogão à lenha, enquanto, quatro crianças emolduram o entorno dela. Não

é possível ver o rosto daquela que parece ser a mãe e nem identificar quem é a outra pessoa que está atrás de dois meninos, mas percebemos as quatro crianças. Também conseguimos compreender o espaço em que estão como um pequeno barracão de madeira. Veja o frame:

Figura 16 – Imagem 1 da vinheta de abertura da Série Fome



Fonte: print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023. 22:02

Ainda na vinheta, no frame seguinte, temos a palavra “fome” de cor preta que entra em letras garrafais por cima de um fundo que parece um fogão à lenha em brasa.

Figura 17 - Imagem 2 da vinheta de abertura da Série Fome



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

Percebe-se que a última imagem da vinheta é marcada pelas cores vermelha e preta. Especificamente esta imagem que foi usada na arte, é apresentada inicialmente para o telespectador sem nitidez, se misturando as imagens anteriores, compostas na figura 16, e em milésimos de segundo vai tomando forma. A suspeita é de que o recurso foi usado propositalmente com a intenção de causar incômodo no telespectador já que os olhares de tristeza foram substituídos pela palavra “fome”.

Ressalta-se que esse casamento entre o trabalho dos dois repórteres só foi possível por interferência da edição de imagens, no caso Cida Hipólito, que soube empregar todos os recursos, como BG, que pode ser uma música ou som ambiente, além de texto e imagens em um casamento harmônico, aprimorando assim a compreensão da narrativa televisual. Percebe-se que a reportagem fica mais abundante com a inserção das sonoras nas quais a profissional traz na prática exemplos de fundamentos essenciais.

Sonoras que contenham emoção também rendem boas edições. Um choro, uma gargalhada ou uma frase que em tom de desabafo às vezes dizem mais que uma declaração de 20 segundos. Mas é preciso cuidado: a emoção pode ser tanto um instrumento enriquecedor como o caminho para a desinformação. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 104).

Destaca-se aqui algumas amostras dentro deste contexto, como por exemplo, quando o repórter introduz a personagem Das Graças, de Piauí, que assumiu os netos porque a mãe foi em busca de emprego, observa-se que durante parte do depoimento a editora de imagens o ilustra com a bíblia, já que a personagem destaca que o livro é uma fuga para o problema da fome, além das imagens dos netinhos. E ainda, uma outra avó, Rosa do interior de São Paulo, que também assumiu os netos porque a filha foi em busca de trabalho. Ela divide na entrevista a dor em meio as lágrimas de ver os netos introduzidos na pobreza, enquanto parte da sonora é coberta com imagens dos netinhos.

Ainda dentro da análise, trazemos outros recursos que ressignificam a história como por exemplo o BG “no caso de uso de músicas é recomendável o aproveitamento do som ambiente, ou seja, captado no local da reportagem para o BG” (Barbeiro e Lima, 2002, p. 105), estratégia que Hipólito utilizou várias vezes com destaque para o começo da série, no cemitério, enquanto algumas pessoas davam depoimentos sobre a perda das crianças e também enquanto o *off* é narrado, ao fundo, são entoadas a oração do Pai-Nosso e uma música com uma estrofe que enfatiza os anjos. Em outros momentos, são inseridos sobre som, como por exemplo, uma música cantada por um homem em uma feira humilde, fazendo referência à esmola, logo depois de um *off* curto do repórter.

Além da vinheta que já foi citada anteriormente, destaca-se ainda outro recurso visual que são as artes, que trazem principalmente os números, como por exemplo, quando Canellas enfatiza em *off*, e vem enaltecida por meio da tarja, a informação de que no Brasil, a cada cinco minutos morre uma criança, vale destacar que além da arte, as imagens usadas são de uma pessoa fechando o portão, do que parece ser o cemitério. Tem-se ainda o número: 36 Milhões em tarja, para enfatizar o texto do repórter que fala que existem 36 milhões de brasileiros que não sabem quando terão a próxima refeição.

4.3. Uma análise das estratégias sensíveis na Série Fome

Para investigar e contextualizar o objeto, aqui em estudo, foi utilizada a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, que segundo Coutinho (2016)

propõe métodos que ajudam a atestar cientificidade às narrativas e não descarta o olhar dos profissionais que trazem como bagagem a experiência das redações.

[...] os procedimentos metodológicos envolveriam inicialmente a identificação do objeto empírico a ser investigado, e o estabelecimento de eixos e itens de avaliação tendo em vista as questões de pesquisa, o referencial teórico utilizado e ainda, mas não menos importante, os elementos paratextuais que se inscrevem em uma determinada materialidade audiovisual. (Coutinho, 2016, p. 10)

Acredita-se que a técnica de pesquisa dialoga com o trabalho já que, utiliza texto+som+imagem+tempo+edição como unidade de avaliação, por isso, com o aporte do método iremos descrever e interpretar o objeto a partir dessas etapas pontuadas. E a partir de uma concepção mais aprofundada na investigação, pretende-se definir as estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais com o foco no estudo da Série Fome no Brasil, e dentro deste cenário, busca-se identificar quais os recursos narrativos usados para narrar a dor do outro e verificar em que medida o jornalismo utiliza os recursos da narrativa literária das temáticas de tragédias e de assuntos de grande comoção levando em consideração os recursos explorados.

Explora-se aqui principalmente a construção do texto, a escolha das imagens e a edição, dentro do contexto da interpretação, como sugere a técnica de pesquisa que abrangem estes passos abaixo:

1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) elaboração dos eixos de observação e da ficha de análise; 3) Pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/ definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dos dados e, em casos em que há mais de um pesquisador envolvido ou que o volume a avaliar é extenso, sistematizar um material de codificação. (Coutinho e Mata, 2018, p. 12).

Dentro do campo eixos para avaliação e questionamento, assim como sugere o método, pontuamos perguntas direcionadas ao objeto representadas na ficha de análise e focadas no eixo central definido como “estratégias sensíveis”.

Tabela 3 - Eixo de avaliação e questionamentos direcionados ao objeto que é a Série Fome no Brasil, exibida no Jornal Nacional, em junho, de 2001

EIXO AVALIATIVO	PERGUNTAS
Estratégias Sensíveis	De que forma a narrativa é apresentada? Qual a mensagem central da série? Quais as estratégias de autenticação da notícia Quais os recursos com características do jornalismo literário foram identificados no objeto? Qual o impacto das figuras de linguagem no texto? Em que medida o jornalismo utiliza os recursos da narrativa literária das temáticas de tragédias e assuntos de grande comoção?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os questionamentos que abrangem o eixo de avaliação são dirigidos a Série Fome no Brasil, do repórter Marcelo Canellas, e exemplificados a partir de outras análises nos capítulos anteriores. Com o intuito de identificar aqui as estratégias sensíveis adotadas no formato em foco, elegemos uma entrevista ao objeto assim como sugere a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual.

Verifica-se que a narrativa é apresentada por meio de cinco reportagens que têm aproximadamente 21 minutos e trinta segundos. No primeiro episódio, que tem cerca de cinco minutos e trinta segundos, a equipe que contextualiza os cenários do Norte de Minas, Sertão do Nordeste, Sertão da Bahia, Vale do Jequitinhonha e Salvador, dá voz a 18 pessoas. Na maioria, personagens que externam o que é conviver com a fome, além do médico sanitário Flávio Valente que teve sonoras mais extensas abordando a urgência para a erradicação do problema e relatando como a classe média é acomodada em relação a situação.

Na reportagem seguinte, a narrativa traz no contexto depoimentos de seis personagens com destaque mais uma vez para um especialista, o médico Malaquias Batista Filho, que durante os quatro minutos de reportagens esteve em destaque por quase dois minutos mostrando de que forma a deficiência de nutrientes prejudica o crescimento das crianças. Em meio aos cenários exibidos estão a região do Cariri no Ceará e Recife em Pernambuco.

Na terceira reportagem, que tem pouco mais de três minutos, são retratados lugares como São Paulo e Piauí. No mesmo material são contextualizados cinco

personagens, a maioria avós que assumiu os netos e que enfrenta dificuldades como a fome. Já na quarta reportagem, oito pessoas participam com depoimentos nas regiões de Fortaleza no Ceará e em Campo Alegre na Bahia. Durante três minutos e quinze segundos, Canellas mostra os projetos que são desenvolvidos pelas comunidades para amenizar a escassez de alimentos.

Já no último episódio, são lembradas algumas das histórias e imagens com o gancho voltado para as entidades de combate à fome. A reportagem que tem cinco minutos e quase vinte segundos, traz três depoimentos por telefone e entrevistas com sete pessoas. Essa última reportagem mostra como a série focada no problema da fome, suscitou uma mobilização a nível nacional já que conduziu o telespectador até quem vivenciava a dor.

Durante as reportagens, várias estratégias sensíveis foram identificadas, entre elas: dar voz, a quem vivenciava o problema, por meio dos depoimentos, como uma forma de valorização do humano, que segundo Thomé (2021), se configura como uma das estratégias narrativas mais atuais. Durante as reportagens, interpreta-se que Canellas fez isso escutando quem compartilhava aflições e em entrevistas, até com crianças, como por exemplo, na primeira reportagem, quando uma delas conta que viu o bebê que seria enterrado em uma caixa de papelão. Em *off*, o repórter também reafirma o que já foi dito anteriormente em sonora, um dos exemplos, é quando o entrevistado Evangelista questiona ao repórter o que mais poderia fazer pra filha ganhar um pouquinho mais de peso? E Canellas na sequência em *off* complementa: o que mais poderia fazer Evangelista sem roça e sem emprego? Entende-se que Canellas se coloca no lugar dele e traz o questionamento para o telespectador, recurso que pode ser considerado até uma maneira de autenticar a notícia que segundo Piccinin, Reis e Thomé (2020) vai ao contrário do que se cobrava sobre a aura de isenção no jornalismo, identificado também em outro trecho, quando depois de uma entrevista em que a Maria Senhora diz que não se importa em comer farinha e água, e o repórter enfatiza: pelo menos ela come, embora não esteja livre da doença, entende-se este “pelo menos”, como se fosse um alento em meio a miséria. Exemplos onde são verificados também traços dentro de um contexto de uma Sociedade 5.0 com relatos pessoais e uma guinada subjetiva que explora principalmente o campo da emoção.

Durante a análise, buscamos também apontar os recursos com características do jornalismo literário identificados no objeto, outra estratégia narrativa importante que está assinalada principalmente no texto da série que traz uma linguagem mais poética e

humanizada mesmo tratando de uma realidade tão sofrida. Partindo de Martinez (2009), identificamos a veracidade e a qualidade do alto nível de exatidão de informação na série, já que as reportagens trazem dados sobre o problema social contextualizado na época. Entre os exemplos, Marcelo Canellas cita em *off* que no Brasil a cada cinco minutos morre uma criança, a maioria de doenças da fome; os dados também são complementados na entrevista de um médico que fala que o número corresponde a cerca de duzentas e oitenta, duzentas e noventa por dia, o que corresponderia de acordo com a UNICEF, dois boeings 737 de crianças mortas por dia. Outro exemplo é quando as informações em *off*, de que 47% das crianças tem deficiência de ferro, são referenciadas em arte.

A pesquisadora Martinez (2009) também ressalta a importância do estilo e da criação de sentidos, particularidades identificadas na série, já que percebe-se que Canellas escolhe cuidadosamente as palavras que serão usadas no discurso, como por exemplo, quando reconhece a dimensão da vida perdida, das oportunidades apagadas pela fome, em expressões que trazem uma comparação mental necessária para caracterizar a dimensão do que se perde como no fragmento: “Desde o início da reportagem, já se passaram cinco minutos e meio. Na contagem regressiva da fome, mais luto, mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso óbvio tesouro esquecido em lugarejos e favelas.”. Em meio ao discurso, destaca-se ainda a esperança por dias melhores e eventualmente uma solução para o problema, sinalizadas com o uso da produção bem sucedida de leite e mel com a ideia de jorrar, de ser abundante: “Onde havia fome, jorra o leite, jorra o mel.”

A partir dos exemplos destacados e como lembra Proença Filho (1987), o texto literário pode trazer um discurso formulado a partir de uma criação artística como o da série que também está dotada de um jornalismo de subjetividade que, para Moraes (2015), possui atributos como a capacidade de formular discursos críticos, mas com sensibilidade, e mostrar ao telespectador o que talvez ele não queira saber, mas precisa.

Entre os recursos aplicados na série e que podem ser considerados também características do jornalismo literário são as figuras de linguagem principalmente quando se trata da conotação, mesmo o jornalismo tendo como foco a linguagem denotativa, aquela que é fiel ao real. Observa-se no formato audiovisual analisado que essas figuras, como já foram destacadas em um capítulo específico do estudo, quando aplicadas na narrativa trazem no contexto uma informação mais compreensível e impactante para o telespectador. Durante o estudo, identificamos pelo menos sete figuras de linguagem que se enquadram nas palavras, construção e pensamento, como por exemplo:

Tabela 4 - Figuras de linguagem na Série Fome

Figuras de linguagem	Exemplo
Anáfora	onde circula o dinheiro? onde corre a penúria?
Elipse	Povoado de Santa Úrsula, no sertão da Bahia
Zeugma	Os moradores de um bairro pobre de fortaleza pressionaram o governo. Conseguiram mais dinheiro para reforçar a merenda. E de casa em casa, acompanharam os meninos mais desnutridos.
Anacoluto	É a decisão da vizinha, das Graças
Metonímia	A FAO, o braço das Nações unidas para a agricultura e alimentação, diz que o empenho da sociedade é fundamental, mas erradicar a fome, só se melhorarmos a distribuição de riquezas
Metáfora	É a credence dos grotões, bebê que morre vira querubim
Ironia	O governo concorda, a causa principal da desigualdade é a concentração de renda. Mas o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas ligado ao Ministério do Planejamento diz que mesmo assim, há menos famintos

Fonte: Tabela construída a partir da análise.

Percebe-se que ao aplicar os recursos nos textos, Canellas enfatiza ideias repetindo informações, mas sem ser redundante, omite termos e não obedece, em alguns momentos, a uma estrutura gramatical. Estas estratégias deixam a linguagem, que também carrega um sentido figurado, mais simples e envolvente.

Buscou-se ainda analisar em que medida o jornalismo utiliza os recursos da narrativa literária das temáticas de tragédias e assuntos de grande comoção com o foco no objeto que é a série Fome. Verifica-se que por meio do texto e da conduta do repórter diante do entrevistado, traços de humanismo solidário que segundo Becker (2020) traz estratégias que envolvem, por exemplo, uma solidariedade às vítimas de tragédias por meio de atitudes e enunciação, “[...]valorizando uma mediação do telejornal na vida social, fortemente ancorada na defesa dos direitos humanos, frente à fragilidade e ao comprometimento de outros poderes e instituições” (Becker, 2020, p. 213). Uma das situações que se percebe na série, foi durante o encontro do repórter com a lavadeira Maria Rita. No livro JN 50 Anos de Telejornalismo, Marcelo Canellas conta que a equipe

fez uma vaquinha para comprar mantimentos e ainda entrou em contato com a prefeitura para que fosse enviada uma ambulância para atender a mulher. O repórter que tem no currículo produções audiovisuais voltadas para os direitos humanos, conduz as situações e entrevistas com autenticidade (Reis e Thomé, 2023)

Todas essas pontuações acima se enquadram em recursos das Estratégias Sensíveis que, para Muniz Sodré (2016), referem-se às relações e afetação dos sujeitos a partir da linguagem como foi o ponto central da série Fome.

4.4 A Série Fome e seus desdobramentos

O reflexo da Série Fome e o depoimento dos personagens marcaram décadas e impulsionaram outros materiais audiovisuais. No dia 22 de janeiro de 2023, o repórter Marcelo Canellas e o repórter cinematográfico Lúcio Alves fizeram outra reportagem especial sobre o tema para o Fantástico, material que já não se encontra disponível no site do Globoplay, mas pode ser localizado no youtube¹⁷, a partir de uma reportagem feita para o Globo Repórter, em 2003 (material que não foi localizado na íntegra) e da série originária, em 2001. Os repórteres voltaram em alguns locais, visitados há anos, para constatar o que havia mudado depois de tanto tempo e relatar também situações novas diante de um problema antigo, o que no jornalismo conhecemos como *suíte* ou *desdobramento*.

Durante a exibição do material no Fantástico, construído principalmente a partir de testemunhos, as informações relacionadas à fome são atualizadas e ganham enfoque, como por exemplo, já no começo da reportagem quando é destacado que o Brasil voltou ao Mapa da Fome onde seis em cada dez pessoas que vivem em nosso país são atormentadas pelo problema; estatísticas que são reforçadas por meio de entrevistas de profissionais, como uma professora relatora do Inquérito Nacional que detectou o aumento da insegurança alimentar grave que reforça: “essas famílias em insegurança grave, elas ficaram o dia inteiro sem comer ou fizeram uma única refeição”¹⁸. Além de outras referências no assunto, que abordam as internações de crianças por desnutrição, como uma nutricionista do complexo de pediatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um pesquisador de saúde pública da Fiocruz.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R3iXZtvIFy0>. Acesso em 05 nov. 2023.

¹⁸ CANELLAS, M. Reportagem Especial da Fome. Fantástico, Rede Globo, 2023.

Nos dezoito minutos de reportagem no Fantástico, alguns personagens novos também são retratados como Dedê, desempregada e moradora do Rio de Janeiro, que perdeu dois filhos e tem seis crianças em casa e uma geladeira quase vazia. Em um diálogo com a mulher, Canellas questiona: “E como é que você vai fazer?” e ela responde: “Eu ia pedir emprestado pra minha prima”¹⁹. Em *off*, usando uma linguagem repleta de comoção, o repórter complementa: “A partilha da escassez é um hábito que faz do pouco repartido, um laço de afeto”.²⁰

Alguns personagens da série Fome são lembrados como o casal Ana e Evangelista, a filhinha do casal, além do agente de saúde Cirene. Na reportagem para o Fantástico, Canellas volta ao povoado de Santa Úrsula, na Bahia, e se reencontra com Cirene que ainda atuava como agente de saúde.

Figura 18 - O agente de saúde, Cirene, durante a série Fome, exibida em 2001, no Jornal Nacional



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

¹⁹ Idem 3

²⁰ Idem 3

Figura 19 - O agente de saúde, Cirene, na entrevista para o Fantástico, em 2023



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

Durante entrevista, o irmão de Evangelista conta que ele morreu pouco tempo depois de se mudar para São Paulo. Na sequência, o repórter viaja e se reencontra com a viúva Ana, moradora, agora, do interior do Piauí, que vai às lágrimas assim que se depara com Marcelo Canellas.

Figura 20 - Ana, viúva de Evangelista, na entrevista para o Fantástico, em 2023



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

A personagem relembra quando o repórter visitou sua família em 2001 e desabafa sobre as dificuldades que vivenciou desde aquela época. No depoimento, também destaca que a filha Marta, na época da série, uma bebê, foi tentar a vida em São Paulo, para onde o repórter parte em seguida. E durante mais um reencontro, a filha de Evangelista, confessa que a única imagem que tem do pai é a que foi exposta durante a série.

Figura 21 - Marta, filha de Evangelista, na entrevista para o Fantástico, em 2023



Fonte: Print do youtube - JORNAL Nacional 35 anos - série de reportagens: a fome no Brasil. **Alcebíades Alves**, [S.l.], 24 de set. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 05 jun. 2023.

Essa lembrança de Evangelista, Marta, Cirene e Ana nos arquivos, ressignifica a história e evidencia o conceito de Arlette Farge que ressalta que:

“[...] o arquivo é abundante em personagens, mais que qualquer texto ou que qualquer romance. Esse aglomerado incomum de homens e mulheres, cujo anonimato não diminui em nada com a revelação de seus nomes, reforça no leitor uma impressão de isolamento.” (Farge, 2009, p. 20).

Outros personagens também são retomados como a lavadeira Maria Rita que foi retratada e que posteriormente morreu em decorrência de uma parada cardiorrespiratória provocada por pneumonia e desnutrição intensa. Canellas ainda retoma na reportagem do Fantástico, uma visita da equipe ao povoado da lavadeira: “Dois anos depois em 2003,

com o Globo Repórter, voltamos ao povoado de Maria Rita no Vale do Jequitinhonha” “[...]vimos o primo dela, João e a mulher Cida amassando feijão para fazer render e dar de comer aos filhos”²¹. Em depoimento a mulher chora e o marido faz um apelo como verifica-se nos depoimentos abaixo:

- Viver assim nessa vida, ver meus filhos passando necessidade das coisas e não ter o que dar (Cida)
- Não é fácil não né moço, a gente pede pra vê se consigo uma vida melhor, né?! (João) (Canellas, 2003, sem paginação).

Na reportagem especial do Fantástico, vinte anos depois, a equipe de reportagem volta ao local e é destacado em *off*: “Duas décadas depois, estamos de volta ao povoado da Baixa Quente, em Araçuaí, Minas Gerais”²². E na sequência em passagem:

Voltar ao povoado da Maria Rita quase vinte anos depois, dá a estranha sensação de ter voltado no dia seguinte porque apesar do povoado ter crescido um pouco com algumas melhorias, o ano de 2003 parece ter a insistente teimosia de ficar agarrado ao presente, ao agora, como se o 2023, não conseguisse se livrar desse passado sofrido é o que se pode comprovar numa visita ao primo da Maria Rita. (Canellas, 2023, sem paginação).

Canellas narra parte da reportagem em primeira pessoa, como foi feito por exemplo, nesse trecho acima, sugerindo ter até uma aproximação com o telespectador já que este acompanha a reportagem a partir da percepção do próprio repórter.

Ainda durante a reportagem, a equipe reencontra com João e a esposa que continuam vivenciando o mesmo sofrimento de antes: contas apertadas e uma aposentadoria minguada, e ainda mostram que todos os alimentos que têm para passar o mês cabem dentro de uma caixa de papelão. Além dos diálogos com o repórter, outros recursos são inseridos na reportagem, como BG e as imagens impactantes para cobrir os *offs*, como por exemplo, o olhar profundo dos personagens, o enfoque nas roupas rasgadas (com espaços inteiros em falta), os cabelos brancos e os pés castigados pelo tempo e a terra.

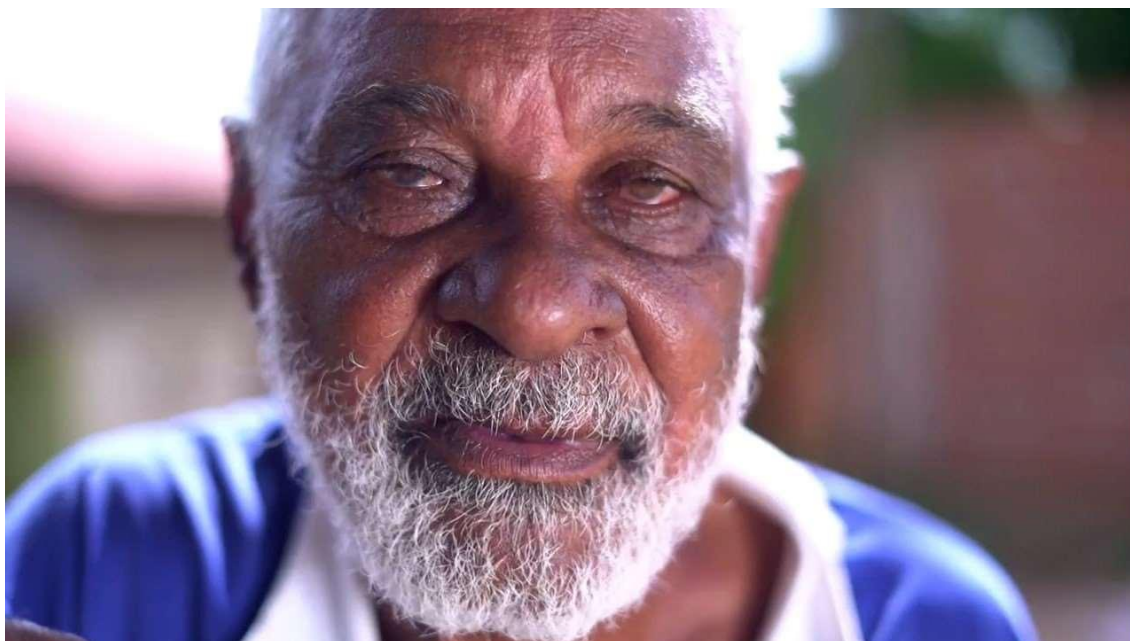
²¹ CANELLAS, M. Reportagem Especial da Fome. Fantástico, Rede Globo, 2023.

²² Idem 6

Um dos testemunhos mais marcantes da reportagem especial vem justamente de um deles na sequência de um *off*: “Aos setenta e quatro anos, João não suporta tamanha incerteza”²³:

- Fica difícil né, eu ando doido pra morrer, eu morrendo eu descanso, descanso dessa vida, né?! Leva pra onde Deus quiser. (João)
- Quem sabe eu venho mais daqui uns anos aqui, vê o senhor, o senhor tá aí ainda, firme. (Canellas)
- Será moço?! (João)
- Éé.. quem sabe né? As coisas melhoram, o senhor melhora de saúde. (Canellas) (Canellas, 2023, sem paginação).

Figura 22 - Personagem João que deu um dos testemunhos mais marcantes na reportagem



Fonte: Print do youtube -Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R3iXZtvIFy0>
Acesso em 05 jun. 2023.

Depois da reportagem ter sido exibida, uma rede de solidariedade foi formada em torno do casal por pessoas que se sentiram comovidas com o depoimento de seu João, e mais uma reportagem que foi exibida pelo Fantástico, na Rede Globo²⁴, duas semanas depois, no dia 05/02/2023, mostrou a ação de um torcedor do Corinthians para arrecadar recursos para os personagens mostrados. A reportagem de três minutos e trinta e sete

²³ Idem 5

²⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11342022/>. Acesso em 05 nov. 2023

segundos da jornalista Francyne Perácio, da Inter TV, lembra a produção de Marcelo Canellas e mostra as doações que o personagem recebeu depois que deu o depoimento que mobilizou o país inteiro. A partir da colaboração da torcida do time de futebol foram arrecadadas 1.356 doações em uma vaquinha virtual, dinheiro que foi usado para comprar eletrodomésticos, comida, e possibilitou inclusive pequenas reformas. Uma rede de solidariedade que foi despertada por meio de uma reportagem mais atual, mas que começou em 2001, e que trouxe do João e da Cida um depoimento diferente dos outros anteriores:

- Às vezes, eu penso que as pessoas, né, não enxerga as coisas, mas têm pessoas que enxerga, né? A realidade né?! (Cida)
- É, e eu tô muito alegre, satisfeito, tô satisfeito, agora eu vou pedir Deus mais um tempo pra ficar aqui né, “ô senhor, o senhor vai me dá mais um tempo, já tá vencendo, mas me dá um pouco de ano a mais né?! (João). (Perácio, 2023, sem paginação)

Essa sensibilidade diante do sofrimento do outro, segundo Sontag (2003), também pode ser impulsionada pela quantidade de imagens recebidas pela pessoa/receptor, e que diante dos estados emocionais suscetíveis, a solidariedade seria a mais simples de acolher. A autora ainda destaca:

A proximidade imaginária do sofrimento infligido aos outros que é assegurada pelas imagens sugere um vínculo entre os sofredores distantes – vistos em close na tevê – e o espectador privilegiado, um vínculo simplesmente falso, mais uma mistificação de nossas verdadeiras relações com o poder. Na mesma medida que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou o sofrimento. Nossa solidariedade proclama nossa inocência, assim como proclama nossa impotência. (Sontag, 2003, p.86).

No estudo de Sontag (2003, p.86) ainda é levantado que “a riqueza de alguns pode supor a privação para outros, é uma tarefa para a qual as imagens dolorosas e pungentes fornecem apenas uma centelha inicial.” E apesar da ressalva da pesquisadora diante da solidariedade, como um sentimento que “confortaria” quem recebe as imagens ou as informações, o depoimento de seu João na reportagem seguinte, contradiz o primeiro e mostra uma mudança de comportamento diante daquela frustração e da dor.

Houve também um reflexo nas redes sociais, só que diferentemente de 2001 e 2003, quando as relações na internet não tinham tanto engajamento ou repercussão como

nos dias de hoje, as postagens e as chamadas para a reportagem especial do Fantástico causaram divergências.

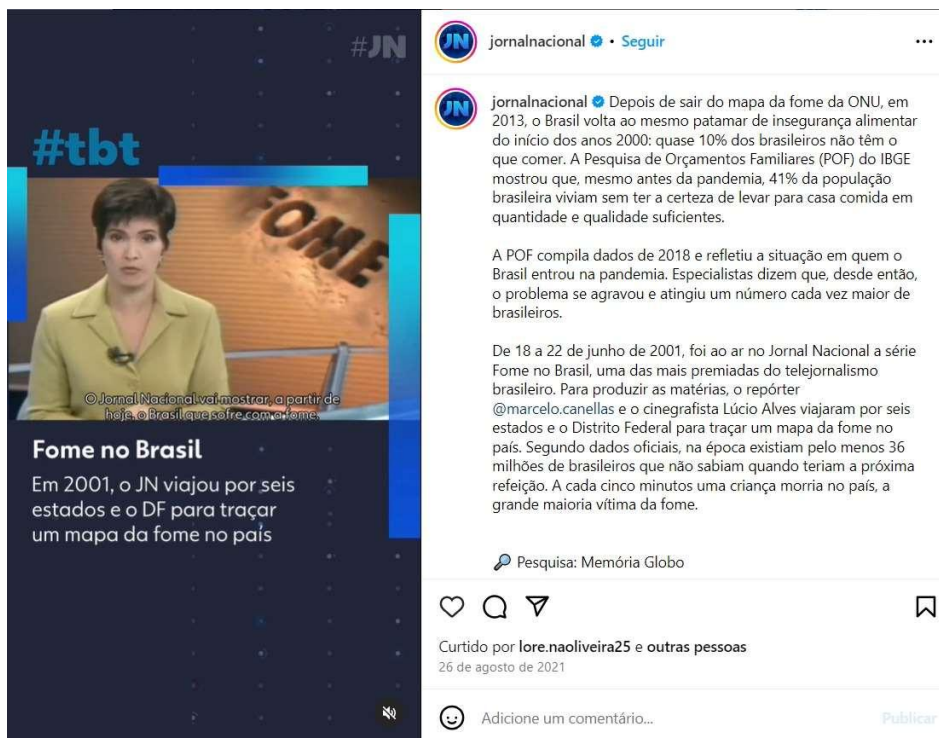
O repórter Marcelo Canellas retuitou a chamada do Fantástico nas redes sociais dele e foi alvo de telespectadores. O site TV Pop²⁵, do dia 24/01/2023, fez uma reportagem sobre o assunto e destacou na manchete: “Jornalista do Fantástico é atacado por mostrar famílias que passam fome”. Na época, Canellas destacou que assim que as chamadas começaram a ser veiculadas, recebeu vários xingamentos e com indagações do tipo: “Para que filmar a pobreza?”.

A reportagem da equipe da Inter TV também ganhou as redes sociais do programa dominical. Foram quarenta e quatro comentários, cento e dezessete compartilhamentos e novecentas e noventa e sete curtidas e mais de trinta e seis mil visualizações. As interações no campo do comentário mostram, em sua maioria, telespectadores felizes e emocionados com a ação social.

Além da publicação no Twitter, o Jornal Nacional, no dia 26 de agosto de 2021, publicou um “#tbt” no Instagram para lembrar a série de reportagens feita por Marcelo Canellas e o cinegrafista Lúcio Alves. O vídeo com três minutos e catorze segundos traz o trecho de uma das reportagens, e na publicação foram quarenta e sete comentários, alguns culpando o governo da época e até a emissora e outros lamentando a situação.

²⁵ Disponível em: <https://www.tvpop.com.br/120286/jornalista-do-fantastico-e-atacado-por-mostrar-familias-que-passam-fome>. Acesso em 05 nov. 2023

Figura 23 - Imagem postada no feed do Jornal Nacional no Instagram como forma de lembrar a série Fome no Brasil



Fonte: Print do Instagram - Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CTCV7mKnl6C/?hl=pt-br>. Acesso em 27 fev. 2023.

Supõe-se que, quando a equipe de reportagem esteve no local para gravar com os personagens citados anteriormente, não imaginou que retornaria décadas depois e o material seria novamente usado para relembrar a história contada e mostrar que a miséria ainda tomava conta do Brasil. Memórias que foram autorreferenciadas pelo próprio repórter, que de uma certa forma, estreitou a relação com o público por causa das redes sociais se configurando em um papel que o deixa como narrador dialógico já que com este tema sobre a fome teve o poder de participar da vida do telespectador com uma narrativa de subjetividade (Reis e Thomé, 2022). Durante a exibição do material, percebe-se a proximidade de Canellas com os entrevistados, seja por meio dos depoimentos relembrando o que viu e o que continua vendo, tentando confortar os entrevistados, por meio de palavras, diante da miséria, e os abraçando como se fossem íntimos. Um repórter que se encaixaria também como um personagem que testemunhou os fatos ao longo de mais de vinte anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que trata as estratégias sensíveis nas séries jornalísticas audiovisuais se debruçou sobre um objeto que se configura como um documento histórico acerca da fome, e que se torna referência neste tipo pauta que, infelizmente, ainda se mantém atual. A série extrapolou os limites de uma produção audiovisual e trouxe para discussão uma maneira mais humanizada e pessoal de fazer jornalismo retratando um assunto que na época, já não era novo e que assolava, e assola, milhões de pessoas em um país onde a distribuição de renda desigual e a falta de políticas públicas estão entre as maiores causas do problema. As cinco reportagens trouxeram na estrutura narrativa recursos com potencial de atingir o telespectador de forma mais eficaz, isso porque foram expostos relatos íntimos de vida principalmente sobre a miséria e a morte.

Os testemunhos tocaram primeiramente o repórter que expôs consternado todo um olhar diante dos mais de quarenta entrevistados, pessoas que se alimentavam de farinha e água, ou pior, não se alimentavam, avós que compartilhavam com os netos as mesmas privações que um dia compartilharam com os filhos, e ainda avós que preferiram entregar os netos para o Estado, o mesmo Estado que nega o direito básico à alimentação. Em cada lugar visitado, a equipe de reportagem trazia o retrato de um povo esquecido e que não tinha o mínimo. Tanto em entrevistas, como no livro JN 50 de Telejornalismo, Marcelo Canellas reafirma que era impossível se manter distante emocionalmente diante de relatos como da lavadeira Maria Rita, vítima da fome e de uma sociedade discrepante. Depoimentos como esse do repórter ressignificam o fazer jornalismo, que por muitos anos e a partir de teóricos, se respaldava de uma objetividade que descartava a visão e interpretação do profissional de comunicação.

Durante a análise do objeto e a partir de referenciais teóricos, o estudo investigou e expôs como foi construída a série, um formato audiovisual usado por muitos telejornais como forma de explorar melhor o assunto a partir de histórias de vida e embasamento fundamentado. Na produção das reportagens, a anatomia narrativa se deu principalmente por meio de uma reconfiguração com espaço para subjetividade e formação de sentidos autorreferenciais com destaque para as linguagens utilizadas, tão marcantes aqui neste estudo. Com empatia, característica importante durante a execução do trabalho jornalístico já que aproxima o repórter do personagem, Marcelo Canellas mostrou que é possível dentro dos parâmetros considerados éticos conduzir a narrativa externando sentimento de humanidade, como por exemplo quando questiona o telespectador o que

mais poderia fazer o entrevistado sem roça e sem emprego? Ou afirmar que as crianças de tão desnutridas podem morrer de causas absurdas como de frio. Além de discorrer sobre um problema social preocupante, Canellas narrou a dor de cada personagem de maneira única e respeitosa, se configurando, como defendem pesquisadores, em uma linha de humanismo solidário (Becker, 2020) e estratégia de subjetivação (Thomé, 2021).

Na série, em meio a análise sobre as estratégias sensíveis utilizadas na construção da narrativa, identificamos no texto particularidades do jornalismo literário que além de ser marcado pelo estilo e a voz autoral, traz uma adequação vocabular seduzindo o leitor, neste caso o telespectador, principalmente pela palavra. Mesmo retratando um problema social, o repórter utilizou termos poéticos como, por exemplo, quando se refere a um cemitério de anjos, a bebê que morre vira querubim ou quando diz que o médico, Malaquias, tem nome de profeta. Mesmo a linguagem denotativa, aquela que é fiel ao retratado, sendo o foco do trabalho do jornalista, na série, Canellas traz para os *offs* e também para os diálogos construções com viés conotativos, comuns também na literatura. Ele elabora a narrativa e deixa evidente uma estética mais atraente e cativante por meio das figuras de linguagem, recursos linguísticos, que durante o estudo foram analisadas.

A análise da presente pesquisa, após a decupagem das reportagens da série, identificou pelo menos sete figuras de linguagem como anáfora, elipse, zeugma, anacoluto, metonímia, metáfora e ironia. O uso delas configura uma estratégia narrativa que torna o texto mais persuasivo e até mais acessível ao telespectador que compreende por meio de exemplos claros a informação. Uma amostra de que é possível trazer para o público, de forma equilibrada e responsável, uma estrutura narrativa mais leve sem comprometer a credibilidade das reportagens e sem deixar de lado uma rigorosa apuração. Através do uso consciente dos recursos linguísticos, os jornalistas podem aprimorar a capacidade de envolver o público e transmitir informações de forma eficaz, com o cuidado de sempre garantir que os recursos aprimorem a capacidade de compreensão da mensagem.

A fome interpretada aqui como uma tragédia que pode levar à morte foi contextualizada também por meio de outros recursos como a linguagem televisual, retratada pelo repórter cinematográfico, Lúcio Alves, com a mesma sensibilidade e percepção estética de Marcelo Canellas. Em meio as captações, imagens com sentidos metafóricos, como a cena do céu nublado e o arco-íris, que quando iam ao encontro com o texto demonstravam uma leitura de mundo harmoniosa, como se ali, naquele casamento entre *off* e texto, houvesse apenas um olhar. Outras estratégias também consolidam a

narrativa, entre elas o BG, som usado para ambientar a história, como a oração entoada por um grupo de pessoas que chorava a morte de crianças em um cemitério. Textos, imagens e sons, recursos comuns ao jornalismo que, no trabalho da equipe da série, transmutaram a partir do momento em que foram inseridas estratégias sensíveis com o foco nos recursos linguísticos e subjetivos. Situação que inclusive foi atestada na última reportagem, da série Fome, em que a partir de depoimentos, telespectadores demonstravam, por telefone e em entrevista ao repórter, um comportamento de compaixão e impotência diante de todo um cenário de desamparo, morte e miséria, reações que compactuam uma solidariedade, ou melhor, uma afeição que, segundo pesquisadores, é despertado por causas externas, de fora pra dentro, e que influenciam na emoção.

Décadas depois do primeiro contato com essa realidade, uma nova reportagem veio ao ar retomando a série originária exibida no Jornal Nacional em junho de 2001. Personagens antigos foram entrevistados, já outros, estavam mortos. Assim como sugerem estudiosos, narrativas como estas trazem uma significação histórica, já que os relatos e a forma como foi tratado o problema têm o potencial de permanecer na memória, assim como acontece na literatura e na arte. A miséria e o sofrimento das pessoas expostas na série parecem ter saltado das páginas de um livro como *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, ou *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ou da tela de um quadro como *Os Retirantes*, de Portinari, onde famílias padecem em uma terra infrutífera e sobrevivem a uma realidade que já mata de tão dura.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. DE LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. São Paulo: Elsevier Editora Ltda, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BECKER, B. **Jornal Nacional: estratégias e desafios no seu cinquentenário**. Revista Alceu, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 206-225, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/54>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BECKER, B. **Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a Pandemia da Covid-19**. Revista Lumina(UFJF), v. 15, n. 3, p. 6-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300/23823>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. 1 ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. (2023). **Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência**. Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática, 21(47). <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72173>. Acesso em 28 maio 2023.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em 15 jun. 2023.

CAMPONEZ, Carlos (2002). **Jornalismo de Proximidade. Rituais de Comunicação na Imprensa regional**. Coimbra. Minerva Coimbra. 292 p. ISBN 972-798-048-1.

CANELLAS, Marcelo. **Série Fome**. Jornal Nacional, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 15 jun. 2023.

CARVALHO, Thiago. **Onde nascem os jornalistas: A realidade e as experiências do telejornalismo no interior**. Divinópolis, Artigo A, 2021.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 49. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.

CHIARIONI, Bruno. SACRAMENTO, Bruno. **O repórter na TV: uma história dos programas de grande reportagem no Brasil**. São Paulo. Pimenta Cultural, 2024

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Btarreto Mourão, Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1999.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In Anais do XXXIX Congresso- Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom: São Paulo, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2024.

COUTINHO, Iluska. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade**. In: Cárilda Emerim; Iluska Coutinho; Cristiane FInger. (Org.) Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2018, v.7, p. 175-194

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. **Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), v. 16, 2018 Disponível em:< <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1423/707> > Acesso em: 12 dez. 2023.

COSTA, Tatiana. **O espelho e o bisturi: o jornalismo audiovisual nas reportagens especiais televisivas**. Portugal: BOCC, 2005. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-tatiana_espelho-bisturi.pdf>, Acesso em: 20 de jan. 2024

CUNHA, Sonia Regina Soares da. **A série jornalística televisual: do código verbal ao digital e do genético ao cultural**; Tese doutorado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-26032021-154357/publico/SoniaReginaSoaresdaCunha.pdf> Acesso em 10 ago. 2023.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FANTÁSTICO. **Fantástico deste domingo (22) traz reportagem especial que mapeia o cenário da fome no Brasil**. G1, [S.l.], 19 jan. 2023. Disponível em:< <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/19/fantastico-deste-domingo-22-traz-reportagem-especial-que-mapeia-o-cenario-da-fome-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 30 abr. 2023. (não está mais disponível)

FERNANDES, Livia. **Série de Reportagens – o subgênero especial dos telejornais brasileiros**.In: Intercom – 2016. Disponível em: < <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0291-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas Migrantes: Literatura, Roteiro e Cinema**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: 7Letras, 2010.

HALFELD, Raíza Ribeiro. **Recordar para legitimar**: a memória apaziguada na linha do tempo do site “Memória Globo”. 2020. Mestrado em Comunicação (Dissertações). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11601>. Acesso em 30 nov. 2023.

JORNAL NACIONAL: **50 anos de telejornalismo**. Organização Memória Globo. Rio de Janeiro. Globo Livros, 2019.

MAFFESOLI, Michel, 1944. **Elogio da razão sensível** / Michel Maffesoli ; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998

MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 6, n. 1, p. 71–83, 2009b.

MINAS GERAIS. **Lei nº 23.291, de 25/02/2019**. Institui a política estadual de segurança de barragens. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/23291/2019/>. Acesso em 30 abr. 2023.

MORAES, Fabiana. **O Nascimento de Joyce: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2015.

MUNIZ, Sodré. **As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2016.

MUSSE, Christina Ferraz. THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Telejornalismo e poder: memórias (re) construídas pelo “Jornal Nacional”**. In: **Telejornalismo e Poder**. Cárilda Emerim, Cristiane Finger, Flávio Porcello (Orgs.). Florianópolis: Insular. 2016.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália Sheikha. **O relato testemunhal na cobertura do Jornal Hoje à tragédia de Brumadinho: reflexões a partir dos modos de endereçamento**. Paradoxos, v.6, n.1, 143–159, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/par-v6n1-2021-55873>. Acesso em 01 fev. 2023.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas**. Brazilian Journalism Research, São Paulo, v. 8, n. 2, p.118-134, 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427/385>. Acesso em 01 fev. 2023.

PEREIRA NETO, Vernihu Oswaldo; NEGRINI, Michele. **As coberturas da morte de Senna e da queda do avião da Chapecoense na Rede Globo: reflexões a partir dos mediadores**. Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 1-20, jan. 2018. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/ecom/article/view/2554/1311>. Acesso em 01 fev. 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**. Rio, São Paulo. Ed.Record, 2002.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. **Videoteratura: uma proposta de análise do cronismo na televisão**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 564-585, jan. 2018. ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/6228>. Acesso em 01 fev. 2023.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. **O narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guinada subjetiva**. Rizoma, 11(2), 27-47. 2022

<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/17923>. Acesso em 16 jun. 2023.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. SACRAMENTO, Igor. **Televisão e Memória: Entre Testemunhos e Confissões**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2020.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**: tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

THOMÉ, Cláudia. **Emoção e testemunho no Jornal Nacional: estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela Covid-19**. In: Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/claudia-thome.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022

THOMÉ, Cláudia Albuquerque. **Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio**. 1ª. Ed. Curitiba: Appris, 2015.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. **Reconfiguração das narrativas midiáticas no contexto da Sociedade 5.0**. In: SOSTER, Demétrio; BARBOSA, Karina; PASSOS, MATEUS. (Orgs.). Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Inquietações Diante do Caos. Florianópolis: Insular, 2023, p. 244-264.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque, REIS, Marco Aurelio. **Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo**. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa (PB): Intercom, 2022 <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221021062f4470215f04>. Acesso em 10 jun. 2023.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. **Videoteratura como estratégia do telejornalismo: um olhar epistemológico sobre produtos das emissoras TV Globo e Globonews**. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs.). Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes, Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

THOMÉ, Cláudia Albuquerque; REIS, Marco Aurelio. **Novas funções e competências no telejornalismo regional**. In: COUTINHO Iluska e EMERIM, Cárilda (org). Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões. Florianópolis: Insular, 2009.

THOMÉ, Cláudia. REIS, Marco Aurelio, CARVALHO, Graciele Soares. **Estratégias sensíveis e estética documental nas séries jornalísticas audiovisuais: estudo de caso da série Fome**. In: Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte- MG: Intercom, 2023. Disponível em https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202320501064dd60b20d8ce.pdf. Acessado em 15 jan. 2024

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurelio. **Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores**. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I**. Florianópolis: Insular, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, Delfino Neto da Silva. **Estudo Sobre o Conceito Literariedade, Pensamento Pragmatista e a Estética Popular na Construção da Identidade Cultural na Pós-Modernidade Gênero Hip-Hop/RAP**. Brasília: UNB, 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14357/1/2015_DelfinoNetodaSilvaRosa.pdf. Acesso em 23 abr. 2023.

SHOW DA VIDA. **Há 20 anos, o repórter Marcelo Canellas e o cinegrafista Lucio Alves fizeram uma série de reportagens sobre a fome no Brasil. Agora, Canellas e Lucio voltaram aos mesmos personagens e constataram que - depois de avanços e retrocessos - a situação parece ser a mesma.** #Fantástico. Brasil, 21 jan. 2023. Twitter: @showdavid. Disponível em: <https://twitter.com/showdavid/status/1616812741582372875>. Acesso em 30 abr. 2023. (Material não está mais disponível)

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para Entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia. Ed.Edufu, 2009.

VALIM, Silvia. **O Gênero Telejornalismo Literário: Estudos Sobre a Reportagem Literária na Tv. Brasileira**. Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42941/R%20-%20D%20-%20SILVIA%20VALIM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 24 abr. 2023.

APÊNDICE A - Decupagem Série Fome no Brasil - Exibida no Jornal Nacional em junho de 2001

Repórter: Marcelo Canellas

Cinegrafista: Lúcio Alves

Operador de áudio: Luiz Oliveira

Edição de Imagens: Cida Hipólito

PRIMEIRA REPORTAGEM

Quadro 1: Primeira reportagem exibida em 18/06/2001, no Jornal Nacional

<i>Off</i> / Passagem	Sonora / Diálogo	Imagem	Sobe som
VINHETA DE ABERTURA		Mostra crianças magras, com um olhar perdido, enquanto uma mulher faz uma mistura na panela. A palavra “FOME” entra em letras garrafais da cor preta em cima de um fundo que parece um fogão a lenha em brasa.	Trilha sonora
	“A gente tamo desesperado de fome, não tem amor a nada, não tem resistência pra fazer coisa nenhuma, acredita”. (Diz uma mulher sem identificação).	Enquanto se escuta a sonora da primeira entrevistada da reportagem, não dá pra ver diretamente o rosto dela em enquadramento fechado. As imagens que aparecem são de uma senhora acendendo o fogão à lenha, seguida por outra senhora cozinhando um pouco de feijão	
	“a gente não consegue explicar o que é a fome em si né, só mesmo quando as pessoas passam por ela que é pra poder sentir”. (Fala uma outra também sem ser identificada).	Nesta segunda sonora, não dá pra ver a personagem, mas percebe-se na imagem usada para cobrir o trecho um espaço que se assemelha a uma cozinha já que tem várias vasilhas dependuradas.	
	“Quando meu filho pede um pãozinho, uma rosquinha que é dez centavos que eu não tenho dinheiro, vixe. É aí que meu coração dói. Ô, o corpo chega a rupiar”. (Desabafa um homem).	O entrevistado aparece primeiro na imagem com o filho, segurando uma panela, mas só dá pra ver a água porque o alimento é imperceptível em meio ao ambiente. Depois o homem aparece sentado na porta da casa, desolado, mostrando como fica o pelo dos braços diante do problema.	

<p>MARCELO CANELLAS: (Araçuaí, MG) Uma tragédia a conta gotas, dispersa, silenciosa. Escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto, e aí, a fome vira só número, estatística, como se o número não trouxesse junto com ele, dramas, histórias, nomes.</p>		<p>A imagem do ambiente que o repórter está, mostra um casebre de pau a pique. Do lado externo, quatro pequenas plantas dependuradas.</p>	
	<p>“Meu nome é Antonieta Luiza Alcântara Rodrigues, eu perdi uma criança com nove dias de nascida, fiquei muito horrorizada”</p>	<p>Enquanto a mulher fala, aparece imagem pessoas entrando em um cemitério, depois de um terço, e na sequência um grupo em oração. A imagem que sugere ser da mulher é exibida, mas ela está em silêncio.</p>	<p>som da oração o Pai-Nosso.....</p>
	<p>“meu nome é Maria Pereira dos Santos, perdi uma criança com sete dias de nascida”</p>	<p>Durante a fala percebe-se uma mulher, sugerindo também que seja a personagem rezando, e na sequência o mesmo grupo em oração.</p>	<p>Som da oração do Pai-Nosso e logo depois o canto: “os anjos, todos os anjos..”</p>
<p><i>Off:</i> É a credice dos grotões, bebê que morre vira querubim</p>	<p>“Anjo não tem pecado né, tem pecado é nós, adulto”. (fala um homem)</p>	<p>O off é coberto com a imagem de um homem com a camisa entreaberta e rezando. E a sonora mostra o mesmo homem em um enquadramento mais fechado.</p>	
<p><i>Off:</i> Cemitério só deles, cemitério de anjos. Do norte de Minas ao sertão do nordeste, existem centenas. Ainda assim, ninguém se conforma.</p>		<p>O texto é coberto pela imagem das pessoas cantando, o ambiente fica ainda mais em evidência. Um cemitério simples com muitas cruzes.</p>	<p>Som do canto: os anjos, todos os anjos...</p>
	<p>“se passa bem ou se passa mal, comendo ou sem comer. Mas acho que todas as mães queriam o seu filho ao lado delas” (Conta Maria Alice dos Reis, lavradora)</p>	<p>A imagem foi apenas da entrevistada.</p>	<p>Som do sino ...tocando...</p>
<p><i>Off:</i> Na inversão do ciclo da vida, proeza é criança viva. Bebê recém enterrado é acontecimento banal.</p>	<p>Criança: “passou pra cá, nós viu” Marcelo Canellas: Vocês viram, no caixãozinho? Criança: “Não, uma caixa de papelão”, fala a criança.</p>	<p>A imagem mostra cinco meninos e ao lado, flores em meio a terra. Como se ali, mais uma criança, tivesse sido enterrada</p>	

<p><i>Off:</i> No Brasil, a cada cinco minutos morre uma criança; a maioria, de doenças da fome.</p>		<p>O texto é coberto por uma pessoa fechando o portão do cemitério. A frase “A cada 5 minutos morre uma criança” foi colocada em tarja, chamando ainda mais a atenção para o problema.</p>	
	<p>“cerca de duzentos e oitenta, duzentos e noventa por dia, o que corresponderia, de acordo com a UNICEF, a dois boings⁷³⁷ de crianças mortas por dia”. diz o médico Sanitarista Flávio Valente</p>	<p>Além do médico percebe-se ao fundo um ambiente que se assemelha a um lixão.</p>	
<p><i>Off:</i> Médico, voluntário em campanhas contra a desnutrição e obcecado pelos números, Flávio Valente pesquisou dados oficiais. Existem pelo menos trinta e seis milhões de Brasileiros que nunca sabem quando terão a próxima refeição. Nossa maior contradição.</p>		<p>Enquanto o texto é narrado, é mostrada a imagem do repórter caminhando com o entrevistado, em meio a uma comunidade pobre, onde as pessoas usam charretes para deslocar em ruas sem calçamento. A tarja mais uma vez é usada para “36 milhões”. Na sequência da imagem, uma criança carregando outra em um carrinho de mão.</p>	
	<p>“Nós temos aqui, todas as condições técnicas para garantir a erradicação da fome. E uma enorme acomodação da sociedade, inclusive da classe média, nesse esquema de acreditar que isso é natural. A fome é uma coisa criada pelo ser humano porque ninguém nasceu pra morrer de fome”, diz o médico.</p>	<p>Parte da sonora é coberta com o repórter e o entrevistado caminhando pela comunidade, e logo depois imagem apenas do entrevistado no mesmo ambiente da entrevista anterior.</p>	
<p><i>Off:</i> Povoado de Santa Úrsula, no sertão da Bahia.</p>	<p>Marcelo Canellas: tem um bocado de casa vazia aqui né? Maria Baião: “tem” Marcelo Canellas: abandonada? Maria Baião: “abandonado porque aqui é muito pobre, não tem salário, o povo das casas vão embora. Aqui já teve muita gente, mas o tanto o povo ficar na seca, de fome, se arrancaram, tudinho, quase tudo.”</p>	<p>No <i>off</i>, a imagem mostra o repórter chegando em um ambiente com poucas casas; no local tem três mulheres sentadas e no fundo dois cachorros</p>	

<p><i>Off:</i> Santa Úrsula virou cidade fantasma, Maria só ficou porque recebe pensão. Cirene, também ficou, apesar do salário atrasado, ele tem um compromisso moral.</p>		<p>A imagem para cobrir o <i>off</i> mostra Maria caminhando dentro de uma casa que aparenta estar abandonada. E logo depois Cirene chegando em uma outra casa onde pesa uma criança.</p>	
	<p>“Consegui aumentar uns dois quilos e tá sendo difícil pra eles aqui”. Diz o agente de saúde.</p>	<p>Durante a entrevista de Cirene, dá pra ver um homem de fundo consentindo com tudo que o agente de saúde fala.</p>	
<p><i>Off:</i> Agente de saúde, ele tenta sozinho, conter a mortalidade provocada pela fome.</p>	<p>“Meus meninos nasce tudo fraco sabe, e essa aqui, foi das que nasceu mais fortinho um pouquinho foi ela. Fala Ana Cláudia dos Santos, dona de casa.</p>	<p>Durante a entrevista, a dona de casa está com a criança nos braços.</p>	
	<p>Marcelo Canellas: “Mas ela tem que ganhar um pouquinho mais de peso né?” Evangelista dos Santos: “verdade tem sim” Marcelo Canellas: “Você sabe o que deve fazer pra ela ganhar um pouquinho mais se peso?” Evangelista dos Santos “sei não” Marcelo Canellas: Humhum Evangelista dos Santos: “Mas o que você acha que é pra eu fazer?”</p>		
<p><i>Off:</i> O que mais poderia fazer Evangelista, sem roça e sem emprego?</p>	<p>“O país força, o salário que ele tem é os braço”. Diz Ana Cláudia dos Santos. “E as madeira pra ver se consigo vender, pra comprar o que tem que se comer” Complementa o lavrador, Evangelista.</p>	<p>O <i>off</i> é coberto com a imagem do Evangelista.</p>	
<p><i>Off:</i> Oitocentos quilômetros ao sul, mais um povoado pobre no Vale do Jequitinhonha, Minas. Aqui onde crianças compartilham favas contadas, adultos comem bofe de bode. Maria Rita mal se segura em pé.</p>	<p>“eu tô sentindo é, acho que anemia profunda”. Diz com dificuldades, Maria Rita que é lavadeira.</p>	<p>As imagens do <i>off</i> mostram Canellas chegando no local onde tem pessoas sentadas. Depois, mulheres carregando madeira na cabeça, uma criança pescando bagos de feijão em meio ao caldo de água, e ao lado, tem outra criança sem a parte de baixo da roupa. E em outro ambiente, a personagem Maria Rita, que de</p>	

		tão magra é possível ver os ossos se destacando no corpo.	
	<p>Marcelo Canellas: O médico disse que a senhora tem que se alimentar bem, é isso?</p> <p>Maria Rita Costa: “é”</p> <p>Marcelo Canellas: e a senhora diz o quê pra ele?</p> <p>Maria Rita Costa: “igual eu falei pra ele, onde que eu acho?”</p>	No começo do depoimento, percebe-se Maria Rita se apoiando em uma porta e depois, imagens fechadas do rosto esquelético dela.	
<i>Off</i> O filho não consegue ajudar	<p>Gilmar Costa (cortador de cana) “outubro, pra falar a verdade, eu não já ganhei nenhum real aqui, assim, trabalhando.</p> <p>Marcelo Canellas: de outubro pra cá?</p> <p>Gilmar Costa: “não”</p> <p>Maria Rita costa: nada”</p>	Durante a entrevista do filho, Maria Rita está do lado. Logo depois, Canellas também aparece no enquadramento.	
<i>Off:</i> Vai tentar a vida em uma cidade grande.	“Sair pra lá, e deixar ela doente aí, não sei nem como, o que pode acontecer”. Desabafa, Gilmar.		
<i>Off:</i> A vida na cidade grande, seria melhor? Nos alagados de Salvador, uma pergunta provoca comoção.	<p>Marcelo Canellas: o quê que vai ter hoje no almoço?</p> <p>“entrevistada sorri e não responde”.</p>	Para cobrir o <i>off</i> é usada a imagem de duas crianças caminhando em tábuas suspensas sobre a água. Depois crianças perto do mar com o pôr do sol de fundo, e ainda uma moça com uma mulher ao lado que parece a mãe.	
<i>Off</i> Comoção e constrangimento. Vergonha de dizer que simplesmente não haverá almoço.	“é triste, muito triste, dá medo você de você não ter, deixa lá.” Fala Marinalva da Silva, desempregada.	A imagem usada para cobrir o texto são de duas moças visivelmente constrangidas.	
<i>Off</i> A vizinha tem almoço.	<p>Marcelo Canellas: A senhora acha que esse pirão alimenta?</p> <p>Maria Senhora de Oliveira (dona de casa) “alimenta e é nutritivo”,</p> <p>Marcelo Canellas: É nutritivo?</p> <p>Maria Senhora de Oliveira: “é sim.”</p> <p>Marcelo Canellas: Mas tem farinha e água, né?</p> <p>Maria Senhora de Oliveira “não importa”.</p>	Em cena, uma mulher cozinha o pirão, e logo depois aparece uma criança no começo do diálogo do repórter com a entrevistada.	

<p><i>Off:</i> Pelo menos ela come, embora não esteja livre da doença. Desde o início desta reportagem, já que passaram cinco minutos e meio. Na contagem regressiva da fome, mais luto, mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso obvio tesouro esquecido em lugares e favelas.</p>		<p>Pra encerrar esta primeira reportagem, os repórteres usaram a imagem da criança comendo o pirão com vontade, uma criança brinca com boneca, uma adolescente chora, o portão do cemitério remetendo ao luto e a perda, além de um arco Iris quando se fala do tesouro que faz uma referência a vida humana.</p>	<p>Sino tocando...</p>
---	--	---	------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

SEGUNDA REPORTAGEM

Quadro 2: Segunda reportagem exibida em 19/06/2001 no Jornal Nacional

Off / Texto	Sonora / Diálogo	Imagem	Sobe som
<p>VINHETA DE ABERTURA</p>		<p>Mostra crianças magras, com um olhar perdido, enquanto uma mulher faz uma mistura na panela. A palavra “FOME” entra em letras garrafais da cor preta em cima de um fundo que parece um fogão a lenha em brasa.</p>	<p>Trilha sonora</p>
		<p>crianças cantam enquanto aparece a estátua do Padre Cícero, depois um cacto enorme e o sol se pondo.</p>	<p>Som do canto: “chegou a fome, chegou a peste....</p>
<p><i>Off:</i> Esse ano nem Padre Cícero deu jeito.</p>	<p>“Não tenho milho, não tenho feijão, não tenho coisa nenhuma né, ta tudo durinho” Diz Sérgio Silva, Lavador.</p>	<p>Em cena para cobrir o <i>off</i>, o semblante de um homem com uma casa simples de fundo.</p>	
<p><i>Off:</i> Na terra do padroeiro informal do sertão, o lado mais perverso da fome.</p>		<p>Imagens de mulheres carregando um balde que parece ser de água na cabeça e na seqüência a fachada de uma casa de saúde.</p>	
<p>Marcelo Canellas: (Crato/CE) Mais do que a humilhação, mais ainda do que a dor provocada pela dor das doenças chamadas doenças tradicionais. Esse hospital psiquiátrico, único da região do Cariri no sul do Ceará é a prova de que a fome pode ir além</p>		<p>Enquanto o repórter fala, um homem destranca duas portas que dão acesso ao hospital.</p>	

do mero sofrimento físico.			
			Homem toca violão e canta “menino vem pra dentro, onde a chuva não nasceu”
<i>Off:</i> Delírios e alucinações provocados pelas privações da vida	“Uma grande preocupação é quando chega nesse estágio, com fome mesmo, a doença dele era fome, você pegava assim e era só osso”. Conta, Francisco José Alexandre, enfermeiro.	A imagem é de um grupo de pessoas dentro do hospital.	
	“Hoje no Brasil isso é incontestável né, a deficiência mental por desnutrição”, fala José Abagaro Filho, psiquiatra.		
<i>Off:</i> Um psiquiatra da fome, o doutor Abagaro se especializou em combater alguns tipos de distúrbios provocados pela deficiência de nutrientes	“uma vez ele acometido pelo surto psicótico, o surto né, a fome, a desnutrição agrava”, diz novamente o médico.	O médico anda ao lado de pacientes e tem-se ainda a imagem do semblante de um homem em uma janela. E ainda parte da sonora coberta pelos pacientes.	
<i>Off:</i> Doenças que podem começar cedo			Criança chorando
<i>Off:</i> No instituto materno infantil do Recife, mulheres com histórias comuns	Marcelo Canellas: A senhora teve quantos filhos? Maria Cecília Ramos (lavradora) “treze, treze filhos”. Marcelo Canellas: “Quantos morreram?” Maria Cecília Ramos: “morreram nove, quando eu vou contar aí com, os hospital, já não tem mais jeito. Morre no caminho, dentro das ambulâncias. Um mesmo morreu nos meus braços”.	No <i>off</i> , imagens de mulheres com bebês no colo.	
<i>Off:</i> De fato, as crianças chegam tão fraquinhas que podem morrer das causas mais absurdas	“Hipotermia, temperatura baixa”, fala a médica, Ana Cleide Montarroyous.	Imagens de crianças são usadas para cobrir o <i>off</i> .	

	<p>Marcelo Canellas: Que dizer que ela pode morrer de frio?</p> <p>Ana Cleide Montarroyous. “Pode morrer por temperatura baixa”.</p>		
<p><i>Off:</i> Sobreviver já é vitória. Mas o que pode acontecer com um bebê de pouco mais de três quilos?</p>	<p>Marcelo Canellas: Peso de um recém-nascido?</p> <p>Ana Cleide Montarroyous: “De alguns dias”</p> <p>Marcelo Canellas: “E ela já está com cinco meses?”</p> <p>Ana Cleide Montarroyous: “já tá com cinco meses e toda essa desnutrição tem uma repercussão no bem estar do organismo.”</p>	<p>Durante o diálogo, aparece um bebê visivelmente desnutrido com a mãe.</p>	<p>Bebê chorando.</p>
	<p>“formas discretas de deficiência de ferro já podem levar a um comprometimento do desenvolvimento mental” (Malaquias Batista Filho, médico).</p>		
<p><i>Off</i> Médico com nome de profeta. O doutor Malaquias teme pelo que pode acontecer amanhã.</p>	<p>“nós estamos praticamente diante de um aviso prévio da morte quando encontramos determinadas formas de desnutrição”, fala novamente o médico.</p>	<p>As imagens são do médico caminhando em meio a uma comunidade carente e examinando crianças.</p>	
<p><i>Off</i> Pesquisador de renome, especialista em nutrição, mais de trinta anos investigando as deficiências na alimentação do brasileiro</p>		<p>Durante as imagens, o médico continua examinando mães e crianças.</p>	<p>Criança chorando</p>
	<p>“nós temos deficiência de iodo, deficiência de zinco, deficiência de ácido fólico”. reforça Malaquias.</p>		<p>Sobe som do médico conversando com a criança: Porque você tá tão quieta, tão paradinha, te botaram de castigo foi?</p>
<p><i>Off:</i> É bater o olho pra saber. A menina pode estar com deficiência de ferro. Um mal que atinge até quarenta e sete por cento das crianças. Inclusive em estados ricos como São Paulo.</p>	<p>“a meu modo de ver, deveria se tornar obrigatório, ao em vez de simplesmente facultativa, a adição de ferro aos alimentos. diz o médico.”</p>	<p>Enquanto o repórter fala o texto aparece a imagem de uma criança, e uma tarja com a arte: DEFICIÊNCIA DE FERRO – 47% DAS CRIANÇAS, como forma de chamar a atenção para o problema.</p>	

<p><i>Off:</i> Antes fosse nosso único problema</p>		<p>Imagem do médico medindo a cabeça de um bebê</p>	<p>Sobe som do médico conversando com a criança: “Opa, deixa eu ver aí, se a cabeça ta crescendo pra ser inteligente”.</p>
<p><i>Off:</i> A deficiência de vitamina A, estaciona o crescimento de famílias inteiras.</p>	<p>“Esta estatura dela é muito baixa, provavelmente não chega a um metro e cinquenta e cinco. Nessa área aqui, nós temos cerca de qualquer coisa como dezoito por cento das crianças com déficit de estatura. Quando tem um atraso, esse atraso no crescimento estatural é praticamente irreversível. Então a estatura praticamente conta toda a história nutricional da criança.</p>	<p>Enquanto o médico fala, é possível ver imagens de crianças baixinhas, sendo medidas, além da tarja aparece mais uma vez pra chamar a atenção para o problema: 18% DAS CRIANÇAS COM DÉFICIT DE ESTATURA.</p>	
<p><i>Off:</i> Equipes da Universidade Federal de Pernambuco tentam mudar o curso dessa história. Medindo, pesando, ensinando a amamentar. A recompensa é rápida. Capaz de reanimar um velho médico em sua luta contra a fome.</p>		<p>Profissionais caminham pela comunidade, logo depois o médico sorri. A mãe sorri e a reportagem é encerrada com a imagem de uma mãe amamentando.</p>	<p>“é assim que se faz”, Se alegra doutor Malaquias com uma mãe;</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

TERCEIRA REPORTAGEM

Quadro 3: Terceira reportagem exibida em 20/06/2021, no Jornal Nacional

Texto	Sonora / Diálogo	Imagem	Sobe som
<p>VINHETA DE ABERTURA</p>		<p>Mostra crianças magras, com um olhar perdido, enquanto uma mulher faz uma mistura na panela. A palavra “FOME” entra em letras garrafais da cor preta em cima de um fundo que parece um fogo a lenha em brasa.</p>	<p>Trilha sonora</p>

<i>Off:</i> Onde circula o dinheiro? Onde corre a penúria?		Enquanto o texto do repórter é narrado, é possível ver a imagem de um prédio escrito: “Avenida Paulista” em meio à imagem da cidade grande, e na sequência, a imagem do sertão.	Som... homem cantando: uma esmola pobre cega, quiser vir no escuridão.
<i>Off:</i> O grito dos milhões, o pregão das migalhas.		Imagem de um local que parece uma bolsa de valores e na sequência, uma feira humilde.	Homem grita: cinquenta um, cinquenta outro, olha um real aqui, enquanto segura uma alface.
<i>Off:</i> O estado mais rico e o estado mais pobre. Diferentes em tudo, São Paulo e Piauí podem ser mais iguais do que se pensa.	“Terreno rico pra nós aqui agora, mas cadê a condição do povo”. Pergunta Maria Paula Alves, lavradora.	Enquanto o texto aparece, tem a imagem da Avenida Paulista, e depois uma imagem fechada da palavra “THERESINA. No segundo período, aparecem pessoas andando de terno e depois, pessoas simples em um casebre e uma senhora andando em meio ao sertão.	
<i>Off:</i> O que acontece com povo pobre em terra fértil? Camponesa no Piauí, Maria compara gente e planta:	“se tiver uma linda rosa na mão, e eu não tiver água pra botar nela, ela vai e murcha. Depois dela murchar, o destino dela é secar e acabar, não é não!?”; diz a lavradora.	A imagem é da camponesa em meio a uma casa de madeira improvisada, perto de duas crianças. E depois cozinhando em um fogão improvisado no chão.	
<i>Off:</i> É a decisão da vizinha, das Graças.	“Mesmo com todo sofrimento, eu não quero sair do Piauí”, confessa Maria das Graças Souza, lavradora.	A imagem da entrevistada aparece na janela, acompanhada por duas crianças.	
<i>Off:</i> A avó que assumiu os netos, porque a mãe deles viajou em busca de emprego. O que fazer quando a fome vem?	“Pego a “bíblia”, vou ler, e aquilo passa. Nunca tive “problema” pra criar meus filhos, o quando vejo meus netos sofridos. Então essa é a minha maior tristeza, que eu carrego na vida”, lamenta Maria das Graças.	Na imagem do <i>off</i> são destacadas duas crianças e parte da sonora coberta com a mulher que lê a bíblia.	
<i>Off:</i> Será que a vida seria melhor longe daqui?		Imagem dos netos de Maria das Graças.	
Marcelo Canellas (Flori-ano, PI) É só uma esperança vaga e às vezes, a única esperança, ir embora, deixar para trás a fome o sertão. A fé religiosa no futuro melhor se transforma na decisão de ir para o sul. Quase	“Eu achava que aqui era melhor pra viver né”.		Som de uma charrete (mas não é possível vê-la). E na sequência o som de um carrinho em cima do cimento, nas mãos de uma criança.

sempre a terra prometida toma a direção de São Paulo			
<i>Off:</i> Parque Grajaú periferia de São Paulo. Rosa chegou há quarenta anos, mas é como se estivesse no Piauí. A avó que assumiu os netos porque a mãe deles viajou em busca de emprego.	“a maior tristeza do mundo é a gente ver o filho ou o neto com fome. E não ter o que pra dar né. Quando não tem fica sem. Faz uma sopa. já vendi até bujão de gás meu pra poder criar meus filhos. Então é duro repor a mãe né?! Agora eu vejo meus netos na mesma caminhada, não é fácil não né. Diz Rosa, enquanto chora.”	Durante o <i>off</i> , se destaca a personagem caminhando no quintal de uma casa humilde e o neto brincando com um carrinho no chão. Enquanto ela fala, mostra a imagem dela, rodeada por uns oito netos, no momento em que faz uma sopa.	
<i>Off:</i> Decisão extremada tomou dona Angelina de tanto ver os netos com fome, os levou para o juiz de menores.	Marcelo Canellas: A senhora tá separada deles? Maria Angelina dos Santos (dona de casa): “Tô, mas tô feliz porque estão bem, tão comendo, bebendo, dormindo, tudo direitinho, então a gente sempre vai lá e vê o carinho “dum fio””. Conta, entre lágrimas.	Na imagem do <i>off</i> , a dona de casa aparece conversando com o repórter.	
<i>Off:</i> Os netos de Angelina estão no abrigo, mas não há vagas para todas as crianças do bairro.	“o dia inteiro sem comer, e olhar pra cara dessas meninas e não ter o que dá. Eu quero sair correndo, eu quero sair correndo, ai ligo meu som, fico ouvindo música, daí, eu sabe.”	Imagens de crianças correndo e abraçando adultos.	Som da música no rádio: “pra poder encontrar comigo...”
<i>Off:</i> A paulista Marli e a piauíense das Graças nem se conhecem, em comum, a extrema pobreza e uma força tirada do afeto, inesperada e surpreendente.	“a alegria da vida mesmo é os obstáculos que a gente conta no dia a dia. E vai superando”, fala, Marli.	Imagem das duas personagens.	
	“eu posso não ter nada, mas tenho essas duas aqui que eu amo, eu quero lutar ainda por elas.” diz, Maria das Graças.		

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

QUARTA REPORTAGEM

Quadro 4: Quarta reportagem exibida em 21/06/2001, no Jornal Nacional

Texto	Sonora / Diálogo	Imagem	Sobe som
VINHETA DE ABER-TURA		Mostra crianças ma-gras, com um olhar perdido, enquanto uma mulher faz uma mistura na panela. A palavra “FOME” entra em letras gar-rafaís da cor preta em cima de um fundo que parece um fogão a lenha em brasa.	Trilha sonora
<i>Off:</i> Uma constatação irrefu-tável, medida e checada.	“nesta creche, nós já de-ctamos 60% de crian-ças desnutridas” fala Su-ziane Martins, nutricao-nista.	Enquanto o repórter fala o texto aparece imagens de crianças sendo pesadas e a sonora coberta.	
<i>Off:</i> Uma premissa inquesti-onável, líquida e certa.	“Os estudos científicos mostram né, criança po-bre tem que se alimentar do mesmo jeito que cri-ança rica”. Afirma a nu-tricionista, Suziane Mar-tins.	Imagens de crianças sendo pesadas e com semblantes saudá-veis.	
<i>Off:</i> Dois argumentos e uma disposição muito firme.	“A gente não tem condi-ções de dar, tem que correr atrás de quem dê e ajude a gente a poder fazer”. fala o pedreiro, Sebastião de Araújo.	Imagens de crianças	
<i>Off:</i> Os moradores de um bairro pobre de fortaleza pressionaram o governo. Conseguiram mais di-nheiro para reforçar a merenda. E de casa em casa, acompanharam os meninos mais desnutri-dos.	“No final a gente conse-guiu recuperar doze cri-anças, quer dizer, foi uma vitória muito grande, eu me senti muito bem com isso”. Comemora a agente de nutrição, Fátima Pe-reira).	Imagens de uma sala de aula com crian-ças, e depois elas, com um prato de co-mida. E ainda uma mulher visitando ca-sas.	
<i>Off:</i> Assim nasceu o projeto vida, apenas uma das muito iniciativas de combate a fome no Bra-sil.		Quando o repórter fala a palavra VIDA, aparecem crianças pequenas de mãos dados, simbolizando a força.	

<p>Marcelo Canellas (Brasília): Primeiro pés no chão, caridade ajuda, mas não resolve. Depois um sentimento de urgência. O estado é lento e a fome não espera. Ai vem o resultado, o engenho e a criatividade de brasileiros que arregam as mangas para vencer o desamparo.</p>		<p>A imagem do local da passagem é de uma comunidade visivelmente em estrutura.</p>	
<p><i>Off:</i> Evaldina, ainda lembra, água do sertão tinha dono, só podia apanhar em troca de voto.</p>	<p>Evaldina dos Santos (lavradora) “Tinha gente que não pegava, alguns pegava, outros não pegava”. Marcelo Canellas: “Porque, eles não deixavam”? Evaldina dos Santos: “Porque eles não queriam aceitar a gente pegar, é muito dominante, a água aqui que é a favor do político, porque tem umas pessoas que domina”.</p>	<p>Enquanto ela fala, é possível ver a mulher tirando a água da cisterna ao lado de um homem. E depois, imagem de outras mulheres carregando vasilhames de água na cabeça.</p>	
<p><i>Off:</i> Até que os pequenos agricultores de Campo Alegre do interior da Bahia decidiram, água que cai do céu não tem dono. Duas mil e oitocentas cisternas foram construídas. Um projeto com dinheiro da Holanda. Água para os bichos. Água para a casa.</p>	<p>“Eu fico emocionada de saber como que acontece uma coisa assim, de vim uma sorte dessa pra gente, de ter vindo assim um jeito, dessa água ter chegado. Completa Evaldina.</p>	<p>Na imagem usada para cobrir parte do texto, dá pra ver o agricultor e ao fundo, o céu muito nublado, anunciando a chuva, e depois, um arco íris. Na sequência é exibida a imagem da cisterna e ainda bicos e a personagem levando água pra casa.</p>	
<p><i>Off:</i> Depois da água, a comida!</p>	<p>“a proposta é o bode na roça e a criança na escola”</p>	<p>Imagens dos bodes</p>	
<p><i>Off:</i> O sindicato dos trabalhadores rurais de Retirolândia veio com a ideia.</p>	<p>“Nos daria, quatro cabras e um bode e as mães colocavam as crianças na escola” Explica o representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Noé Carneiro.</p>	<p>Imagem de uma mulher e ainda alguns bodes.</p>	<p>Mulher assobiando</p>
<p><i>Off:</i> Nasceu o Bode Escola, de uma só vez, comida e estudo. Dona Eloísa, ri à toa.</p>	<p>“ahahaha. Eu fiquei muito alegre né. Eles não tinham essa oportunidade e hoje eles tem oportunidade, né”, comemora, Eloísa.</p>	<p>Imagem da personagem tratando dos bodes, as filhas indo pra escola, e ainda, a própria Eloísa exalando alegria.</p>	<p>risada da mulher</p>

<i>Off:</i> Onde havia fome, jorra o leite, jorra o mel	“ me sinto muito orgulhoso em ser apicultor hoje, no sertão nordestino. Diz, Salvador José da Rocha, apicultor.	Imagens do leite sendo retirado da vaca e do mel.	Som de zumbido de abelhas
<i>Off:</i> Agricultores se juntam em associações	“quando a pessoa participa, ele vai mudando a mentalidade” sonora sem identificar nome ou pessoa.	Imagem do mel sendo manuseado e um grupo de pessoas reunido.	
<i>Off:</i> No município de Serri- nha, um banco comunitário de sementes, pra nunca mais precisar de favor	“não depende de prefeitura, não depende de ninguém. Sonora também sem identificação.	Imagem de uma mulher entrando em um local e depois imagem do milho fechada.	
<i>Off:</i> Gente pobre, mas de mesa cheia, de boca cheia. Plena de dignidade. Com um único desejo que um dia, há de se cumprir.	“Que todo mundo tivesse o que comer”, diz a mulher. Neste trecho aparece a mulher, mas ela não é identificada. Marcelo Canellas: quem vocês aqui? Sonora sem identificação: “É”	Para cobrir o texto, foram usadas imagens de crianças se alimentando, e a reportagem encerra com uma criança colocando uma colher de comida na boca.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

QUINTA REPORTAGEM

Quadro 5: Quinta reportagem exibida em 22/06/2021, no Jornal Nacional

Texto	Sonora / Diálogo	Imagem	Sobe som
VINHETA DE ABERTURA		Mostra crianças magras, com um olhar perdido, enquanto uma mulher faz uma mistura na panela. A palavra “FOME” entra em letras garrafais da cor preta em cima de um fundo que parece um fogo a lenha em brasa.	Trilha sonora
<i>Off:</i> No Vale do Jequitinhonha em Minas, crianças dividindo grãos, cidades abandonadas na Bahia, as doenças da escassez em Pernambuco, a população faminta no Piauí, o choro da fome em Salvador ou na periferia de São Paulo. A tragédia unipresente tocou o país. Centenas de telespectadores ligaram para tentar ajudar.		Para cobrir essa parte do texto, o repórter retomou parte das imagens anteriores e que causaram grande impacto como as crianças “pescando” alguns grãos de feijão no prato, uma mãe com o bebê desolada em um hospital e a vó com os netos sem saber quando será a próxima refeição. E por último, a imagem que remete a uma telefonista.	

	(por telefone): “Agonia de você ver uma pessoa chorando e não ter um pedacinho de pão ou alguma coisa pra dar para aquela pessoa comer.”		
	(por telefone): “Eu sou uma formiguinha nessa universo todo. Mas eu acho que se nos unirmos forças, a gente pode estar ajudando esse pessoal. Como não?”		
	(por telefone) “Desde essa hora eu botei na minha cabeça que tenho que fazer alguma coisa pra ajudar. Se não, não vou me sentir bem, nunca mais.”		
<i>Off:</i> Cada pessoa com uma razão, uma imagem que despertou o desejo de ajudar.	“aquele sorriso triste dela, porque foi um sorriso triste, me deixou com vergonha de mim mesma. Aquilo ali foi de desolação, como se um tufão tivesse devastado a minha alma”.	Para este trecho, Canellas retoma a imagem da lavadeira Maria Rita.	
<i>Off:</i> Maria Rita. Terezinha guardou o nome da mulher que viu na TV, queria ampará-la. No dia seguinte ficou sabendo: Maria Rita morreu.	“o que mais penso é, foi muito tarde. Como por aqui tem muita gente passando necessidade, aqui mesmo, pertinho, é só você virar o rosto, você vê que tem alguém necessitando. Vou procurar fazer isso por aqui mesmo”.	Imagem de Maria Rita e da personagem Terezinha.	
Marcelo Canelas: O Brasil tem centenas de entidades de combate à fome de todo tipo. Desde programa de geração de renda, até a adoção de famílias pobres através do um pagamento de uma mesada, uma rede invisível de solidariedade, a espera de adesões.		A passagem foi gravada em um local que aparenta ser uma comunidade em estrutura como asfalto.	
<i>Off:</i> Mas porque será que as pessoas não têm o costume de ajudar quem mora perto de casa?	“em muitos casos seja porque é que não se está assumindo que o problema também tá na nossa porta”	São retomadas as imagens que ilustram os alagados de Alagoas.	

<p><i>Off:</i> Não é preciso ir muito longe. Só a ação da cidadania contra a fome tem mais de mil comitês espalhados pelo país. Além do endereço na internet, você pode ligar para o telefone: 0800-202000. Um fundo das nações unidas para a infância, o Unicef, tem uma lista de entidades que precisam de ajuda permanente.</p>	<p>“Isso tem que ser canalizado de uma maneira não só, apagar o incêndio do momento, porque se não, vai ter um outro incêndio amanhã”</p>	<p>São retomadas as imagens dos personagens da primeira reportagem, como uma senhora em um fogão a lenha e um homem que não tinha uma rosquinha para dar ao filho. Uma arte para chamar a atenção para o número foi usada e ainda, apoio da entrevistada representante do Unicef.</p>	
<p><i>Off:</i> Além do endereço na internet, você pode ligar para o telefone do Unicef no Brasil: 0800-618407. A pastoral da criança parceira do Unicef e da Rede Globo no projeto Criança Esperança é coordenada por Zilda Arnes. Uma brasileira indicada para o prêmio Nobel da paz. A pastoral já funciona em mais de trinta mil comunidades salvando crianças da desnutrição.</p>	<p>“O brasileiro é extremamente solidário, haja visto a pastoral da criança que conseguiu uma solidariedade humana, uma rede de cento e cinquenta mil voluntários”, fala Zilda.</p>	<p>Além das artes para cobrir o <i>off</i>, são usadas imagens de crianças se alimentando e apoio da Zilda Arnes.</p>	
<p><i>Off:</i> Além do endereço na internet, você pode ligar para o telefone da sede da Pastoral da Criança em Curitiba. Código da operadora 41336-0250. A Afal, o braço das Nações unidas para a agricultura e alimentação, diz que o empenho da sociedade é fundamental, mas erradicar a fome, só se melhorarmos a distribuição de riquezas. O Brasil é o vice campeão mundial de concentração de renda. Só perdermos pra Serra Leoa. O país africano.</p>	<p>“O estado tem que criar as condições necessárias para a gente de ser capaz de se alimentar”.</p>	<p>Mais uma vez, percebemos os números sendo enfatizados por meio de arte e o apoio do entrevistado da Afal.</p>	
<p><i>Off:</i> O governo concorda, a causa principal da desigualdade é a concentração de renda. Mas o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas ligado ao Ministério do Planejamento diz que mesmo assim, há muitos famintos.</p>	<p>“Apesar de toda dramaticidade verdadeira, que tá retratada nas matérias, a situação da pobreza no Brasil, ela está melhorando, embora isso pareçam números frios, a mortalidade infantil no país está se reduzindo, está se reduzindo em um ritmo bastante satisfatório.”, diz o representante do Instituto.</p>	<p>Para este <i>off</i>, é usado o apoio deste entrevistado que fala pelo Governo.</p>	

	<p>“Se a gente falar em gente, ainda são um milhão e meio de crianças menores de cinco anos que sofrem desnutrição no Brasil, eu não acho que isso seja um número que a gente possa dizer que é pequeno”, contesta o médico.</p>		
<p><i>Off:</i> O médico Flavio Valente coordena oitenta e sete entidades que lutam contra fome e se dedicam a superar um comportamento comum</p>	<p>“A aceitação que existe por parte da sociedade de que crianças que ainda morram de fome no nosso país e que isso seja considerado natural, ou coisa de Deus. Todos nós somos responsáveis para mudar essa situação. Porque somente no momento em que a gente não aceitar mais isso, é que a gente vai ter a coragem de tomar as decisões políticas que são necessárias pra tomar, pra resolver o problema que é fácil de resolver, não é tão difícil assim de resolver”, ressalta o médico Flávio Valente.</p>	<p>Imagem do médico caminhando. Além de algumas crianças que foram mostradas durante a reportagem.</p>	

APÊNDICE B - Entrevista com Bruna Carriço

Transcrição da entrevista com Bruna Carriço, produtora da TV Integração, realizada pessoalmente em 19 de dezembro de 2023.

Graciele Soares – Há quanto você está na TV. Integração e como você vê o trabalho da produção?

Bruna Carriço - Entrei em 2017, e acredito que a produção é a base do jornalismo, mesmo que o profissional queira atuar em outras áreas como reportagem, edição e apresentação. Ser um bom produtor demanda persistência, além da necessidade de estreitar as relações por meio de uma rede de contatos que não vão garantir a execução da pauta, mas darão o caminho pra isso acontecer. Vejo que a produção é um campo que demanda mais gente já que é perceptível que cada vez mais os jornalistas querem estar no vídeo e não nos bastidores da reportagem.

Graciele Soares – Qual a sua visão sobre a produção de uma série?

Bruna Carriço – O processo de produção de uma série de reportagem é longo e cheio de detalhes, que podem mudar ao longo da apuração dos fatos. Acho que pensar uma série vai muito além da produção, requer o envolvimento de toda a equipe de uma forma mais profunda, já que a proposta precisa ir além dos vts normais executados no dia a dia. A proposta pra este tipo de material precisa ser muito bem planejada, antes de ser executada, para ser algo especial e diferente do que a gente faz. A marcação da entrevista tem que ser planejada com cinegrafista para que eu e ele possamos compreender o ambiente que será explorado nas marcações, além de um planejamento direto com o repórter para que juntos busquemos uma forma de explorar e contar a história de forma diferenciada já que até o texto da série também precisa ser assim.

Graciele Soares – Tem algum exemplo de série que você se recorda pra destacar?

Bruna Carriço _ Em janeiro de 2023 iniciei uma apuração de uma série de casos de estupro de vulneráveis registrados em cidades da região Centro-Oeste de Minas. O levantamento foi motivado por vários questionamentos que levantamos durante uma reunião de pauta, que é realizada semanalmente, com todos os editores e produtores da TV Integração. O número de ocorrências de violência contra criança e adolescentes vinha sendo registrado com frequência nos nossos noticiários. A crueldade em cada caso, muitas vezes cometidos por membros da família da vítima, nos assustava. O primeiro passo para a produção dessa série foi o levantamento de dados. No site da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) consegui as estatísticas dos crimes de estupro de vulnerável registrados em todas as cidades da nossa cobertura. Os registros na cidade de Pará de Minas, em 2022, eram os que mais chamavam atenção. Os índices estavam alto, sendo a cidade do Centro-Oeste com mais casos. Com os dados em mãos, entrei em contato com a Polícia Civil de Pará de Minas. O delegado da pasta explicou que na maioria dos casos o suspeito do crime era conhecido da vítima. Na linha de investigação todos os registros de estupro tinham autoria definida, mas nem todos estavam presos. O delegado foi um dos entrevistados dessa série e deu detalhes sobre as investigações e a conduta do órgão nos casos de violência infantil. Na série com três reportagens definimos por ouvir todos os órgãos envolvidos no processo, desde a denúncia do crime, até o acolhimento da vítima. Nas entrevistas conseguimos explorar de forma criteriosa qual

papel de cada órgão, como Polícia Civil, Conselho Tutelar, Promotoria da Infância e Juventude e do hospital referência em atendimento em casos de estupros na região, que tem até um protocolo para realização de aborto legal. A vítima era amplamente atendida com uma equipe multidisciplinar. Por se tratar de um tema relevante, porém muito delicado, as imagens foram reproduzidas sem expor os menores de idade. Nessa série de reportagem contamos com o depoimento de um jovem que foi vítima de abuso sexual. Um relato forte e impactante. Em casos como esse, a identidade da vítima sempre será preservada. A reportagem tem como finalidade cobrar uma punição por esses crimes cometidos, mas também trazer um alerta. Quem assiste uma reportagem com essa narrativa e está passando por algo parecido ou conhece alguém que esteja numa situação como essa conhece os caminhos de como fazer a denúncia e como a vítima será acompanhada por todos os profissionais. O papel do jornalista é esse: trazer informações relevantes para sociedade.